

ESCREVENDO O PRESENTE

10 ANOS DE NÚCLEO

DE DRAMATURGIA

SESI PARANÁ



Escrevendo o presente : 10 anos do Núcleo de
Dramaturgia SESI PR [livro eletrônico] /
curadoria Lígia Souza Oliveira, Otávio Linhares,
Marcelo Bourscheid. -- 1. ed. -- Curitiba :
Rumo de Cultura : SESI Cultura Paraná, 2020.
PDF

Vários autores

Vários colaboradores

ISBN 978-65-993171-0-1 (Rumo de Cultura)

1. Atores de teatro 2. Dramaturgia 3. Núcleo de
Dramaturgia SESI - Paraná (PR) 4. Núcleo de
Dramaturgia SESI - Paraná (PR) - História 5. Teatro
brasileiro I. Marchioro, Diego. II. Linhares, Otávio.
III. Bourscheid, Marcelo.

20-51287

CDD-792.0981

ÍNDICE

- 
- 8 TEXTO GERÊNCIA DE CULTURA SESI
 - 12 APRESENTAÇÃO VALMIR SANTOS
 - 22 APRESENTAÇÃO DOS CURADORES
 - 28 DRAMATURGIAS:
 - 32 A MAIS ESTÚPIDA DE TODAS AS BATALHAS DE CLAUDIA SOUZA
 - 60 AMÉRICA DE FRANCISCO MALLMANN
 - 76 AQUI DE MARTINA SOHN FISCHER
 - 96 FATIA DE GUERRA DE ANDREW KNOLL
 - 120 HÉRNIA DE VAL SALLES
 - 168 HYERONIMUS NAS MASMORRAS DE LUIZ FELIPE LEPREVOST
 - 188 OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURGO É UMA PORCA?
DE ALAN NORÔES
 - 224 PAISAGENS INSOLÚVEIS DE THIAGO DOMINNONI
 - 254 PEÇA NÚMERO 40 DE BEATRIZ VASCONCELOS
 - 302 PEQUENO INVENTÁRIO DE IMPROPRIEDADES DE MAX REINERT
 - 326 CURADORES
 - 332 ORIENTADORES E INTEGRANTES DO NÚCLEO
 - 342 MOSTRAS DO NÚCLEO
 - 356 CRÉDITOS DAS FOTOS
 - 360 FICHA TÉCNICA





Os dez anos do Núcleo de Dramaturgia do Sesi no Paraná revelam o olhar atento da instituição para a construção e formação de novas dramaturgias, bem como para a renovação de autores capazes de buscar novas linguagens que ressignifiquem o contemporâneo.

Neste período, o programa se tornou um investimento formativo perene, que reafirma o compromisso do Sesi com a cultura como ferramenta de transformação das pessoas e da sociedade.

Expressamos o nosso reconhecimento a todos os coordenadores, produtores, orientadores, mediadores, atores e autores que, ao longo desta década, caminharam conosco na dramaturgia. Foram mais de mil alunos, dezenas de orientadores, milhares de espectadores que enriqueceram a tradição milenar desta escrita criativa.

O desafio deste Núcleo é continuar a formar novos autores que registrem, na história, o que habita em nosso cotidiano com as suas questões sociais, econômicas e culturais.

Que o Núcleo de Dramaturgia do Sesi possa sempre inspirar novas percepções artísticas, servindo como meio de valorização dos autores do Paraná e do Brasil.

José Antonio Fares

Diretor Regional do Senai no Paraná e Superintendente do Sesi e do IEL Paraná



APRESENTAÇÃO

A arte não tem a obrigação (ou a possibilidade) de mostrar de forma direta o mundo mensurável e ordenado, o que não significa que ela não possa transmitir coisas interessantes e verdadeiras sobre ele. Ela pode usar como tema aquilo que escapa à linguagem, à materialidade e à lógica, e revelar, apresentar ou inventar outros mundos ao invadir os bastidores do mundo concreto.

Hajo Eickhoff, historiador cultural alemão

A caneta pode ser mais perigosa que o tiro de revólver? Foi essa, em suma, a acusação que pesou sobre o espanhol Federico García Lorca, fuzilado por fascistas em 19 de agosto de 1936, aos 38 anos. A ditadura do general Francisco Franco não tolerou o poeta e dramaturgo que jamais deixou de adotar a perspectiva humanista em tudo que escreveu. As peças *Yerma* e *A casa de Bernarda Alba*, por exemplo, simbolizam a luta pela liberdade.

Evocar o autor andaluz aqui é uma maneira de evidenciar o quanto a arte viva do teatro é impregnada do espírito da época em que se dá. Pois como falar do estado de violência hoje sem prejuízo da formalização poética?

Em 2019, o ator, figurinista e dramaturgo paranaense Val Salles, de 34 anos, escreveu *Hérnia* imbuído da dor de um país e de sua gente que vive nos centros urbanos, sobretudo comunidades empobrecidas. Na narrativa, uma mãe segura uma bala perdida prestes a atingir o filho menor de idade. Ela o orienta a correr para se safar. Nesse ínterim travam uma conversa tão impossível quanto, triangulada por uma terceira personagem. Os fatos não são explícitos, mas intuídos por livre associação ora a mais prosaica, ora metafísica, com direito a buracos negros, um dos fenômenos mais intrigantes do universo em meio a encurvamentos e viravoltas de tempo-espacô.

Mudando de página, mas não de biosfera, em 2016 o paulista Jhonny Salaberg, então com 21 anos, sintetizou em *Buraquinhos* ou *O vento é inimigo do picumã* o exterminio das pessoas negras por agentes das forças

que deveriam ser de segurança. No drama, um menino de 12 anos sai para comprar pão, é “enquadrado” por um policial que quer saber o que carrega no saco de pão e, a partir daí, empreende corrida desenfreada. Enquanto rememora diálogos com a mãe, ele trepa no poste, caminha pela fiação/ficção e, num piscar de olhos, vai pisar em terras da América do Sul e da África, independentemente de ter o corpo perfurado por 111 balas até o desfecho. Ou recomeço.

Salles e Salaberg chegaram a diagnóstico comum acerca das proporções endêmicas da beligerância no país da “bala perdida”. Os jovens criadores partiram de imersões pedagógicas em distintas instituições de fomento à dramaturgia: respectivamente o Serviço Social da Indústria no Paraná, o SESI PR, que baliza a ação há dez anos, e a Escola Livre de Teatro de Santo André, a ELT, mantida pela Prefeitura da região do ABC há trinta anos.

Essencial, portanto, saudar as iniciativas que oferecem gratuitamente os cursos de longo prazo, a primeira advinda do serviço social autônomo e a segunda, da instância pública. Ambas corroboram a máxima lorquiana segundo a qual “Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não está morto, está moribundo”. Vide a relevância das redes de difusão e de formação artística nas políticas públicas de França, Alemanha, Inglaterra e da própria Espanha. Tal prioridade surgiu após o dilaceramento de vidas e do tecido social na Segunda Guerra Mundial. Esses países europeus somam centenas de centros culturais regionais que abarcam múltiplas expressões em arte, inspirando outras nações em desenvolvimento, como na região latino-americana.

Celebrar a primeira década do Núcleo de Dramaturgia mantido pelo SESI PR, portanto, é um trunfo civilizatório que os paranaenses, espera-se, têm razões para saudar, inclusive pela extensão de suas atividades a municípios do interior. A escrita para a cena é simbiótica da tradição literária do Estado que acolheu as obras de Helena Kolody, Dalton Trevisan, Valêncio Xavier, Paulo Leminski, Manoel Carlos Karam, Wilson Bueno, Domingos Pellegrini, Edson Bueno, Cristóvão Tezza, Luci Collin, Mário Bortolotto, Maurício Arruda Mendonça, Cesar Almeida, entre outras vozes, boa parte delas autodidatas, perpassando a prosa, a poesia e o teatro.

Se o final do século XX destronou de vez as clássicas unidades de ação, de tempo, de lugar e de consciência das personagens na composição de peças destinadas a palcos invariavelmente frontais, o limiar desta terceira década do século XXI tem sido pródigo em escrituras que se permitem driblar a hierarquia narrativa e suscitar encenações em espaços não necessariamente teatrais. Formatos de linguagem e abordagens convidam os públicos a fruir a leitura ou o espetáculo enquanto experiência multidirecional. Potencializam as vias do afeto, do convívio e da consciência crítica em relação às causas identitárias, para citar três parâmetros perceptíveis nos campos de invenção urgentes.

Hérnia e mais nove textos reunidos neste Escrevendo o presente - 10 anos de Núcleo de Dramaturgia SESI PR são a fortuna estética do pensamento construído paulatinamente pela gerente de cultura da entidade, Anna Zétola. Gestora desde 2008, com bagagem de atriz, diretora e produtora, ela implantou a ação formativa no ano seguinte. Desde então, equilibrou as demandas institucionais e pedagógicas com vistas à estruturação do curso anual. Atravessou diferentes fases para ver a equipe sistematizar procedimentos que o meio artístico-cultural de Curitiba ainda não havia experimentado. Afinal, metodologias e técnicas em prol de uma didática em dramaturgia estavam por ser aprofundadas em nível nacional nas regionais do Serviço Social da Indústria. Em São Paulo, o Núcleo de Dramaturgia do SESI fora instituído em 2006 e o seu congênere fluminense, a partir de 2014.

Não deixa de ser um alento reconhecer que, historicamente, o setor industrial do Brasil não ignorou o direito de acesso à cultura por parte de seus trabalhadores, familiares e comunidades no entorno de cada unidade. Nesse sentido, vale lembrar do pioneirismo do próprio SESI paranaense ao estabelecer a Escola de Arte Dramática, a EAD, entre 1956 e 1960, possivelmente influenciado pela homônima fundada na capital paulista em 1948 e depois anexada à USP.

Estudaram na EAD de Curitiba a atriz e diretora Nitis Jacon, idealizadora do Festival Internacional de Teatro de Londrina, o Filo, e o ator e diretor José Maria Santos, que hoje batiza uma das principais salas da cidade.

Ainda na esteira do protagonismo da entidade patronal, o Estado de São Paulo guarda na memória dois gestos de cidadania afins. A inauguração do Teatro Popular do SESI, em 1977, em plena Avenida Paulista, com o espetáculo Noel Rosa, o poeta da vila e seus amores, texto que Plínio Marcos escreveu a partir da obra e da biografia do autor do samba *Com que roupa?*. E o pioneirismo na oferta de cursos livres de iniciação ao teatro para crianças, jovens, adultos e idosos por meio do Núcleo de Artes Cênicas, o NAC, instituído desde 1987 em centros de atividades do SESI SP na capital e no interior, lá se vão mais de três décadas.

Nesse contexto, os vínculos com a arte e a cultura, como se vê, são dos mais longevos.

Como em quase tudo na vida, o desafio de criar o Núcleo de Dramaturgia paranaense não estava exatamente no pontapé, mas na continuidade: como perseverar?

Em sua trajetória autoral, por assim dizer, o projeto ajudou a inscrever novas percepções acerca da produção teatral em Curitiba, espraiou-se por outras cidades e, em alguma medida, serviu de laboratório para o advento dos Núcleos Criativos por meio dos quais a entidade passou a proporcionar, além da linguagem em artes cênicas, formações em artes visuais, audiovisual, música, game, moda e design.

Em 2009, a capital conhecia projeção no panorama do teatro nacional por causa do festival que levava seu nome, organizado pela iniciativa privada havia 17 anos, mas ainda não contava com cursos livres ou regulares de fôlego e focados em dramaturgia. Curiosamente, um edital público com o nome do diretor e autor Oraci Gemba já destinava bolsa de produção ou fomentava a literatura dramática. Na educação formal, havia o curso de teatro na então Faculdade de Artes do Paraná (FAP), com habilitações em atuação e direção, mais licenciatura. E cursos técnicos de ator na Universidade Federal do Paraná e no Colégio Estadual do Paraná. Já em nível informal, constavam a Escola do Ator Cômico, o Pé no Palco, o Teatro Lala Schneider/Cia. Máscaras de Teatro, entre outras ações independentes. O primeiro ano do Núcleo abrigava cerca de 30 participantes, divididos à metade nas turmas da tarde e da noite. O embaralhamento intergeracional

de aprendizes incluía iniciantes ou já vocacionados para o estudo e a pesquisa nas artes da cena e atuantes até os dias que correm: Alexandre França, Andrew Knoll, Diego Fortes, Ligia Souza Oliveira, Luiz Bertazzo, Luiz Felipe Leprevost, Luiz Henrique Dias, Marcelo Bourscheid, Max Reinert, Olga Nenevê e Otávio Linhares, entre outras e outros.

Desse time heterogêneo e deveras interessado em pensar o fazer dramatúrgico, três integrantes figuram nas páginas que seguem como autores (Knoll, Leprevost e Reinert). E três deles assinam a curadoria das peças escritas durante a primeira década e alinhadas em número de dez neste livro-rito (Ligia, Bourscheid e Linhares). Isso denota um moto-contínuo peculiar na história do Núcleo. Atualmente, Bourscheid faz parte da equipe de orientadores enquanto Ligia cuida da coordenação, ela que também foi orientadora e participante. “A gente fez uma escolha curatorial pensando o quanto esses textos são esteticamente potentes”, afirma a dramaturga e pesquisadora.

Ao olhar para trás, ela constata como o Núcleo preencheu lacunas, encarou contradições e conseguiu empreender um trabalho estruturante e aberto a ajustes, sobressaindo o caráter dialógico. Reflete isso a disponibilidade em conquistar interlocução com criadores locais como Fátima Ortiz, Enéas Lour, Edson Bueno, Marcio Abreu, Sueli Araujo e Marcos Damaceno.

Na tessitura dos textos – e do tempo – é possível que o leitor e a leitora identifiquem estéticas influentes do dramaturgo Roberto Alvim (SP), ocupante das funções de orientador ou de coordenador do Núcleo entre 2009 e 2015. O período coincide com a formulação de uma escritura de ambição filosófica, então forjada na prática do grupo dele, o Club Noir. Da mesma maneira, é flagrante a pregnância de outras variantes poéticas não menos autorais, sincrônicas ao Núcleo de Encenação (2012-2015) ou para além dele, em processos de criação mediados por artistas como Georgette Fadel (SP), Grace Passô (MG) e Jé Oliveira (SP), talhados pela cultura dos coletivos. Assim como por professores e teóricos não menos instigadores da cena, a exemplo de Antônio Rogério Toscano (SP) e Stephan Baumgärtel (SC).

No momento, a metodologia maturada conforma 12 participantes no Núcleo. Numa jornada de cinco meses, de junho a novembro, as pessoas se encontram a cada quinze dias para discutir seus percursos criativos. Cinco orientadores são encarregados de acompanhar as práticas da escrita para a cena; suas latências, tentativas, frustrações e refazimentos. Ministradas por expoentes do ofício país afora, oficinas imersivas de nove horas incrementam as trocas de saberes. Essa dinâmica é sensivelmente articulada, desde 2017, pelo Núcleo Produções Cultura e Desenvolvimento, leiam-se Marcia de Moraes e Greice Barros, artistas da Cia. CiaSenhas.

A orientação direcionada tem se revelado uma maneira de dialogar sem estar, necessariamente, vinculado a uma estética, a uma forma de escritura, a um dogma.

“A gente defende ter uma experiência coletiva de escrita individual. Os dramaturgos são atravessados o tempo todo entre eles. Participantes de 2019 já se entendiam como um coletivo de dramaturgos. Encontravam-se independentemente da figura de um proposito. Organizavam ações, retrabalhavam os materiais que resultavam das oficinas. Não existe um movimento, muito menos o imperativo de um tipo de dramaturgia. Quando orientados por profissionais de diferentes perfis, os participantes apresentavam respostas textuais muito diferentes. Isso nos interessa, e não uma maneira modelar de escrever”, argumenta Ligia.

Acerca da mediação como coordenadora, ela busca inspiração na performer e teórica Eleonora Fabião, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nos seus encontros com a turma, Ligia adota o programa de jogos pedagógicos por meio do qual cada autor tem cinco minutos para falar sobre sua escrita a um par interlocutor e ao grupo. Na premissa do texto em processo, cada um se incumbe de ler, conversar, deixar-se afetar ou não, num exercício permanente de aperfeiçoamento. “Além de escrever, as pessoas são responsáveis pelo feedback a respeito da criação do outro e assim depurar o seu lugar de leitor”, explica Ligia. Em outubro, quando já avançaram bastante, a maratona de leituras das primeiras versões finalizadas costuma durar quinze horas. Haja atravessamentos.

A dobra das consciências crítica e autocrítica foi outro tipo de contracena a que o projeto se dispôs com pertinência. Mostras de espetáculos resultantes das dramaturgias incorporaram a prática da crítica por jornalistas e pesquisadores que trabalham em espaços digitais, como Luciana Eastwood Romagnoli e Soraya Belusi, do site Horizonte da Cena (MG), e este que subscreve, do Teatrojornal – Leituras de Cena (SP). A recepção oral ou escrita aos trabalhos pode ser lida como um ato republicano que clama por encontrar, além dos diretamente interessados, espectadores comuns, que não pertençam ao meio teatral. O pensamento crítico, a rigor, carece ser difundido para a saúde de uma sociedade cada vez mais entretida/entorpecida por mecanismos de escape. Deveria ser uma ambição cidadã. Se ao artista implica a dimensão crítica da obra, ao crítico, a dimensão criadora, então ao público conviria flanar pelas duas vias com diligência.

Pródigo em desenvolver parcerias institucionais em distintas passagens de sua história – com o Centro Cultural Teatro Guaíra, o British Council (organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais) ou secretarias municipais de Cultura –, o Núcleo de Dramaturgia SESI PR mostra-se cada vez mais poroso aos artistas, produtores, gestores e aos moradores, ao menos no que tange à cidade-sede. Procedimentos para criar em colaboração e atentar ao espaço público e aos que nele coabitam soam sincrônico a princípios de urbanidade. Em paralelo, e tomara que jamais alheio, trabalhadores da arte e da cultura sentem na pele as tensões da hora brasileira. Seguem obstinados por poéticas e micropolíticas que movem montanhas, singram mares e tudo o mais que der na telha de quem cria dramaturgias.

Valmir Santos

Jornalista, crítico e editor do site Teatrojornal – Leituras de Cena



CURADORIA

C omemorar 10 anos de um projeto de dramaturgia é comemorar a construção de um espaço de encontro. Durante esse período, foram muitos coordenadores, muitos artistas colaboradores, muitas escolas e textos de referência. Porém, quando olhamos para este percurso, para essa última década, o ponto de congruência é o reconhecimento de um espaço onde se pode ler, ouvir, escrever e identificar uma dramaturgia paranaense. Não há na criação do Núcleo de Dramaturgia uma intenção de fundação de uma escrita paranaense. A história do Teatro e da Literatura paranaense está recheada de artistas que se debruçaram e produziram textos tão importantes para a arte no nosso estado. O que há no Núcleo de Dramaturgia é a criação um espaço de reconhecimento, de trocas, de retroalimentação e de coletividade mesmo que na diferença. Mais de 1000 dramaturgos passaram por este encontro. Muitos artistas saíram do Núcleo de Dramaturgia e continuaram a escrever para o teatro. Outros foram encenar, atuar, roteirizar, ensinar, pesquisar ou mesmo, assistir. Ninguém saiu ileso da experiência do Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná. Os 10 textos aqui reunidos demonstram um pouco da pluralidade de artistas e de criações que resultaram deste encontro. São 10 dramaturgias que transitam entre as pesquisas na linguagem, os contextos políticos e sociais, as subjetividades de nossa época, as autoescrituras, as representatividades e as criações de universos.

A palavra criando espaços. A palavra nos criando. A palavra como origem. Que venham os próximos 10 anos do Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná.

Evoé Dramaturgia.

Ligia Souza Oliveira

As dez peças apresentadas nesta edição apresentam um recorte de uma extensa e variada produção dramatúrgica proporcionada pelos dez anos de existência do Núcleo de Dramaturgia do SESI – PR (2009-2019). Como qualquer seleção, a que ora se apresenta possui deficiências, pois acaba cometendo a injustiça de excluir peças e autores que certamente deveriam figurar em qualquer antologia da escrita teatral produzida no período. Porém, além do critério qualitativo, a curadoria realizada buscou nortear-se, na seleção das obras, por outro fundamento basilar: a diversidade. Desde peças que exploram a experimentação radical da performatividade linguística como seu elemento fundante até peças que dialogam de forma inventiva com as estruturas canônicas do drama clássica, temos aqui uma seleção que evidencia a pluralidade de formas expressivas experimentadas pelas centenas de autores que passaram pelo Núcleo de Dramaturgia neste período. A seleção que apresentamos constitui-se em um pequeno recorte, uma pequena peça de um mosaico amplo e significativo formado pela produção deste núcleo de dramaturgos, um projeto que alterou significativamente a cena teatral paranaense e que continuará, nos próximos anos, possibilitando a descoberta de novas e potentes vozes para o nosso teatro.

Marcelo Bourscheid

Dez anos, dez textos. Foi esse o convite que o Sesi-PR nos fez. Poderiam ser vinte, trinta. Poderiam ser todos. O Núcleo teve nesses dez anos um papel fundamental na disseminação da arte da escrita para teatro e todos os textos poderiam ser publicados sem ressalvas tamanha é a importância de um centro de estudos focados em textos como os que tomamos contato durante esse tempo. Espero que os dez escolhidos representem bem a diversidade de pessoas e de ideias que passaram por lá e que de alguma forma marcaram a história da instituição e da cultura teatral paranaense e nacional.

Otavio Linhares





A man with a beard and a hooded coat is singing into a microphone. The image is lit with a red hue.

DRAMATURGIA



A MAIS ESTÚPIDA DE TODAS AS BATALHAS CLÁUDIA SOUZA

"SERÁ QUE UMA MULHER NÃO PODE NEM TENTAR MORRER EM PAZ? " ESSA É A PERGUNTA QUE ESCUTAMOS ALGUMAS VEZES AO LONGO DO TEXTO. NUMA ÉPOCA EM QUE A EXISTÊNCIA DA MULHER ESTÁ EM RISCO DIARIAMENTE, A ESCOLHA POR RETIRAR A PRÓPRIA VIDA TAMBÉM SE TORNA UMA IMPOSSIBILIDADE. ENTRE DEPOIMENTOS QUE BEIRAM OS FLUXOS DE AUTO-ESCRITURA, A DRAMATURGIA DE CLÁUDIA SOUZA NOS CONVIDA À EXPERIENCIAR CATACLISMOS ORA ESTRATOSFÉRICOS E ORA COTIDIANOS. VAMOS MORRENDO AOS POUcos DIA-A-DIA. UMA BATALHA ESTÚPIDA É TENTAR RESISTIR AOS EXTERMÍNIOS QUE ACONTECEM A CADA MINUTO. ALGO MORRE NA GENTE DIA-A-DIA. E ALGO RESISTE, RENASCE, OCUPA SEU LUGAR. "VOCÊS PRECISAM CONTINUAR".

CLÁUDIA SOUZA É BACHAREL EM ARTES CÊNICAS PELA FAP (2008), ESPECIALISTA EM HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE PELA PUCPR (2016) E CURSA HISTÓRIA NA UFPR (INÍCIO EM 2019). ALÉM DE ATRIZ, GERIU ESPAÇOS CULTURAIS INDEPENDENTES EM CURITIBA. DESDE 2014 TEM SE DEDICADO MAIS INTENSAMENTE A PESQUISA EM DRAMATURGIA, INTERESSADA NA SOLO PERFORMANCE, COM DESTAQUE PARA O TRABALHO DESENVOLVIDO DENTRO DA CIA CONTÁGIO (CURITIBA). PARTICIPOU DO NÚCLEO DE DRAMATURGIA DO SESI PR, EM 2018.

Uma mulher olha para o alto

Tenta sintonizar alguma música em um radinho de pilhas

Alguns frascos conta gotas nas mãos

13 bilhões e 700 milhões de anos

Uma criança menor que um átomo explodiu

Uma criança cuja origem é totalmente desconhecida explodiu

Em um milionésimo de milionésimo de milionésimo de milionésimo de milionésimo de segundo

Suas partes expandem-se ainda por todo o Universo conhecido e desconhecido

3 gotas na ponta da língua

Hidrogênio

Gravidade

Estrelas

Hélio

Lítio

Cobre

Ouro

Urânio

Carbono

Planetas

Meu sangue tem gosto de ferro

BOMBAS!

A Lua bate na Terra a 40 mil km por hora

Nos oceanos primitivos

Uma revolução de hidrogênio, oxigênio, carbono, nitrogênio

DNA

Bactérias

Continentes sólidos

Peixes com coluna, mandíbula e membros

Ozônio e florestas

Ovos com casca que mantém o líquido dentro

Carregamos o próprio ovo pelo mundo

BOMBAS!

Cinco vezes nos últimos 500 milhões de anos algum cataclismo extinguiu espécies

Os dinossauros reinaram por 160 milhões de anos

BOMBAS!

A Pangeia

O Oceano atlântico

O abismo entre o velho e o novo mundo

Primatas de mãos flexíveis de cinco dedos

E nós mantemos o fogo firme há 800 mil anos

E começamos a falar

E nos dispersamos sobre a terra

Carregamos o próprio corpo pelo mundo

O pensamento

Cavalos
Rios e trigo, aveia, cevada
Cidades, escrita, exércitos, política
A roda
O ferro
As epidemias
A religião
Árabes
Romanos
Gregos
Egípcios
China
América
África
Astecas, Incas e Maias
Tupis, guaranis, ianomâmis
Açúcar
Estamos programados para desejar

3 gotas na ponta da língua

A escravidão
O motor a vapor
Carvão, gasolina, telégrafo, telefone
A guerra

BOMBAS! BOMBAS! BOMBAS!

Será que uma mulher não pode nem tentar morrer em paz?
Eu não quero mais saber de nada
O mundo é isso mesmo que eu estou vendo e eu não quero
Eu estou tão cansada
Que porra é essa que uma mulher não pode morrer em paz?
Eu quero que o mundo se foda
Eu não vou deixar nenhuma carta
Nenhuma herança
Eu não vou derramar uma gota de sangue por essa gente estúpida
Não existe nada
Eu não quero
Eu não quero nada nada
Foda-se
Eu quero que o mundo exploda e que cada centímetro de vida exploda
Eu odeio a vida e o mundo e todas as pessoas e todas as plantas e todos os animais e todos os fungos e todos os seres microscópicos
Eu não tenho nada a ver com essa bosta que vocês chamam de vida
Que vida?
Que vida?
Que vida?
Foda-se
Eu sou um monte de bosta
Ninguém é bom
Ninguém é bom

3 gotas na ponta da língua

Deus!

Deus!

Eu pensei que dificilmente abrira os olhos hoje

Eu estou apavorada

Eu não quero mais abrir os olhos

Deus!

Você está aí?

Olha as minhas cicatrizes

O meu corpo está fodido

3 gotas na ponta da língua

Há rachaduras muito profundas na minha cabeça

Minha memória é um torniquete

Eu não quis nascer

Eu acho que eu nunca quis

Eu não tive escolha

Nem minha mãe

Quando ninguém mais esperava

Estava lá aquele pedaço de bicho crescendo na barriga de uma
mulher que só sabe chorar

E quando eu nasci do tamanho de uma cadela

Eu não chorava e não queria respirar também

Eu não queria andar nem falar

Eu estava sempre doente

Porque eu era tão frágil quanto a minha mãe

Eu entendi a fragilidade da minha mãe com uma galinha

Eu estava brincando e tinha uma galinha com seus pintinhos
e eu pisei em um dos pintinhos

Foi sem querer

Foi sem querer

Eu senti o pintinho quebrando debaixo dos meus pés

Eu vi a galinha ciscando sobre os seus ossinhos e correndo em
círculos com as asas abertas

Sai correndo

Me escondi dentro de casa embaixo da cama

Uma mão na boca roendo as unhas

A outra mão beliscando a perna esquerda até formar um roxo do
tamanho de uma laranja

Eu comprehendi a galinha

Eu comprehendi a minha mãe

Ela não queria que eu morresse

Respira!

Respira!

Ela me falava

Meu pai me segurava forte

Essa menina não sabe respirar!

Nenhum remédio faz mais efeito

Essa menina não tem imunidade

Essa menina não sabe respirar!

Não chora!

Braço direito

Respira!

Eu não chorava

Eu não chorava

Eu sentia o líquido gelado se espalhando pelas minhas veias

Eu ficava parada segurando o grito enquanto olhava as veias azuis
das minhas mãos quase transparentes

Óleo de amêndoas em jejum

Xarope de chicória dia sim dia não

Eu tinha cheiro de remédio

De antibiótico e de sebo de bicho no peito com ataduras

Eu dormia estática pra eles pensarem que eu tinha um sono
tranquilo

Mas quando eu fechava os olhos

Imaginava uma cobra entrando pela janela

Depois eu sentia a pele úmida e gelada dela debaixo das cobertas

Passando pelos meus pés

Eu sentia a musculatura dela se enrolando na minha panturrilha

Eu não me movia

Respira!

Cada respiração é um último suspiro

A batalha final

Cada célula que ainda respira é um milagre

Até que uma noite quando abri os olhos ela já estava enrolada no
meu pescoço

Ela me sufocava

Depois enfiava as presas no meu braço direito

Eu acordei chorando

Minha mãe sentou na cama e segurou as minhas mãos

Eu não podia ver os seus olhos porque estava escuro

Acho que eu nunca vi os seus olhos

Eu sabia que era ela pela voz

O que dói?

O que dói?

Meu coração

Ela pegou um copo de água e enquanto fazia uma oração pingava
uma vela na água

Olha!

Uma tartaruga!

Uma tartaruga vive 150 anos

150 anos?

3 gotas na ponta da língua

Eu passei horas debaixo do chuveiro

Eu tentei passar dias dormindo

Eu tentei cozinhar e cuidar de plantas

Eu tentei ter um cachorro

Eu tentei colecionar objetos

Eu procurei um médico

Um padre
Um pajé
Cortei o braço
Quebrei a tv
Arranquei maços de cabelo da própria cabeça
Eu tomei mais de 30 comprimidos de uma só vez
Depois vomitei tudo no banheiro
Com a testa partida no azulejo estranho
Eu não conseguia identificar se eram os azulejos da minha casa
Eu não sabia onde eu estava
Cabeça é tão fácil de partir
Há uma rachadura muito profunda na minha cabeça
Eu não quero morrer!
Eu não quero morrer!
Eu gritei
Deus!
Me perdoa!
Sei ser frágil
Sei ser submissa
Sei ser doce
Me deixa voltar pra casa!

Eu preciso voltar para algum lugar eu preciso voltar acho que será uma viagem muito longa eu preciso voltar
Eu gosto quando está quente e começa a ventar eu sei que a tempestade está vindo e eu gosto. Eu gosto da tempestade quando eu estou dentro da minha casa. Uma tempestade acabando com o mundo e eu lá dentro protegida me faz acreditar me faz acreditar que existe um propósito eu esqueço tudo e agradeço por estar viva. Não há uma construção na cidade que eu goste mais do que a minha casa. Meu corpo não me abriga minha cabeça não me abriga. Eu estou sufocando em um corpo que não é feliz. Uma cabeça que não pensa. Eu quero ser um fantasma e não ter mais um corpo pra alimentar um corpo

que não ama e não trabalha. Mas eu ainda quero estar em casa vendo a chuva pela janela e pensando obrigada Deus está tudo bem comigo hoje. Eu quero reencontrar a minha casa. Ter outro nascimento. Outro corpo. Outra vida. Eu quero amar trabalhar e ser feliz. Ter um propósito. Ou explodir.

Meu pai achava que a casa bastava pra me proteger
Ele era acostumado a lidar com búfalos
Achava que eu era frágil demais para a cidade
Era só eu ficar quietinha dentro de casa e rezar que Deus me salvaria
Deus estava me dando provas e se eu fosse boa seria santa

Mas existe o mundo fora
Em volta da casa
Em volta da Terra
O mundo vai encontrar uma rachadura, uma fenda, uma infiltração, um azulejo quebrado
Então o mundo vai fazer as pessoas que vivem na casa e depois também a casa e todas as coisas virarem pó

A casa não me protege de nada, pai
Meu corpo morreria de qualquer forma, mãe

3 gotas na ponta da língua

Deus!
Você lembra quando eu tinha esperança?

Eu amava o ano novo
Eu gostava de ver os fogos de artifício
Da janela do meu quarto
Eu queria ver uma festa!

Mas a cidade estava em guerra
E quando eu me vi completamente sozinha no mundo pela primeira vez
Sem pai, nem mãe e com a casa cheia de rachaduras
Eu peguei uma garrafa de vinho velho no porão quase virando vinagre
Sentei no meio fio da calçada na frente da minha casa
A vizinhança silenciosa
Liguei um radinho de pilhas no menor volume possível
Eu deitei
Olhando o céu e bebendo vinho
desejando que aquelas fagulhas caíssem sobre mim
Que alguma estrela caísse sobre mim
Eu me senti a única mulher viva na Terra

Deus!
Deus!
Eu estou viva, Deus!

Eu queria ser um rio silencioso e cheio de correnteza
Eu queria ser a mulher que se levanta do meio da correnteza
Com dentes fortes, unhas compridas e músculos ágeis
Viva, nua e fértil

Uma mulher conseguiu subir os escombros da cidade
Na beira do rio
Nua
Com jiboias imensas enroladas no corpo
E denunciou os homens que usavam explosivos pra pescar

Era mais fácil, os peixes simplesmente pulavam nos barcos
O resto do povo se contentava com peixes mortos e dilacerados pelas explosões
Os homens apedrejaram a mulher
E abriram sua barriga como se abre a barriga de um peixe

Mas quando os peixes começaram a sumir, o povo começou a ter fome e raiva dos homens
E a acreditar nas palavras daquela mulher morta
Os homens, mais ligeiros do que bagres, inventaram um inimigo sorrateiro que estava destruindo a cidade
Montaram um exército para proteger a fronteira
A guerra explodiu em um milionésimo de segundo

Uma noite, um grupo de soldados
Saiu a procura de vestígios do inimigo, mas no caminho encontraram uma festa
Fogueira
Bebidas
Música
Desceram dos cavalos e resolveram aproveitar a noite
Poderia ser a última noite de suas vidas
Algumas horas depois, um grupo de soldados da base foi enviado para buscar notícias do primeiro grupo que não tinha mais voltado
Chegando no mato encontraram os outros soldados completamente enlouquecidos no meio da festa
Alguns soldados do segundo grupo quiseram se juntar à festa
Outros acharam uma puta sacanagem eles estarem na farra
A discussão se tornou mais explosiva
Tiros!!!
No meio da escuridão!!!
Com soldados bêbados, exaustos e aterrorizados
Ninguém tinha certeza de onde vinham os tiros
Acreditaram que era uma emboscada

Saíram todos à galope gritando desesperados em direção à base
Acreditando que finalmente encontraram o inimigo prometido
Que seria a batalha final
A base tinha ouvido os disparos e estava posicionada para receber o inimigo
Os soldados a galope foram recebidos a bala e revidaram sem entender nada
Eles passaram a madrugada lutando entre si

Na manhã seguinte, o povo encontrou todos os soldados mortos
Ninguém sabia o que aconteceu
Ninguém vivo pra contar a história

Poderia ter sido a batalha final
Mas o medo governa a cidade agora
A cidade está sendo destruída
Qualquer coisa é motivo pra mais tiros e mais explosões
Qualquer frase ouvida pela metade pode ser motivo pra uma execução justíssima
Na dúvida, mate

Eu quis tirar a minha roupa e nadar pelada naquele rio
Mas eu fechei os olhos e vi
Minha mãe derrubando uma xícara de café quente nos próprios pés
Meu pai jogando a xícara de café quente na parede
Você quer ser como aquela puta?

Do outro lado da rua alguma coisa se mexeu
Eu tive que olhar por algum tempo pra entender que era um homem
Ele percebeu que eu podia vê-lo

Eu sorri porque meu corpo queria amar
Nós ficamos parados
Minha cabeça não conseguia pensar
Ele atravessou a rua
Eu ofereci vinho

Faz de conta que é ano novo

Ele acendeu um cigarro e me entregou um panfleto
Aparecia ele com a roupa perfeitamente limpa
Segurando garrafas de leite sobre os escombros da cidade

SENHORAS E SENHORES,
AVISAMOS QUE APESAR DOS TRANSTORNOS
NOSSAS ENTREGAS CONTINUARÃO NORMALMENTE

Eu entendi imediatamente que não era sobre o leite
Mas sobre o transtorno
Ele queria mostrar o próprio transtorno
Ele estava mostrando o transtorno da cidade

Eu quero saber quem você é
Me conta a sua história
Me fala sobre o seu transtorno
Como é o seu nome?

Me fala você sobre o seu, minha princesa

Eu estou fingindo que é ano novo!
Toca a minha pele
Dá pra sentir como estou quente?
Se você não sentir a febre será impossível curá-la
Eu rasgo a pele pra febre poder vazar
Você também pode fingir que é ano novo
Se você rasgar a sua pele isso me emocionará tanto
Ele beijou a minha boca
E nós falamos sobre desejar viver

A gente tentou se salvar
A gente tentou se salvar por alguns anos
Nós reconstruímos as rachaduras da casa com as nossas próprias mãos
E dentro das mãos dele eu podia me ver
Eu estava lá dentro
Protegida como uma santa
Eu disse
Nós vamos ter um filho, meu amor
Nós vamos ter um filho, meu amor

Ele disse
Boa noite, minha princesa
Encantadora de serpentes
Eu estou tão feliz!
Tão feliz!
E a voz dele parecia estar tão longe
Não estava no mesmo cômodo
Não estava no quarto

Não estava na sala
Na cozinha
No banheiro
Parecia mais longe
Mais longe até sumir na cidade

BOMBAS!

3 gotas na ponta da língua

É noite de ano novo outa vez
E eu vou morrer
Meu corpo está fodido
Eu não vou deixar uma carta
Nenhuma herança
Eu vou subir os escombros da cidade
Explodir lá em cima
Como fogos de artifício
Eu vou incendiar a cidade

Eu vou incendiar a cidade

Então tudo será festa outra vez
Uma revolução de hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, carbono

Senhor, essa cidade fede!

Eu vejo as pessoas na rua e ouço um grito dentro delas
A pele é tão fina

A pele é tão frágil

Eu ando pela cidade e começo a me perguntar se esses solos são mesmo férteis

As colunas pesadas que suportam tudo afundando

As colunas das escolas, dos hospitais, dos tribunais

Mato na altura dos joelhos

O passeio público invadindo as construções da cidade

Traças e ratos se alimentando dos papéis

Todo tipo de bicho e de gente se alimentando de lixo e de resto

As igrejas tocam os sinos

Convocando para a salvação

Porque parece que já estamos no juízo final

O terreno é como pântano

Não existe mais rio

Só lodo

E o grito dentro do peito sem poder gritar

As pessoas circulam pelos escombros da cidade como baratas

Sentindo o cheiro, sentindo o gosto do esgoto na língua

A cidade engolirá as pessoas uma a uma

As pessoas estão com fome, estão com sede

Estão exaustas de tanto reconstruir a cidade

E vê-la desabar novamente

Mutirões pela revolução

Mutirões pela caridade

Mutirões pela ordem

E tiros e explosões

Aos gritos de

VOCÊS PRECISAM CONTINUAR

VOCÊS PRECISAM SALVAR A CIDADE

SERÁ UM NOVO ANO

A MUDANÇA CHEGOU

ENCHAM O CORAÇÃO DE ESPERANÇA E TRABALHEM DURO

A CIDADE ESTARÁ AQUI PARA ACOLHÊ-LOS

Nós sabemos que é mentira

Que a cidade nos engolirá

Levará todo o nosso dinheiro e a nossa vida e depois a nossa alma quando afundarmos no lodo completamente vencidos

E nós acreditamos quando uma planta nasce ali no cantinho e já achamos que tem vida

Olha só, que terra fértil!

Porque estamos desesperados

Precisamos de um lugar no mundo

Há algo de muito errado aqui com a cidade

Parece que nos querem mesmo deixar afundar

A gente está pequeno e suportando tudo

Tem pouca luz que chega

Está difícil de enxergar

Tem pouca luz que chega

Eu estou sobre os escombros da cidade

Olhando para um pântano escuro

Eu deito

Olho para o céu

Deus!

Eu não quero mais abrir os olhos

Você está aí?

Você pode me ouvir?

Eu tenho que voltar para algum lugar

Mas não há lugar

A casa está rachando, a cidade está destruída, minhas unhas estão roídas, meus dentes estão caindo, eu não sou fértil, não sei amar, não penso, não trabalho, meus músculos estão moles, os braços retalhados, a perna inteira roxa, eu não consigo respirar

Você está me ouvindo?

Foda-se

Foda-se

Eu tenho o direito de morrer em paz

Eu quero ser um fantasma

Eu ligo meu radinho de pilhas no volume mais baixo possível

Eu fecho os olhos

Eu estou prestes a explodir

A pele é tão frágil

Eu escuto um choro baixinho no fundo da minha cabeça

BOMBAS!

Será que uma mulher não pode morrer em paz?

Eu sinto os escombros tremendo debaixo das minhas costas

As colunas dos escombros começam a tremer ao meu redor

Eu escuto um choro no fundo da minha cabeça

Eu encosto a minha boca no chão

Nos escombros da cidade

Tem alguém aí?

Eu escuto um choro

Eu começo a cavar os escombros

BOMBAS!

Eu escuto um grito debaixo dos escombros da cidade

Eu começo a cavar

Tem uma menina lá embaixo

Ela chora

As colunas começam a cair ao meu redor

Nas minhas costas

Mas eu estou dura

Você consegue sair?

Por aqui

Por aqui

Quanto mais a menina chora mais dura eu fico

Segure a minha mão

Não se mexa muito!

Venha, meu amor

Por aqui, querida
Por aqui
Não se desespere
Não, assim você vai se arranhar
Respira!
Venha, meu amor
Segure a minha mão
Venha, minha menina
Venha, minha menina
Eu estou te segurando
Venha por aqui!!!

Eu peguei a menina nos meus braços
E corri pra casa com ela com toda a força das minhas pernas

...

Tenta sintonizar alguma música em um radinho de pilhas

Ela limpa as minhas costas com uma toalha e água morna
Suas mãos pequeninhas de ossinhos tão frágeis nos meus cabelos

Acorda!
Acorda!
Eu não quero ficar sozinha

As mãos dela são como cócegas

Ela tem um cheirinho
Tão doce
Tão doce
Eu me viro e ela sorri pra mim e bate palmas
Ela é uma festa!
Ela faz chá de camomilas
Um chá bem docinho
Ela está sentada no chão
Cabelo molhado
Enrolada num cobertor
Ela me diz que gosta de tomar banho e que não tem medo de choque porque é forte e rápida
Ela fica curiosa com o telescópio e se dá pra ver a lua, as estrelas, os planetas e o mundo inteiro
Nem tanto, menina
Tem partes que a gente não enxerga ainda
Ela me diz que já viu uma estrela cadente e que o pedido era segredo
Escreva pra não esquecer
Eu pergunto se ela gosta de laranjas e sirvo bolo com calda de laranjas doces
Nós passamos a noite de ano novo comendo bolo e tomando chá de camomila
Ela pergunta qual o meu desejo de ano novo

Não sei, menina
E o seu?
O que você acha que nós devemos fazer nesse novo ano?

Plantar camomilas

Chamomilla recutita

Sintoniza uma música no radinho de pilhas

Ela acha bonito o nome e diz pra gente pegar um pequeno pedaço
de terra pra cultivar Chamomilla recutita, porque isso vai fazer muito
bem para as pessoas. É bom pra rinite, inflamações, insônia, úlcera

Eu acho que é um bom plano e beijo a mãozinha dela

Posso te chamar de mãe?

FIM

Cláudia Souza
Novembro de 2018
(Ouvindo: She, de Alice Phoebe Lou)



AMÉRICA

FRANCISCO MALLMANN

"EU NÃO VOU ME VIRAR". NUM POEMA QUE SE CONSTRÓI NO FLUXO DA ORALIDADE, ENCONTRAMOS UM GRITO, UM MANIFESTO. COMO MANTER MEU CORPO VIVO NA AMÉRICA LATINA? AS MÃOS DE HOMEM PODEM FERIR CORPOS E SUBJETIVIDADES. É SOBRE ESSAS MÃOS MASCULINAS QUE MACHUCAM E MATAM QUE SE FALA NO TEXTO DE FRANCISCO MALLMANN, MAS O TEXTO EM SI REQUER UM CORPO VIVO PARA VERBALIZÁ-LO. ESCUTAMOS ESSA VOZ, ESSE TEATRO NO PAPEL, ESSA DRAMATURGIA DE VOZES AO LER AMÉRICA. UM TEXTO POESIA MANIFESTO TEATRO PERFORMANCE.

FRANCISCO MALLMANN É ARTISTA E PESQUISADOR INTERDISCIPLINAR. GRADUADO EM JORNALISMO E ARTES CÉNICAS, É MESTRE EM FILOSOFIA. É ARTISTA RESIDENTE DA CASA SELVÁTICA E ATUA NA INTERSECÇÃO ENTRE POESIA, DRAMATURGIA, LITERATURA, ARTES VISUAIS, PERFORMANCE E CRÍTICA DE ARTE. PUBLICOU HAVERÁ FESTA COM O QUE RESTAR (URUTAU, 2018) E LÍNGUA PELE ÁSPERA (MEGAMINI, 7LETRAS, 2019). É IDEALIZADOR E EDITOR DO SITE BOCAS MALDITAS – CENA, CRÍTICA E CONTEXTO E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CRÍTICOS DE TEATRO, AICT-IACT, FILIADA À UNESCO.

AMÉRICA
uma *releitura* dramática

porque me quede toda estropeada
porque me encontré absolutamente quebrada tonta
porque todos mis pedazos estaban esparcidos por una calzada de una ciudad
que no me pertenecía nunca me perteneció
porque el lo que era mio era antes
antes antes muy muy antes antes antes aún antes aún muy antes
antes antes muy antes

esto no es una declaración de amor
es una declaración de guerra
de una guerra no declarada por mi
de una guerra que ya estaba cuando llegué

me vi y estaba yo dentro de una guerra no declarada por mi y
porque tierra para mi es otra cosa una cosa muy distinta
y porque esta guerra es antes un sin fin de batallas contra ustedes y contra las
imagenes que tienen de mi
esta guerra también es contra mi propia imagen cuando me acerco de la
ficción sobre la pureza que estan presentando sistemáticamente a mi

una marica en guerra

no quiero y no seré lo que ustedes quieren que yo sea
soy una mancha
una mancha sangrienta y enorme
una mancha que se espalla por tu camino
esta sangre va a ser imposible de limpiar
esta sangre está en su historia en su arte en sus manos

mi sangre es tuya
américa

una soledad transatlántica, SAUDADE. el mar, la cosa toda incendiada por debajo del agua. NÃO NÃO NÃO BRANCO. escoria de continente. podre, muy podrido. SOBRE O SILENCIO DA TRIBO. sobre un suelo tan vasto como herida - un pecho ardiente en dolor. PUNHO EM CHAMA, también, en llama viva, llaga, piedra-pies, PAÇO, DANÇA, una mirada de otro orden. mi cara bicho del bosque, mi cara, BICHA DO MAR, una ofrenda entera retornada, regurgida. la grieta en un mapa trazado en una lanza que no la mía. MINHAS ARMAS SÃO DE OUTRA GEOGRAFIA - CARTA DO SUL del culo del mundo. yo hablo, yo hablo también de aquí. también oigo la voz - yo también sé, yo voy - yo. no hay salida, NÃO, SAÍDA NÃO HÁ - un caminando, un haciendo, un ir. el suelo que te dije, canción, de mucho antes, mucho tiempo otro, otra cicatriz, la misma, aún, el rasgo igual, misma abertura de poro pulmón pecho, misma carne aún MISCIGENADA, cosa otra, muchos años de eso yo yo llegaba, así, la foto, rescate, pero hace cuánto tiempo, en qué barrio congregación, qué lugar asentamiento, niño, yo llegaba, el puerto, la otra, ELA MULHER, mujer desde antes, de siempre, aún tercera vía, una colonia una colonia una colonia una colonia perfume perfume.....

quando você imagina as mãos de um homem desconhecido
você inevitavelmente pensa em mãos que já conhece
ainda que não tenha certeza de quem sejam
são mãos que ficaram no interior de uma imagem
de homem que parece
desconhecido

quando te pedem para imaginar as mãos de um homem
desconhecido
é preciso saber que talvez você encontre
suas próprias mãos
misturadas à essa imagem vermelho-breu
e você logo saberá quais
são as suas porque
elas não são iguais as
mãos de um homem desconhecido
elas são as suas mãos

essas mãos tem um pau
essas mãos tem um pau
um pau essas mãos
um pau

com quantos paus uma canoa?
quantos paus para se pôr na mesa?
quem vai chutar o pau da barraca?

quem vai me dizer que é pau para toda obra?
quem vai dar com o pau?
quem endireita o pau que nasceu torto?
quem vai mostrar o pau, depois de morta a cobra?
quem vai ostentar seu espeto de pau?
quem vai exibir a cara, que é de pau?
quem vai evocar algum santo do pau oco?
quem vai ficar pau à pau?
quem vai descer o pau?
quem vai me pôr em um pau de arara?

quando as mãos de um homem desconhecido
se aproximam e você não tem tempo
de olhar e registrar em detalhes
as mãos de um homem desconhecido
é preciso não preencher as fendas da
imagem com suas
próprias mãos só porque são
as mãos mais próximas que você
conhece

de dentro da vermelhidão é preciso
separar as carnes e jamais
confundi-las

em qual língua o meu choro
em qual língua o meu grito
em qual língua o meu nome

a minha língua qual língua
qual língua a minha mãe
qual língua era essa que agora não sei dizer
em qual língua minha língua saberia se dizer
na língua morta quem morreu

quando as mãos de um homem desconhecido
te rasgam a pele
é preciso não se perguntar
onde estão as suas mãos

o que fizeram para impedir
se prestam para alguma coisa
diante das mãos
de um homem desconhecido
como usá-las para permanecer vivo

se mãos torturadas
também podem torturar
a pergunta foi
se mãos torturadas
também podem torturar
a pergunta foi
se mãos que torturam
aprendem a falar
tortura antes ou
depois de usar as mãos

quando as mãos de um homem desconhecido
te tocam é preciso não intuir que
as suas próprias mãos sabem como se mover
é preciso não responder pelas mãos
de um homem desconhecido
não achar que
as mãos te ferem porque as suas não
sabem ferir
não achar que fosse também você um matador
haveria menos sangue
neste chão

o homem veio até mim
o homem veio até mim
o homem veio até mim
eu não fui até o homem
eu não fui até o homem
eu não fui até o homem
o atlântico em caminho de retorno
o atlântico em caminho de retorno
o atlântico em caminho de retorno

qual guerreiro histórico
escritor brilhantes
que filosofia
mitologia

na fronteira do fundo do mundo
do fim de tudo
qual cartografia
cosmologia
categoria cabe
o meu corpo

ancestralidade de mim
construção de mim
mim em mim
mim de mim
mim pra mim
nós nós nós nós
e mim

quando você imagina as mãos de um homem desconhecido é preciso esforçar-se para não desejar que suas mãos se pareçam com as dele que suas mãos também sejam rápidas e violentas aos golpes de um homem desconhecido é preciso saber que são mãos muito diferentes reforçar que estas são as suas e aquelas são as dele e vocês se dedicam a diferentes gestos que os exercícios são de ordens infinitamente diversas produzindo naturezas opostas

e o que eu sou quem é que vai responder
e o que eu sou quem é que ousa dizer
o nome que se dá qual o nome que se dá
você vai ter que provar a mim
vai ter que me provar o que eu sou

as mãos que lavam mãos
entregam em mãos
são boas mãos
em boas mãos você
está
em mãos reunidas
eles reunidos
daqui eu não passo
morri na contramão
atrapalhando o trópico
câncer de capricórnio

quando te pedem para imaginar as mãos de um homem desconhecido e um homem desconhecido já te rasgou a pele é preciso imaginá-las sem que as suas mãos adentrem a imagem sem que as suas mãos façam parte da imagem

de um homem desconhecido mesmo que por alusão comparação ou proximidade

a ficção da imagem neutra não existe para quem nunca pode interpretá-la e um homem desconhecido seguirá aquele homem de mãos sanguinolentas

que mãos podem fazer desaparecer um corpo
não existe corpo desaparecido
e existe e existem corpos desaparecidos
américa

quando você imagina as mãos de um homem desconhecido é preciso se manter desembaraçado das mãos de um homem desconhecido é preciso dizer estas são as minhas mãos e elas não mataram ainda ninguém

FORMULAR UM DISCURSO
AGUARDAR A PALAVRA
ENQUANTO ISSO
RASGAR COM O DENTE
AS PALAVRAS QUE EU SEI
AS PALAVRAS QUE ME ENSINARAM
AS PALAVRAS QUE ME DESTINAM
AS PALAVRAS QUE ME DESTINARAM
ME DESTINANDO

EU PEGO O DESTINO COM A MÃO
EU ENFIO O DESTINO NA BOCA
EU MASTIGO O DESTINO
E CUSPO O DESTINO
AQUI NESSE
CHÃO
EM QUE EU NASCI
E MORRI

(o homem desconhecido
depois
te apareceu morrendo em pesadelo
e você desejou que fossem
suas mãos a
matá-lo)

quando

de quem é
de quem é essa história
de quem é essa essa essa
história

quando

quando

às vezes não bastam as mãos
para dizer se é um homem
ou uma mulher ou ainda
não homem e não mulher
às vezes as palavras homem
mulher vem sem mãos
às vezes
as mãos precisam dizer
o que são
às vezes não

e agora eu pergunto
por quê?
agora
pergunto
por quê?
por quê?
pergunto
agora
porque

quando te pedem para imaginar as mãos de um homem desconhecido
é preciso devolver a ele toda a
responsabilidade das mãos porque você nunca pediu
que as mãos encostassem em você
atravessassem você
marcassem você
exterminassem você

para poder
não ser morto
é antes preciso
não estar morto
para poder se matar
é antes preciso
que nunca tenham
te matado

para poder se matar
é antes preciso
não estar morto
e nem ter morrido
para poder estar morto
é antes preciso
não ter se matado
e nem ter morrido
para morrer é
preciso ainda
não ter morrido
e nem ter sido morto
antes

combinar sua imagem a imagem
de um homem desconhecido
é duvidar das próprias mãos
é duvidar de si
é duvidar do que fizeram as mãos
as suas e as dele
é culpar as suas mãos e
inocentar as dele
é se violentar uma vez mais

para que existam corpos assassináveis
é preciso que existam corpos engajados no assassinato
e isso significa que
nossas mãos jamais poderiam residir em um mesmo
quadro
porque aqui
ainda e sempre
sou eu quem morro

estão onde as caravelas?
as naus onde estão?
onde puseste as naus?
puseste as caravelas onde?
onde puseste as cruzes?
os espelhos?
puseste onde?
onde estão
fala-me das naus
fala-me das caravelas
fala-me do mar
quantas lágrimas
quantas lágrimas
salgadas
quantas lágrimas de
saudade
pensaste no meu corpo?
de dentro das naus
no meu corpo pensaste?
me diga onde
onde eu estava
em que ponto?
em que geografia
onde puseste as naus?
onde puseste as mãos

combinar sua imagem a imagem de um homem desconhecido
é o que eles fazem quando para se referir ao
homem desconhecido se referem antes a você
como se fosse você quem criou o homem desconhecido
como se fosse você quem criou seu próprio fim
talvez a sua imagem seja a de um corpo caído em uma rua escura
um corpo aberto e ensanguentado
talvez alguém faça uma fotografia das suas mãos

seus dedos enlaçando seus dedos
talvez seja essa a foto da reportagem
que leva só o seu nome no texto
pois o homem desconhecido seguirá
desconhecido

olha a bunda dela
olha o pau dela
olha ela olha ela
olha o buraco dela
olha o buraco dela
olha para ela
essa marica toda
torta índia bruta
olha ela marica bruta
índia ela
olha ela mestiça
mística

olha os olhos dela
a cor dela a pele dela

eu não vou me virar
eu não quero
me resta a recusa
às costas, as minhas costas
recusa
obra de costas
obra de arte de costas
sem me virar

por que reproduzir imagens inimigas?
por que reproduzir imagens de inimigos?
por que escolher o sangue?

qual baía, guanabara,
qual baía, babitonga
qual barriga uma filha para eu parir

qual mão pega a minha mão quando
é dia
quando um beijo
no centro da cidade
quem baterá em retirada
quem abaterá essas bichas
incendiárias
boca na boca na boca maldita

quando um homem desconhecido já te rasgou a pele
e você imagina as mãos de um homem desconhecido
é preciso saber que o mundo
te deve ainda
outras imagens e
outras mãos

é preciso cobrar do mundo
outras imagens e outras mãos

reservar espaço para a sombra
criar aos cacos uma
geografia quase inacessível
se reservar o direito
ao recolhimento
produzir cavidade
no interior da
palavra para
que nela também
resida
o que não se diz
em frente ao inimigo
entregar o discurso
inacabado
ocupar o fundo
de um espaço onde
a ordem que rege
não anseia testar os
limites do exotismo
de uma bicha-que-fala

de uma bicha-que-pensa
apesar de tudo
fabricar o corpo
onde não te alcancem
os olhos da máquina
de morte
ter tempo para se formular
quando não se está
destinado a ser
una cosa muy rara e só
se permitir uma narrativa
destroçada destinada a
ser falha e ruína
avolumando
falha e ruína
habitar o mistério
quando a ti ele é
negado
– especialmente aí
ser o mistério

TU
TU ME DEVES
TU ME DEVES UMA HISTÓRIA
TU ME DEVES UMA HISTÓRIA, AMÉRICA



AQUI MARTINA SOHN FISCHER

LEMBRAR-SE: ÉS PÓ E AO PÓ RETORNARÁS. REALIZAR O REGISTRO DESTA LEMBRANÇA.

“AQUI”, DE MARTINA SOHN FISCHER, É O INVENTÁRIO DESTA MEMÓRIA. DO QUE JÁ FOMOS. DO QUE PODERÍAMOS TER SIDO. DO QUE NÃO MAIS SEREMOS. PORQUE NOS TORNAMOS PÓ. “VOCÊ LEMBRA? CAMINHAMOS TANTO PARA CHEGAR AQUI”. REALIZAR O REGISTRO DESTA CAMINHADA. NÃO HÁ DESTINO. PORQUE JÁ CHEGAMOS. MAS CONTINUAMOS CAMINHANDO. CONTINUAMOS CHEGANDO “AQUI”, NESTE NÃO-LUGAR. NESTE PÓS-TEMPO. CHEGAMOS. PARA REALIZAR A CARTOGRAFIA DESTE LUGAR. DESTE “AQUI”. LUGAR QUE NÃO CABE NAS FRONTEIRAS DO DRAMA. DO PÓS-DRAMA. PORQUE ESTE LUGAR, ESTE “AQUI”, IMplode OS LIMITES DA CENA. NARRATIVA, PERSONAGENS, CONFLITO: ESSAS CATEGORIAS TORNAM-SE PÓ NA DRAMATURGIA DE MARTINA SOHN FISCHER. PERMANECEM APENAS VOZES QUE PEDEM: “CANTA PRA MIM”. PERMANECEM APENAS VOZES DE POEIRA QUE CANTAM ESTA LITANIA EM BUSCA DO SEU PRÓPRIO NOME. SEU NOME É LEGIÃO.

MARTINA SOHN FISCHER. A ESCRITA COMO LASTRO, UMA ESCRITA QUE VEM DO CORPO, DA LINGUAGEM, DO QUE SE NARRA E DO QUE SE CRIA, INAUGURANDO SEMPRE UM PEDAÇO DESCONHECIDO DAQUELE ABISMO QUE OLHA DE VOLTA E DEMANDA MAIS. SENDO ESCRITORA, DRAMATURGA E PSICÓLOGA, A NARRATIVA É ALGO QUE SEMPRE ESTÁ PRESENTE, IMPOSSÍVEL NÃO VIVER ATRAVÉS DO QUE SE ESCREVE E INSCREVE EM SI E NO OUTRO. HOJE, COM 26 ANOS, PROCURO TER MAIS CONTATO COM O QUE ESCREVO, NA INTENÇÃO DE POTENCIALIZAR, NUM MOVIMENTO DE NÃO ALIENAÇÃO, UMA TENTATIVA ANIMALESCA DE SOBREVIVER.

Tempo 1

Os pés afundando no escuro
Na areia
Negra
A pele é negra
Afundo meus pés na pele
No pó
Negro
Caminho

Meus pés separados do corpo. Minhas pernas separadas do tronco. Meus braços longe das mãos. Meu rosto está no chão. No pó. Negro. Na pele. Na minha pele negra. Negra.
Tudo tão negro. Meus pés lutam com a escuridão. Com o pó. O pó tem peso de chumbo. O pó entra na pele. Sinto o gosto na garganta. Me afogo.

Onde está o mar?

Quero colar meus membros de volta

Preciso de todos juntos
Para andar na direção certa
Meus pés estão se enterrando

Minha boca cospe o pó. Negro. A pele negra. O pó me deixou negro. Colou no corpo. Eu sou pó. Não sei onde minhas mãos estão indo. Perdi meus dentes. Minha garganta arde, tentando formar um grito, um pedido, um nome. Mas minha língua não está aqui.
O pó flutua. O pó está no chão. O chão é feito de pó. Eu sou pó.
Meus membros flutuam. Eles procuram o chão. Procuram um lugar para se enterrar. Mas o pó muda de lugar. Acho que posso sentir a areia, entre os dentes, mas eles não estão aqui. A areia é falsa. O mar não está aqui. Os dentes não estão aqui.

Onde está o mar?

Queria meus dedos de volta
Sinto falta dos meus cabelos
Ao vento
Meus olhos
Há tanto tempo vejo coisas tão longe de mim
Eles foram embora
há
tanto
tempo
Saíram de mim
Me deixaram cega
Perdida
Sem olhos
É
Tanto
pó

Membros fantasmas. Às vezes sinto
Flutuando Bem perto Mas é tão escuro
Negro de pó. A pele. Eu sou negro de pó
Quero vestir meus membros de volta

*A areia entrando embaixo da unha
Me arranha
enterrar
um membro doente e sozinho
apodrecendo
Não tenho onde me prender
Onde está o corpo?
Cansado de caminhar
tão leve
Não sei o caminho a areia é quente
E sinto que é aqui onde
Onde onde
Deveria
Apodrecer
Sozinho*

Pó

*Que já foi cabeça Rosto Olhos Boca Língua
Os dentes ainda brilham perdidos escondidos no pó
Esse pó humano
Náohumanopó
O cheiro da carne o pó tem cheiro de carne
Mastiga-se o pó sente o gosto da carne
Humana
Não mais
Flutuando
Tenta flutuar
Os dentes são pesados
Brancos. Amarelos
Tudo é tão branco
Perto do negro pó. Do tão negro pó
Que circula
Tentando ser humano
O cheiro
O gosto
Tão humano
Não mais
É pó
Pó
Negro*

Gosto forte
 Já foi cabeça
 Pele
 Cabelos
 Os dentes
 Sobrevivem
 Brancos
 Amarelos
 Dentes
 Dançam
 Tentam
 Flutuar
 Mas pesam
 sua humanidade?
 Humanonãomaisohpónegrotâonegro

-veja
 Olha, vou cuspir
 Estou cuspindo nas minhas mãos
 Colar um pouco do pó nelas tentar grudar todos eles de volta
 o cuspe é bem grosso
 Molhado
 Cuspo
 cuspindo muito
 Grudando todo este pó nas mãos
 Agora
 Olha
 colando
 HAHAHAHA
 colando todos eles de volta
 HAHAHAHA
 Estão grudando construindo todos eles
 De novo
 Está funcionando?
 O cuspe meu
 Grudando todos eles de novo
 hahaha
 existimos
 Não
 Não
 Não
 Estão secando
 O pó está secando
 vento soprando eles
 para longe
 De novo
 VOLTEM
 voltem
 posso cuspir para sempre em vocês
 Minha língua nunca vai cansar
 muita saliva muita

a garganta que não cansa
 olha
 Vento
 Venta tanto aqui
 O pó secou nas minhas mãos
 O vento está soprando
 De novo
 O pó
 Para longe
 Longe
 Não vejo mais
 agora
 Levou meus olhos também
 levou

Carne
 Carne presa embaixo da unha
 Tiro com os dentes
 Estes que ainda
 Arranquei tantos
 Só pelo sangue tinha sede
 o sangue matou
 Tanta carne presa embaixo das unhas
 A carne apodrece embaixo da unha
 Não dá para tirar tudo só alguns dentes
 Pequenos frágeis
 Estão caindo?
 Parecem casca de árvore
 Queimada
 As unhas são tão grandes
 E a cada dia os pedaços de carne aumentam
 Eles crescem
 As unhas crescem os dentes caem
 incapaz de limpar as unhas
 fedem?
 Vida morta
 É a pele minha
 Arranquei todos os dentes

Agora as unhas

Arrancando

Dedos sem unhas
E SEM CARNE

As unhas no chão
A carne no chão
Apodrecem com o pó
As unhas virando pó
A carne virando pó
Eu
virando
pó

Descascando como uma árvore podre

E sai só pó
Pó
Pó

Pó

Posso soprá-lo
É só

Me soprar?

Eu desmanche
Frágil tão

Desintegrando
Grando do

Pó

(Luz muito intensa)

(Que cega)

Tempo 2

Elefantes, olhos cinzas, sem fundo
Pequenos grandes
Elefantes

Neve
Quanta neve
É doce

Teu hálito congelando
Eles correm
Aqui
Soprando seus cabelos

O espaço se move lento
lentodenso
Seus pés pisando os meus

Eles pisam em nós
O espaço
Chupando
Sugando
lento

gelatina
Líquido o rosto escorre
Escorrendo
bebo o chão
Bebo meus pés bebo-me amim até virar
Virar em ti
o copo?
Translúcido
de mim

ah, este tempo denso
sobre nós

Corra!
Os elefantes Grandes pequenos Com tanta neve Olha nos olhos cinzas Sem
fundo São como água

Que se mastiga
MASTIGUA OS OLHOS DELE
E me engole
- Eu, Sou, Você.

de dentro para fora

Deita aqui do meu lado
Deita na neve
derrete
ao lado desta árvore
Ao lado da gente e derreta

Pequeno grande Elefante

Tempo 3

Você lembra?
Caminhamos tanto para chegar aqui
Sal

É o que a água passa na pele
Quando as ondas lambem o corpo
Sal

Enruga a pele
Formando rugas estamos envelhecendo
Não estamos?

Você disse que seria minha
Que seria TODA minha
Que eu poderia vestir seus olhos
VOCÊ DISSE sonhou com o dia
Este dia salgado sonhou
E eu vestiria seus olhos

As ondas lambem o corpo
Deitado na areia
Seus olhos abertos
Olhos de peixe HAHAHAHA
cinzas
Não consigo vestir seus olhos
Os meus estão tão velhos
Só penso em ter você
Mas você
está
imóvel

As ondas lambem o corpo
gelado
Imóvel
Na areia
aqui
Eu te trouxe até aqui
sentia seu pulso
Ele pulsou todo este tempo

O caminho foi longo demais
 Estava tão ansioso
 hahahaha

Agora o mar te lambe
 As ondas te afastam
 Te levam
 Te salgam
 Para longe
 De mim teus olhos abertos
 fecho?
 Não consigo olhar por eles
 os meus estão tão gastos
 Os seus mortos
 olhos de peixe
 cinzas

Deixo o mar te levar
 salgado

Sento na areia
 Cansado sem pés
 Os olhos também morrendo o mar também me lambe
 A pele enrugando
 mais devagar

Queria tanto seus olhos
 O mar é tão grande

distante
 muito

Vejo seu corpo boiando longe
 Gaivotas pousam em você
 Beliscam sua pele salgada de mar de
 morte
 comem você
 elas te possuem seus olhos
 seus lindos olhos
 elas comem
 você?
 elas habitam você

agora
 longe demais
 e meus olhos falham e não vejo mais

as ondas me lambem
 ainda salgado

me entero me deixo enterrar afundar na areia quente áspera
 a noite não vem
 não para todos
 mas a visão escurece
 é o crepúsculo pra sempre
 o mar canta para mim

Tempo 4

É tão lindo aqui
 Me sinto seguro
 Aqui

Sempre esperei por isto
 Por este dia
 Este dia demorou tanto
 Tanto tempo
 Que demora

nunca mais sair daqui tão lindo
 aqui pequeno
 Confortável não consigo me movimentar
 é tão seguro assim
 Assim não machuca
 e você se move por nós dois
 Você vive
 E eu aqui
 te ajudando a respirar
 deste lado dentro
 uma delícia aqui

obrigado por ficar
 me deixar aqui
 esperei

tanto
nunca mais sair

Tempo 5

Fico olhando as folhas este outono
este vento

Que bagunçou a árvore. As folhas que cobriram o chão
Ela tão mortas e tão bonitas. Rolar nelas
Babar
E perder quantos pelos quiserem se jogar para fora da pele. Mijar nelas vou
roubar todas para mim. Dormir entre. Até o sol se esconder

Agora é noite. Tão escura. Do outro lado da cerca tantos. Com tanto barulho
Consigo passar pela cerca?
Preciso rápido. Se quiser cravar os dentes meus em algum
Dessa vez

Correndo
correndocorrendoCORRENDOCORRENDOCORRENDOCORRENDOCORRENDO

Quanto barulho!
CalabocaCalabocaCalaboca
Mordendomordendo

Arrastar para o outro lado meu lado da cerca
Arrastar. Enterrar. Esperar. A fome.
Esconder

Esperar o sol

Mijar nas folhas. Dormir nelas. Brincar com elas
Lamber as folhas. São tão bonitas. Mortas assim
No chão

Elas
virando pó

Até o buraco mastigo um pedaço do outro. Um pedaço por dia
Vai virar pó? É tão bonito morto. O sangue preto. Escuro

Meu mijó fica mais escuro quando como demais. Meu mijó nas folhas elas
mais escuras. Tem cheiro mais forte. Não consigo mais dormir em cima
Com esse cheiro andando em volta de mim
Gosto mais de ficar olhando o outro morto
O sangue preto virando terra
Pó
Outros bichos que comem é banquete. Vou enterrar ele inteiro

Fazem um barulho muito do outro lado da cerca. Um dia vou mastigar todos
eles
E vai ser só silêncio
As folhas
Meu mijó
O outono
A morte das folhas
A queda os pelos caindo nelas. Os pelos caem de mim, como as folhas das
árvore
Eu mijó
ELAS SÃO MINHAS

CorrendocorrendoCorrendo

Dormir nas folhas
No solNo outonoNo silêncioNas minhas folhasNo meu mijóNa minha
morteNa morte deles

Tempo 6

-Eu chamo de “brotamento”
-me chama de brotamento?
-vou arrancar você
-poderia chamar de extensão corpo
-anomalia
-pode virar um macaco de circo você
-arrancar você
-eu vou arrancar você!
-é o “brotamento”
- anomalia
-macaco de circo
-extensão corpo
-não consigo lembrar
-não sabe mais não é?
-quem apareceu
-de quem é o corpo
-tantos
- muitos outros

-“brotamentos”
-HAHAHAHA
-CHEGA!
-vamos virar pó
-pó de muitos
-sem lembrar
-de onde veio
-apenas pó

hahahaha

Tempo 7

Vidros
Feitos de vidro
Fino
Pele de vidro
Frias. peles de vidro frias. Refletindo. olhos congelados

Passo as mãos pela pele de vidro
pode quebrar
Passo o corpo entre as curvas de vidro. frias. transparentes
Passo a língua nos espaços lisos rígidos
Do corpo de vidro
Meus dedos contornando o rosto. preso. na estrutura de vidro
Refletindo o meu rosto de carnesanguepelequente
Eu quero possuir o corpo de vidro. Tão imóvel. frio.
Levanto meus pulsos com golpes testar a fragilidade do corpo de vidro.
Ele trinca com um barulho tão delicado que me faz chorar
fico encarando o corpo de vidro trincado. Os olhos congelados entrando em mim.
Eu quero possuir o corpo de vidro.
Me deito no corpo de vidro. Tentando esquentá-lo. Eu choro em cima do corpo de vidro, quero que ele sinta. Corpo de vidro. Lindo. Eu quero te possuir.

Tiro minhas roupas, agora é pele e vidro se unem. A minha pele sangra entre os cortes que fiz no corpo de vidro. O sangue escorre. O vidro fica vermelho. Lindo. Vermelho do meu sangue. Lindo. Eu beijo o rosto de vidro. É tão frio. Rígido. Sério. Sorria. Corpo de vidro que sangra. Sorria para mim. Estou te possuindo. O frio me faz chorar. Corpo de vidro imóvel. Meus movimentos em cima do vidro cortam cada vez, ele trincando aqueles sons lindos tristes. São tantos agora, tantos cortes em vidro. Ele canta para mim. É uma canção tão triste. O corpo que se quebra. O vidro que sangra. Passo a língua no corpo de vidro. Prazer. Frio. Prazer frio rígido. circunda. O prazer e o prazer quebra o vidro mais cada vez. Os golpes são quase gritos. Possuindo o corpo de vidro. O corpo meu? exposto em cortessangue. O corpo de vidro não sangra. Mas ele canta quebrando. Que lindomãos percorrendo o corpo, de vidro, mãos que se cortam. Estou agora. Possuindo. Sons minha garganta? O prazer é de vidro. É tanto sangue. Canta para mim. Meu corpo de vidro quebrado. Eu te possui. Eu morri em ti. Canta para mim.

Frio

Estou frio

Sem sangue

Corpo
de vidro quebrado
em mim.

Tempo 8

-se fosse tudo preto, se fosse tudo. Você, nós, nunca, seríamos, tão densos. Eu gosto do negro da sua pele. A água não te limpa. E não será minha saliva que finalmente. Sinta-se sujo e feliz. Não. Não. Feliz não. Jamais. Felicidade é um câncer. Um câncer bem aqui, pegue. toque. Você já sentiu este câncer outras vezes. Vamos, toque. Sinta. Não sorria. Fique preto. sujo. preto. sujo. Animal. Respira. ofegante.animal. Sujo. preto. ofegante

-você não têm as mesmas cores

Já faz muito tempo

Permanece neste estado de cinza, tons de pele, enrugado

Pelo tempo? não. Não

O tempo não te fez isto

Eu quero mostrar meus dentes

Olha!

Hahahahahaha

Eles são limpos
brancos

É o branco que você não suporta
Porque seus olhos não te deixam ver as outras cores Seus olhos estão matando
as cores
Lentamente elas morrem Antes mesmo da sua retina
sente falta do vermelho? Pelo jeito que você respira O que te matou mais foi
ver o sangue em cinza
Adorava aquele vermelho que escorria entre as pernas Agora são cinzas que
escorrem, te secando.
De um útero Saem cinzas O pó HAHAHAHA
Negro sem luz
Te dói não ser mais vermelho? OLHA MEUS DENTES!



FATIA DE GUERRA

ANDREW KNOLL

O SACRIFÍCIO DE UM CACHORRO. A MORTE COMO UM ACONTECIMENTO NECESSÁRIO. SÃO TANTAS AS GUERRAS TRAVADAS TODOS OS DIAS. A CRIANÇA. O PAI. O AVÔ. O CÃO. A MÃE AUSENTE, MORTA. AS VOZES VÃO COMPONDI O TEXTO E SE ESBARRANDO EM PERSONAGENS NÃO DELINEADOS. NA ESCRITURA DE ANDREW KNOLL IMPORTA MENOS UMA DEMONSTRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS E MAIS O FLUXO DE PENSAMENTO DESSAS FIGURAS QUE Povoam A DRAMATURGIA. SÃO TEMPOS, ESPAÇOS E SUBJETIVIDADES DISTINTAS QUE SE MOVEM E SE TRANSFORMAM AO LONGO DA LEITURA.

ANDREW KNOLL, ESCORPIANO, PAI, ATOR, DIRETOR, DRAMATURGO, ROTEIRISTA, MEMBRO FUNDADOR DA PROCESSO MULTIARTES, O ARTISTA - BRASILEIRO NO BRASIL 2020 - ALMEA CONTINUAR A CRIAR, REALIZAR E DESENVOLVER PESQUISAS DE LINGUAGEM EM ARTE CONTEMPORÂNEA, TRANSITANDO E EXPERIMENTANDO NAS FRONTEIRAS ENTRE TEATRO DE PESQUISA, CINEMA DE ARTE, DRAMATURGIA E LITERATURA CONTEMPORÂNEAS, BEM COMO MINISTRAR OFICINAS E PALESTRAS NO CAMPO DA ARTE, VISANDO PROJETOS EM QUE A PRODUÇÃO E O ENTRETENIMENTO SEJAM UM MECANISMO DE POLÍTICA CULTURAL PÚBLICA E QUE ESTEJA A SERVIÇO DA ARTE, DA CIDADANIA E DA REFLEXÃO. SÃO FOCOS DE INVESTIGAÇÃO A EXPERIMENTAÇÃO DOS SUPORTES/MÍDIAS, ESTUDOS DE LINGUAGENS E A RELAÇÃO DA ARTE COM O PÚBLICO (APROXIMAÇÃO DO ERUDITO E DO POPULAR). ENTRE OUTROS VARIADOS PROJETOS, FOI INSTRUTOR NO NÚCLEO DE DRAMATURGIA SESI/PR. FUNDADOR DA KNOLLAND CREATIVE.

Grotas

Pampa

Minuano

Tertúlia

Sons de cilhas, arreios e cincerros ao longe

Céu limpo

Verão

Habitação simples

Árvores em sua lateral

O chegar em casa e deparar-se com as árvores nuas transfiguradas
Mar de cepos mortos

Inverno Pleno

Me falta o ar dentro e fora

Resseco

E me perco

...

As memórias também estão fincadas, uma a uma, em sua lateral

Preenchem-se mais e mais com galhos novos até surgir a primeira folha, a
primeira flor

Frutos jamais

*

ABRIR OS OLHOS
ABATER O CÃO

Necessidade imediata
Visualizar o ato mentalmente antes de fazê-lo

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

MÉTODO

Repetia para si. Policiar-se com suas atitudes, fria convicção
Assim então seria possível, fazer o que era preciso

ABATER O CÃO

Desviou-se da tarefa toda a manhã, desculpando-se com outros afazeres

-AGORA NÃO... Ainda não!

Sente o vento?

Parado aí em pé, no meio do quintal
Consegue sentir o vento?

Você não quer chorar
Você simplesmente não pode nunca chorar
Pés no chão, você tirou os sapatos
A quanto tempo não ficava assim . em silêncio?

O som do sino de vento . metal leve contra metal ressoando neste espaço vital,
mantendo o equilíbrio, o som ressoa e toca tudo aqui . paredes, folhas, veios
das folhas, insetos, asas, minha pele, tímpanos, ossos por dentro como a fita de
Moebius

Toda esta vida que pode simplesmente se apagar em uma tarde de verão . se
você fechar os olhos . agora!

(Silêncio)

Pode ouvir, ver o que se passa?
Há nuvens passando velozmente sobre sua cabeça
Há micro zumbidos nas flores ali ao lado
O som do sino de vento . metal leve contra metal
A grama quente na sola dos pés, por entre os dedo.
Você inspira fundo . Agarra o chão com os dedos dos pés

Um . pulso de energia que sobe de baixo

Por dentro

Enrijecendo

Tudo

Você inspira mais . e abre bem os braços

E então . Quando o vento pára

A cadela se aproxima . você ouve e sente seu rabo na sua panturrilha
depois sua saliva na sua mão

Abre os olhos e o mundo todo já pode voltar a mover

A cadela ressoa um ruído constante

ABATÊ-LA

Impossível prolongar seu sofrimento

Dolorida, ainda podia correr entre os momentos em que se entregava ao sono

PEQUENA HEMORRAGIA INTERNA

INIMAGINÁVEL

É ESTENDER A CARGA DE ANGÚSTIA QUE PRESSIONA O TEMPO
A CADA SEGUNDO QUE SE ESTENDE POR TODA A EXTENSÃO DE
PERMANÊNCIA:

1. DO PENSAMENTO
2. DE EXISTÊNCIA
3. DO QUE NOS DIZ QUE É O AGORA/PALPÁVEL

A cada segundo que a vida teima em continuar a luta ininterrupta por mais vida, braço a braço com cada segundo que a morte sorve constante, pouco a pouco, a essência primeira:

1. DO PRIMEIRO SOPRO
2. DO PRIMEIRO ÉXTASE

*

O cão sonha

RESPIRE

ATENTA . RABO ABANANDO

BARULHO NA RUA . LATIR? Não

CORRA AGORA

SENTIR-SE VIVA AINDA

DEITAR NO CAPIM E SE ESFREGAR DE COSTAS

COÇAR

OUÇA

LATIR PRA CONSTATAR

AUF!

*

Abra os olhos

*

Daqui de baixo, mesmo na escuridão, eu cheiro e vejo a fumaça ao longe, depois dos clarões dos bombardeios . Não mais estrelas . Eles cruzam o céu como cometas . Não o são .

O assvio assombroso

ATRÁS DOS CEPOS . ENCOLHER-SE!

*

Lembranças se engrossam, refazem, se enlaçam ressequidas aos cepos mortos,
aumentando em dimensão e em aspecto grotesco

Cômodos da casa ativos na memória

Novamente verdes

Cômodos esquecidos pesam ainda mais escuros

Como esquecer o balcão?

A sala, o quarto, o porão?

De fato, de parte em parte, esqueci o porão

*

Estão?
No parque
Não . De novo . Estão?
...
No Parque de diversões
Ok . Repita
...

Estão no Parque de diversões.
Ok
Continue

Ela brinca com o cão de modo natural, fazendo-lhe festas e
Não

...

Repita

...
Ela brinca com o cão de modo natural, enquanto é observada por um par de
olhos atentos

...

Ok

...

PAPI! PAPI!
EU ME ESCONDO E VOCÊ ME ENCONTRA!

Ela beija-o e o abraça
Pela geada, corre . Corre com pezinhos descalços
Uma gota de sangue escorre de seu nariz
Ela desmaia enquanto corre

Não
Uma gota de sangue escorre em filete de seu nariz e ela apaga enquanto corre
Ok
Ela cai bruscamente
Não

...
Em câmera lenta, deixa cair suavemente seu corpo branco nos cristais de relva
Suavemente
Suavemente pousa seu corpo branco nos cristais de relva, enquanto uma gota
de sangue escorre em filete de seu nariz
Suavemente

Como se deitasse em lençóis brancos . Limpos . Confortáveis em sua casa
segura . Limpa . Branca . Cristalina de geada

Ele já sabia . Ele já viu diversas vezes esta cena . Sempre se repete
Agora seus batimentos se aceleram . Ele não quer o tempo correndo para este
desenlace . Impossível conter o galope do tempo
Inevitável não fazê-lo

NÃO!

Somente pai e cadela no parque . Ele sabe que ela está doente . Ambos reconhecem-se sozinhos, numa breve troca de olhares

Ele

suavemente

a acaricia

CALMA NÃO VAI DOER NADA NÃO VAI DOER

*

A cadela revolve o chão e descobre a arma na lata/caixa
A mesma arma que um dia decidiu por nunca mais

PAPI!

Ela corre por onde estou

*

Inverno

Noite

Posto de Gasolina

Casal chega de carro. Abastecem o carro e estacionam ao lado

Ele

Ela

Atendente

Ritmo andante

Leve sotaque português

Ele: Porque ficaste vermelha quando ele veio até nós? Juro por Deus que ficaste vermelha

Ela: Que há contigo?

Ele: Que há comigo?

Ela: Já vais começar com as tuas insinuações, é! Mas que

Ele: Mas o quê?

Ela: ...

Ele: Vai chamar-me de nervosinho de novo?

Ela: Nem precisa, não 'stá vendo?

Ele: Não estou mas no entanto considero seriamente que és tu quem não percebes!

Ela: Ah, era só o que me faltava

Ele: Não percebe o quanto de seriedade eu tenho me colocado aqui? E tu me dizes "Ah, estou gostando, até agora!" Como se dissesse: "Ah, 'stá gostoso, estou me divertindo às picas!" E claro que não há nada de mais nisso, mas

Não percebes o meu coração sempre a sair pela boca? As pupilas dilatadas?

Estás a jogar comigo? Me testando? Continuar desta maneira Não posso mais Seria melhor parar

Os meus quereres não são os mesmos que os teus

Não tenho nervos

Não tenho nervos

Ela: Mas o que estais querendo dizer?

Ele: Por Deus, estou louco?

Ela retira lentamente uma barra de chocolates . Entra trilha sonora e a imagem torna-se ligeiramente chuviscada. É uma propaganda em TV aberta analógica. Cores lavadas e chuviscos intermitentes. Ela passa de morena para loira agora. Abre a embalagem, morde delicadamente e lhe oferece

Ele mudo, estupefato, com ar abobalhado. Após um tempo...

Ele: Cacete! Não muda de assunto! Conheces o cara? Quem é o tal?

Silêncio

Ela: *Ela volta a ficar morena. A imagem retorna a como estava antes.* Era meu cunhado

Ele: Teu...? Há!

Silêncio

A-há!

Ela: Ah... há?

Ele: A-há!

Teu cunhado?

Ela: Sim, já não te disse? Meu cunhado! Meu ex-cunhado . Não é mais

Ele: E qual o problema?

Silêncio . O atendente se aproxima com a chave do carro

A: A chave, senhor!

Ele: O rapaz, chega aqui!

Ele se aproxima

Ela: Conheces esta garota?

Ela a olha atentamente . Silêncio

A: Sim, conheço

Ele: E podes me dizer de onde?

A: Eu fui casado com a sua irmã

Imagen volta à textura de tv aberta analógica

Ele: Cumprimenta-a

A: Como 'stá?

Ela permanece sem nenhum movimento, sem olhá-lo nos olhos . Têm uma expressa tensa

Black-out

Tempo
Luz
Ele está a jogar gasolina por cima do carro, e depois para dentro deste, pela janela da frente. Não se pode ver dentro do carro. Devolve a mangueira no lugar.

Tira do bolso uma caixa de fósforos. Caminha para trás. Risca o fósforo

Black-out

Estampido

Imagem retorna

Menina desliga a tv

*

Menina

No meio da sala de jantar, ouvi o estampido seco, o ganir frouxo, o corpo tombado de lado e girando no chão, de um lado para outro, com a barriga para cima. O rabo abanando

No meio da tarde da sala de jantar, vi as paredes da casa tornarem-se ainda mais brancas, num clarão repentina-cegante

Depois, o cogumelo ao longe. Nunca vi um cogumelo de fumaça e fogo tão grande, e quis um igualzinho pra mim

A cadela parecia que estava mesmo era brincando, fazendo troça para o PAPI, como sempre o fazia Depois A onda de choque me fez

flamar

A radiação me faz cócegas

Homem

Acreditei, por instantes, que via-a pela primeira vez, talvez tomado de assombro pela cena da morte, por ver o tempo comprimido naqueles poucos segundos depois do primeiro estampido

Tornara-se, por instantes, filhote novamente, a brincar. Na morte iminente, o tempo se dobra de forma visível

*

A arma ficava guardada desde que a havia adquirido na juventude. Lembrava-se vagamente deste instante, e de quando cuspiam projéteis na sala de testes, ou no campo branco, logo depois de sua:

1. MONTAGEM
2. COMPRA
3. EMBRULHO E DESEMBRULHO
4. LIMPEZA E CARGA

ELE NÃO A USAVA NUNCA

A não ser no dia do acidente. Ela realmente não esperava que, sem querer, se dispara-se nas mãos da menina, que estava a brincar e a correr pelo jardim. Enfim, uma o p o r t u n i d a d e, depois de tanto tempo. Ela sentia-se feliz. Reluzente,

radiante com seu cano longo SMITH & WESSON, seu tambor reluzente. O madeiramento do cabo, seu ponto máximo de orgulho e soberba. Era sem dúvida uma madeira nobre. Mãos mais sensíveis poderiam desvendar sua história

Sentiu a mão firme a tencionar-lhe o gatilho

Silêncio

Som de tiro. Eco

Gritou a plenos pulmões, deixando escapar pelo canto dos lábios a fumaça de pólvora que trazia na nuca

Preparou-se para um segundo, ainda com a vontade inata de ver seu trabalho bem executado

O dedo tencionava a partir dos feixes musculares interligados ao punho, antebraço, braço, ombro Até o primeiro impulso cerebral Que por sua parte tencionava o gatilho, o tambor A engrenagem dura, fria. Perfeita

O TEC! surdo
Falhou

Tempo congelado

*

Madrugada

Infância

Barulho de correntes que ouvi, à noite em que meus próprios galhos cresciam silenciosamente sob os lençóis
No sonho de queda, reteso-me
Calafrio

Tive de ir buscar os cavalos no mato, ainda no escuro da madrugada
EU SÓ TINHA OITO ANOS

Não se pode distinguir muita coisa na escuridão

O coração à boca, os nervos travados pelo medo dificultando os movimentos
EU SÓ TINHA OITO ANOS

Tinha de ser eu

Acho que nunca sentirei tanto medo novamente

Esqueci, pouco a pouco, de como cresci

De quando chamei minha mãe pela última vez com voz de filho fértil
Esqueci o que queria já não ser quando cresci

*

Mirou os olhos do Homem com uma impressionante
Não

Mirou os olhos do Homem...

Ok

Continue

Mirou os olhos do homem . Viu-os apertarem-se . Lágrima curta, banhando a íris . Embaçado seu reflexo . Já não era mais a mão firme . Agora trêmula
Não

Já não era mais a mão firme . Abria-se o tambor e expunha seu recipiente interno

Ok

Continue

Através do vão do tambor, percebe o rabo da cadela a acenar para si
De imediato, mais um tiro

Este valeu
Este valeu

Continue

Mirou em cheio, sabia disto . Mas notou que o Homem vira algo . Algo que ela, a arma, não havia visto

*

Ele liga . Ela atende.

Imagem de tv analógica, cores lavadas e chuviscos intermitentes

Ele: Olá. Como vai?

Ela: Hey! Olá

Ele: Como passaste estes dois dias?

Ela: Passei bem . E tu?

Ele: Fiquei aqui a imaginar

Silêncio

Ela: Ficasse?

Ele (sombrio): O que fizeste nestas duas noites Onde foste, e com quem estiveste. Fiquei aqui no meu silêncio me torturando

Ela ri

Ele: O quê?

Ela: Bobo!

Ele: Como? Bobo?

Ela: É! Bobo!

Ela torna a rir

Ela: Bobo eu?

Ela: Sim . Isso mesmo

Ela: Estás a rir da minha cara?

Ela: Hey, hey! Calminha . Não te eleves a voz comigo, garoto . Não tens o direito

Ele: Não tenho o direito Então me dizes, com quem tu ficasse? Trepasse no carro?

Sujasse os bancos novamente?

Ela: Aff . Absurdo

Silêncio . Ela suspira

Ela: E então?

Ela: O quê?

Ela: O quê?

Ele: Não vais falar nada?

Ela: Não tenho nada que dizer-te. Não te devo satisfações do que faço, do que não faço

Ele: Ah, não deves? Esqueceu que tenho espadas? Ouro? Copas?

Ela: Não me importo

Ela: Não deves

Vê-se brilhar uma lâmina sob o casaco

Ela: É isto que ouviste. Não devo

Ela: Então foi tudo um jogo?

Ela: Jogo?

Ele: É! Jogo! Joguete! Brincadeira

Ela: Humpf! Não estou a jogar

Ele: Jogas comigo. Todo o tempo

Ela (*ríspeida*): Não estou a jogar! Já não o disse? E pára com isso! Discussão boba

Ela: Como? Boba?

Ela: É! Boba! Discussão infantil. Não precisávamos de nada disso

Ela: Sim. Se, pelo menos, me tivesse ligado

Ela: Te ligado?

Ele: Sim. Poderia ter-me ligado. Dado um alô! Dito: "Hey, como `sta?"

Ela: E tu?

Ela: Ter dito: `Hey, como vai? Eu vou bem. Estou aqui a foder com um cara lindo.

Conheci-o na fila para o pub. Ele foi-me tão direto. Não ficou nada a me enrolar como tu. Poderia ter-me dito isto

Ela: Imbecil

Ela: Completamente

Ela: Sim

Ela: Por me doar a ti

Ela: Hah!

Ela: Por me perder o tempo e o coração

Ela: Estás louco

Ela: Completamente

Ela: Louco

Ela: Cuidado

Ela: Bobo!

Ela: Cuidado

Ela: Quê?

Ela: Cuidado!

Ele puxa um As de Espadas

Ela ri-se, interrompida bruscamente

Som de suas respirações fortes e aceleradas

Som do telefone fora de linha

*

Por uma fresta da porta a menina vê o primeiro tiro MEUS PÉS GELADOS
A cadela não morre de imediato O MEDO CRESCE MAIS NAS MINHAS COSTAS O pai puxa o gatilho pela segunda vez PUPILA DILATA-SE Vejo mais. A arma falha OS TORNOZELÓS CHOCAM-SE UNS AOS OUTROS
Ela percebe a intenção de um terceiro tiro PULAR PRA FORA DA MINHA BOCA Não se contém DISPARO. DEIXO MEU CORPO PRA TRÁS Corre. Corre com pezinhos descalços GRITO AGORA E SEMPRE GRITO AGUDO
A arma dispara. Assustada, cai da mão trêmula, sem jeito ...
Quase tudo ao mesmo tempo

Clarão

Noite. PAI e FILHA PAI: trinta anos FILHA: 3 a 4 anos

FILHA: Papai Eu não quero morrer **Som grave contínuo. Inicia alto, e baixa gradativamente** Eu lembro da nossa cadela Muito doente PAI: Isso se chama saudade FILHA: Sau-da-de? **Som aumenta levemente**

Lembra quando ela brincava? Correndo do nosso lado Pulava no rio
FILHA ao PAI: E se a gente voltasse ao imício, papai? PAI: Imício, filha? Quê é isso? FILHA: Imício! Começar de novo PAI: Ah! I-ní-cio! FILHA: Sim. Se eu voltasse e a mamãe VIVA! PAI: Morta FILHA: Âh? PAI: ...

Dez anos de cicatrizes DEZ ANOS E do seu desprezo
Nunca um gesto de carinho NUNCA Uma palavra de amor Conversas NUNCA

Partir o mundo ao meio eu quero Das tuas palavras de silêncio criei conversas

noite adentro Abraços nunca tive Ternuras desviei Chegas CHEGA
 Desencilhas CHEGA Entra em casa, deixa o tirador e prepara o mate É só
 isto que fazes Não sou tua égua Some pras coxilhas!

PAI

AVÔ MESTRE DE CERIMÔNIAS / PAI / Clownesno Demoníaco
 Rufar de caixas Mestre de cerimônias-clown, no megafone . Tom
 exagerado O MUNDO LHES APRESENTA A LINGUAGEM DA DOR
 Repique final! Sonoplastia circense ora em tom maior, ora menor PAI
 e AVÔ. AVÔ fala. Não se ouve o que ele diz. Ele está a bradar ao filho, numa
 discussão Há muito tempo o Sr. me fala disto
 AVÔ volta a falar, sem som
 Mas não têm importância, porque quando eu mudar, ninguém verá
 Não Assim como tenho mudado
 Não

Assim como tu não têm visto Não Nunca verá Ok Continue
 Muito nobre da sua parte PAI, ao AVÔ: (modo monocórdico) 29 ANOS
 DE CICATRIZES DE SILÊNCIO NUNCA UM GESTO DE AFETO
 NUNCA DAS TUAS PALAVRAS DE SILÊNCIO CRIEI CONVERSAS
 NOITE ADENTRO ABRAÇOS NUNCA TIVE TERNURAS DESVIEI
 PRESSIONO MINHA FILHA COM O EXAGERO E O DESCONTROLE
 DE CARINHO QUE SÓ UM PAI DESESPERADO PODE DAR Ela se torna
 parte de seu corpo QUASE NUNCA FALO A MÃO TREME segurando
 a carta afiada TREME O CORPO DÉSOLÉ CARNE RASGADA DE
 MIM, vão caindo conforme eu seguro o silêncio minuano das tuas palavras
 QUERO E NÃO TENHO. QUERO E NÃO TENHO PIOR: VIGÍLIA OU
 SONHO PORQUE SE MEUS SONHOS FOSSEM MENOS REAIS TRAGO
 COMIGO, DURANTE O DIA, SENSAÇÕES DA NOITE PÓSTUMA A
 fio, corto as carnes que me sobram pelos espaços vazios, dos cantos frios que
 sozinho me encontro Como patins de gelo deslizando. Os cantos brancos
 me sussurram lembranças PAI deitado . FILHA criança aproxima-
 se devagar, até a altura de seus joelhos . Não se vêem suas mãos . De
 repente, FILHA saca de uma grande espada . Aponta-a ao pai, meio do peito
 FILHA Foi a mamãe que mandou Posso cortar seu pescoço? Posso?

Quase tudo ao mesmo tempo

*

Partes secas se escondem e se expõem nele junto com as partes verdes, ainda
 vivas que crescem, por vezes florescem
 Perto dos olhos, lírios transbordam quando a parte decepada do coração
 empurra um galho verde de artéria nova
 Tenho a flor menor plantada no meio, na cavidade entre os pulmões .
 Ela têm já

quatro ciclos de estações

Sinto roçar suas pétalas sobre meus braços/galhos
 Sei que vêns de longe

*

3:20 a.m. (Flash)

3:18 a.m. (Flash)

3:19 a.m. (Flash)

3:17 a.m. (Flash)
(Estática) BOMBARDEIO PELO LADO LESTE! BOMBARD... (Estática)
 ...ADO LESTE! CÂMBIO! A ogiva vermelha rasga o céu num grito que se
 aproxima ELA SORRI! REPITO: ELA (Estática) SORRINDO! CÂMBIO!
 Ninguém viu quando ela sorriu Com ela, corri anos mais tarde . E ainda
 lembro /Eco/ A CADA MANHÃ! COPIANDO! A CADA MANHÃ corremos
 descalços por entre as minas, no meio do

PARK (Estática) **Clarão Sépia**

*

Agarra-se e finca raízes Ganha espaços e orvalhos novos
 Se espalha por todo o ambiente, como erva doce, como flor vestal

Trepadeira sedenta que expande-se em seu próprio tempo

*

A imagem da criança se desfaz *Arfar contínuo durante toda a cena* ACORDO .
 O TIRO ERRO Sem pensar, pego o animal ferido . Corro . Preciso de algo .
 Alguém . O que preciso? De quê? De quem? Um carro . Árvores, pessoas .
 Bichos de olhos rápidos . Grandes pássaros negros cravam seus bicos afiados
 em outros menores, dilacerando a carne ainda viva . Este, não este . Um outro
 que olha e aponta . Um doutor . Um médico CORRA CORRA CORRA Correr
 preciso . Encontrar alguém que possa Silêncio
 HOMEM Correndo na rua não parece mais do que a simplicidade estarrecida
 de um

palhaço mal desenhado pelas mãos de sua filha
Off (criança ri)

O que é isso, querida? Um palhaço? É você, PAPI! Você correndo carregando O DOG!

Clarão

Clarão Seus olhos estavam agora como no desenho . Olhos grandes, esbugalhados, que poderiam refletir um panorama magnífico, grande angular A boca aberta busca o ar, a língua fora Em desespero, o pensamento age em turbilhão Cruzo um parque de diversões O cão **Pulso!**Pulso.

Pulso Pulso Puls Pul *

Acordei com o clarão de luz na cara Percebi estar deitado e...
Chuviscos na imagem Luz e som difusos que foram tornando-se nítidos
Sentia o corpo dormente Me perguntaram algo Parecia que
estava debaixo d'água Distingui a palavra **SÓNDA** Distingui
a palavra **PÊNIS** Senti a dor queimando o pênis por dentro
Gritei Me consolaram **Enfermeira:** Quantos foram os ataques?
Ele: ... Três ... ou quatro ...
Enfermeira: E tu, onde estava? **Ele:** ... Tertúlia ...

*

Homem no quintal, descalço, agachado . O cão já morto . Chora copiosamente .

Filha aparece correndo, se detém contendo o ar, leva a mão á boca... depois se aproxima e lhe afaga os cabelos

*Na casa, som da tv, com chuviscos. Homem falando:
'Quem imaginou isto? Eu? Você? Onde está o que restou? Neste espaço, eu divido com você... com você, que me olha com estes olhos de toda tarde, um pouco do que estamos vivendo agora, toda a dor, todo o êxtase... e até mesmo para que eu possa entender melhor tudo isto, e talvez possa até mesmo esquecer . É ver isto tudo num clarão de-sa-pa-re-cer'*

Som de bomba explodindo

Homem abraça a cadela Luz sobe a FULL, ofuscando o olhar da audiência

*

Noite
Chuviscos na imagem

Clarões de luz à frente
Bem próximos
Assovios riscando o ar próximo ao ouvido
Pólvora queimada, carne cauterizada e enxofre
Frio . Muito frio . Depois, os paralelepípedos úmidos
Saliva, suor, sangue
Queda do corpo ao chão
Nuca bate
Joelho estala
Coração atabaque descompassado

*

Cadela:

Verão . Correr . Correr com pés descalços Deixo o sol afagar os pêlos e me aquecer por um momento . Me recolho . As patas E a cabeça por sobre as patas Então disparo Corro, corro corro e dou voltas E mais Sinto o cheiro dele e dela . Quero me aproximar . Ela brinca, brincamos juntas . Ele não faz muita questão

Sei que hoje eu morro . Já o vi limpando a arma ainda há pouco. Eu a encontrei! E a desenterrei Percebo sua tristeza, seu temor antes do ato . E tento confortá-lo . Do meu jeito, é claro . Fazê-lo entender que já sei de tudo, e que ele não precisa ter medo algum Corro à volta de suas pernas, toco com o focinho, percorro a língua na ponta de seus dedos

Suor Sua mão treme como nunca
... Aproveitar estes momentos como os são realmente: os últimos

É o que mais desejo **AUF! AUF!** De imediato salto, e no ar, patas estendidas Sinto o pulsar, o coração na boca e Novamente sou parte disto tudo . O quintal nunca foi tão meu, o gramado é meu, é meu o ar envolto, e que me queima os pulmões como combustível . E o mundo envolto Outros assovios vindos de cima Ogivas vermelhas se aproximam . Posso ver garras e dentes

Elas e eu Rumamos juntas em direção ao solo. Aperto os olhos antes da queda Língua pra fora Frio e calor como um só
E não vejo

mais
nada

Clarão

Arreios: Conjunto de peças com que se aparelha o animal para montaria.

Cincerro: Chocalho ou sineta, colado no pescoço do animal através de uma coleira, geralmente bovino ou eqüino, para guiar o resto da tropa. **Coxilha:** É uma colina localizada em regiões de campos, podendo ter pequena ou grande elevação, em geral coberta de pastagem. Este tipo de relevo é encontrado principalmente no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, numa região de campos denominados pampas, e no Uruguai, onde estas colinas recebem o nome de cuchillas. **Minuano:** Chama-se minuano ao vento forte vindo do sul do Rio Grande do Sul, que atravessa a pampa gaúcha. Em certos dias ele é tão forte que é possível ouvir seu som em forma de assvio. **Pampa:** Planície extensa sem vegetação arbórea, porém rica de pastagens, especialmente no Rio Grande do Sul e Argentina. **Tertúlia:** 1. Reunião de família. 2. Relações sexuais entre dois ou mais casais. 3. Agrupamento de amigos



HÉRNIA

VAL SALLES

QUANTAS CELESTES ENCONTRAMOS NOS NOTÍCIOS TODOS OS DIAS? QUANTAS CRIANÇAS MORTAS POR BALAS PERDIDAS? OU NÃO TÃO PERDIDA ASSIM. O ALVO É CERTO, CERTEIRO. UMA MÃE SEGURANDO A BALA QUE ATINGIRIA SEU FILHO. UMA MÃE SEGURANDO UMA BALA QUE QUER ATINGIR SEU FILHO. "CORRE, CORRE MIGUEL!" É ESTE O MOTE PRINCIPAL DA DRAMATURGIA DE VAL SALLES, QUE NUM AMBIENTE POÉTICO E AO MESMO TEMPO TÃO CRUEL, NOS CONVIDA A CONHECER A HISTÓRIA DE MAIS UMA MULHER QUE TENTA SALVAR SEU FILHO. PODE ELA CONTER O INEVITÁVEL? O TETO ESTÁ FICANDO CHEIO DE FUROS. SÃO BURACOS, RUPTURAS, ORIFÍCIOS POR ONDE A LUZ PODE ENTRAR. PODE MESMO?

VAL SALLES É ATOR FORMADO PELO CURSO DE FORMAÇÃO DE ATORES DA ESCOLA TÉCNICA DA UFPR E FIGURINISTA. É INTEGRANTE DA MINHA NOSSA CIA. DE TEATRO (O LEÃO NO AQUÁRIO, PRIMAVERA LESTE) E COMPANHIA DE BIFE SECO (TERRÍVEL INCRÍVEL AVENTURA) E ARTISTA COLABORADOR NA SÚBITA COMPANHIA (HABITAT). INICIOU SEUS ESTUDOS EM DRAMATURGIA EM 2017 EM OFICINAS E LABORATÓRIOS DE ESCRITA E INTEGROU O NÚCLEO DE DRAMATURGIA DO SESI-PR 2019.

hérnia

Hérnia é o escape parcial ou total de um ou mais órgãos por um orifício, que se abriu por má formação ou enfraquecimento nas camadas de tecido protetoras dos órgãos internos. A hérnia pode aparecer em diferentes locais do corpo.

Hérnia é o escape parcial ou total de um ou mais universos por um orifício, que se abriu por má formação ou enfraquecimento nas camadas protetoras de tecido dos universos internos. A hérnia pode aparecer em diferentes locais da alma.

Hérnia é o escape parcial ou total de um ou mais seres humanos por um orifício que se abriu por má formação ou enfraquecimento nas camadas de tecido social protetoras dos seres humanos. A hérnia pode aparecer em diferentes locais do mundo.

Hérnia é o escape.

Miguel foi.

Miguel é.

Miguel será até quando?

Celeste foi.

E você?

As falas alinhadas à esquerda são de Celeste

*as alinhadas à direita, de Miguel
e as centralizadas são de Jor*

Vácuo

— Sai daqui!

— O que aconteceu, mãe?

— A bala! Tá na minha mão.

— Quê?

— Ia te acertar e eu peguei. Tá na minha mão, eu tô segurando.

— Do que você tá falando?

— Eu peguei a bala que ia te acertar!

— Como?

— Não sei, eu vi, corri e segurei com a mão, agora vai embora!

Corre!

— Eu não vou te deixar aqui.

— Vai sim! Vai pra algum lugar que eu não saiba, onde eu não te veja.

— Pra que isso, mãe?

— Pra te proteger.

— Já protegeu, chega. Levanta, vamos!

— Não. Ela tá fazendo força, Miguel, pra escapar.

— An?

— Ela tá querendo escapar e eu tô segurando com toda força que eu posso.

— Mas, então solta logo...

— NÃO! Eu tô com medo de soltar ou ela escapar da minha mão e ainda te acertar..

— Isso é impossível.

— Mais impossível que essa conversa, Miguel?

—

— Agora corre, meu filho, corre!

Se esconde!

Fica longe!

Bem longe, Miguel!

Não volta!

Só vai, meu filho!

Gravidade

— Vai querer o que hoje,
Celeste,
filé mignon?

— Ihhhh, até parece.

— Tá bonita, o que aconteceu?
Você tá diferente.
Tá namorando?!

— Ai Deus me livre, quem me dera. Que namorando o quê, ô? Deixa de ser enxerido, homem.

E ó,

eu não estou bonita. Eu sou bonita.

— Que que é então?

— Tá barata a carne moída hoje?

— Tá nada, preço de sempre...

— Hmmmm

— Quer dizer,
tá, assim, com um desconto especial
só pra quem contar a novidade que tá escondendo aí.

— Então me vê logo meio quilo, que eu vou fazer uma comida especial.

— Ihhhhhhhh

— Ah eu tô feliz. Por que a médica disse
que o que eu podia ter, eu não tenho
mas tenho outra coisa,
que ela disse e eu não entendi.

Tá ali no exame, depois Miguel lê pra mim.

— E o Miguel,
tá bem?

— Miguel tá. Criando os passarinho dele.

— Olha, vai ser
veterinário então?

— Quando eu pergunto se ele já decidiu, ele responde sabe o quê? Que vai ser o que ele quiser, quando ele quiser, se ele quiser. Acho lindo, mas me dá um medo. E esse furo no teto?

— Veio de cima dessa vez,
acertou minha balança.

Tô pensando nessa outra aqui.

— Uii, balança velha. Velha e feia.

— Pronto, meio quilo.

— Aaaai, deu choque.

— Credo!

Universo

Celeste carrega uma bolsa quase maior que ela, cheia de roupas.

— Ai que dor nos meus pés. Andei que nem uma camela hoje. Sabe o que que eu vi na rua? Sapo. Você que gosta de bicho, vi um sapo. Antes tinha mais sapo por aqui. Engraçado... Você não chegou a ver muito sapo por aqui né, Miguel?

— Não.

— Eu morria de medo. Diziam que sapo tinha veneno, que não podia chegar perto, senão ele espirrava o veneno e a gente podia até ficar cega. Miguel, você tá me ouvindo?

— Não. Quer dizer, tô. O medo né? Medo de sapo.

— Como eu tava dizendo... O, sapo, não lava, o pé...

— Não-lava-porque-não-quer!

Ai. Doeu.

Por que você fez isso?

Por que jogou o sapato em mim?

— Por que jogou o sapato em mim?

— Mâe!

— Mâe!

— Manhê!

— Manhê!

— Para com isso, por favor.

— Para com isso, por favor.

— Coisa mais chata, não tem graça.

— Coisa mais chata, não tem graça.

— A Celeste é boba.

— A Celeste é...

— Perdeu!

— Perdi?

— E quem perde ganha o quê?

— Quem perde,
ganha o quê?
Depende.

— Depende do quê?

— Ah, você tava dizendo
que tinha medo de sapo quando era pequena,
não tinha?

— Tinha.

— Não tem mais?

— Não.

Perdi.

— Então, o que você ganhou quando perdeu o medo de sapo?

— Canhei...

Eu ganheiiiii, coragem.

Coragem de sapo!

Tá rindo do quê, Miguel?

— Co-ra-gem de sa-po!

— Se você tivesse visto o sapo que eu vi hoje, você ia entender.

Agora, aqui,

lembrando daquele bicho lá,

tentando atravessar uma rua cheia de carro, com todo mundo que passava perto dele,

gritando, se assustando,

apontando e saindo correndo,

fora os que tentavam bater nele,

e fora ainda os que conseguiam bater, com algum galho ou com lixo da rua.

Tem que ter é coragem pra ser sapo no meio de tanto concreto, de tanto tijolo, de tanta sujeira. Eu fui criada na base do medo e agora tudo o que eu tenho é coragem de sapo.

— Mâe, onde é que você vai essa hora?

— Eu vou lá buscar aquele sapo, Miguel.

Vou criar ele aqui em casa junto com o Passáro...

— Opa! É melhor não.

— Me solta, Miguel. Eu vou lá buscar ele, sim.

— Faz quanto tempo que você viu ele?

— Faz umas horas já.

— Honestamente, mãe,
vamos guardar na cabeça essa imagem do sapo corajoso?

Vamos?

Com sorte, ele conseguiu chegar do outro lado.

Ou,

com sorte também, a essa altura ele já virou parte do asfalto.

Ai!! Doeu...

— Que horror, Miguel.

Não.

Ele chegou do outro lado sim,
encontrou os amigos sapo dele sim...
e agora eles... eles... estão bem...
feliz.

— Ah, não fica assim, mãe.

Vem, senta aqui.

Como é que foi lá na médica hoje?

— Foi bom.

— Bom?

— Ah, bom é modo de dizer né, Miguel. Bom, bom nunca é. O exame tá ali.
Até quero que você dê uma olhada pra mim. A médica falou, falou e eu mal
ouvi. Tava tão aliviada que não era o que a gente achava que era, que agora
nem sei o que é que eu tenho.

— É esse aqui?

— É! Esse papel amarelo.

— Esse?

— Esse.

— Nossa!

— O que foi?

— Sério que é esse aqui, mãe?

— Sério! Por quê?

Por quê, Miguel?

— Espera. Tô lendo...

— Lê alto.

— Mãe, eu tô achando...

— Ah pronto, a médica me enganou.

Falou em língua de médica e eu burra não entendi.

— Calma, mãe.

— Fala Miguel, pode falar.

Tô com coragem.

— O que é isso, mãe?

— Posição de coragem.

— Tá bom.

— Vai!

Manda ver!

Pode falar!

— É bem longo, vou pegar um trecho aqui:
“ação fantasmagórica à distância entre...”

— Fantasmagórica?!

— “...entre as partículas quânticas
com a explicação da conexão
de dois buracos negros nos confins...”

— Buraco?!

— Nã nã nã...

“Os espaços vazios do Universo
podem estar repletos de matéria escura,
de natureza ainda desconhecida.”

— Não entendi.

— Mãe, isso é universo.

— *Nuacridito*, universo?

Eu tenho universo?

Observa-se lentamente

— Eu tô com universo dentro de mim?

— Aham! E ouve só:

“Observações de supernovas têm mostrado que o universo
está se expandindo a uma velocidade acelerada.”

— Tô fodida.

— É o que diz aqui. Mas esse pode não se...

— Como é que eu vou viver agora, sabendo disso?

E o quê que falou ali de natureza desconhecida?

— Peraí... Aqui, achei!

“Os espaços vazios do Universo
podem estar repletos de matéria escura,
de natureza ainda desconhecida.”

— MÃE!

Densidade

— Celeste?

Mulher, por que você tá andando assim?

Tá com tontura?

— Eu tô com universo.

— Hein?

— Eu tô com universo!

— Fala mais alto!

— Eu, tô com universo!!

— Ah, eu também tô!

E ele tá comigo!

O que eu não posso e o que Deus não pode,
eu jogo pro Universo.

— Ah, não é isso. Deu no meu exame que eu tô com um universo aqui dentro
de mim.

— Ah pronto!

Tá grávida?

— Ai que absurdo, claro que não. É universo mesmo.

— Universo, universo?

Universo? U!

Universo, universo?

Universo? Universo, universo mesmo?

Como é que pode isso?

— É uma doença nova. É raríssima.

— E que remédio que toma?

— Ainda não sei, vou ter que voltar lá na médica pra saber direito, mas já
encomendei um travesseiro da Nasa.

— Ai Boba. E tá andando assim por quê?

— Tenho andado com todo cuidado do mundo, vai saber, né!

— E dói?

— Pior que não. Tô ótima. Eu faço umas caras de dor de vez em quando pra me convencer que eu tô doente, mas tá difícil. A médica me diz que eu tô doente. O exame diz que eu tô doente. Eu tô tentando encontrar uma dor no meu corpo, mas não acho. Era pra eu estar ruim, mas eu tô boa.

Eu tô bem.

Eu tô me sentindo até um pouquinho maior que ontem, acredita?

— Acredito.

Você fala e eu acredito.

Mas olha, eu nunca vi disso.

A pessoa adoecer e ficar melhor do que tava antes.

— Pois é.

E esse teto? Tá virando uma peneira hein!

— Eu não sei mais o que fazer.

Todo dia isso agora, Celeste.

Lembra outro dia? Tinha um.

Troquei a telha. Agora tá assim.

Vou deixar.

Enquanto não chover, tá bom.

— Diz que agora só vai chover em janeiro.

— Vai querer o quê hoje?

— Esqueci.

Ah lembrei! Só 20!

— 20 o quê?

— 20 ver!

Brincadeira! Quero batata-cenoura-e-pão e vai lá-em-casa-jantar-com-a-gente.

— Achei que você não ia chamar nunca.

— Abusado.

Luminosidade

— Hmmmm, tá fazendo o que de janta?

— Comida.

— Mas é o quê?

— Comida.

— Tá, mas qual comida?

— Comida de comer, Miguel.

— Eita, tá de mal humor?

— Toma, termina você. Não tô com cabeça.

— Ô mãe,

ouvi dizer que os buracos tão aumentando com o passar dos dias.

E tão vindo de cima, só de cima agora.

Começou de antes do açougue e tá vindo pra cá.

— O teto do açougue tá que é uma peneira já.

— Então!

— Então o quê?

— Daqui a pouco chega aqui.

— Vira essa boca pra lá, Miguel!

Não tem nada que interessa pra eles aqui!

Ou tem?

— O quê?

— O que, o quê?

— Ihhhhhhhhh você tá bem?

— Eu tô ótima, mas não tô podendo com essa coisa de universo.
Eu olho pra fora e me vejo pra dentro, eu olho pra dentro e me vejo pra fora.
Fica vindo na minha lembrança a imagem do sapo tentando atravessar a rua.
Aquele sapo era eu. Eu não voltei pra buscar ele. E agora onde é que eu tô?

— Ei, calma.
Tá aqui comigo.

Paradoxo

— Você ouviu?

— Ouví.

— Que barulho foi esse?

— Ô não me assusta.

— É sério! Tá vindo de cima.

— Será que...

—

— Bosta. Vamos correr!

— Não. Fica aqui. Aqui, entendeu?

— Aquele buraco
ali no teto
já existia?

— Que buraco?

— Aquele, por onde a luz tá entrando.

— Não. É novo. Agora fica aqui, que eu vou ver o que é isso.

— Toma! Veste.

— Pra quê?

— Você não pode sair assim.

— Assim como?

— Discreto. Tem que chamar a atenção.

— Aí que eu viro alvo de vez.

— Alvo você já é.

Singularidade

— Celeste,
você não disse que seu filho criava passarinho?

— Disse.

— Então fugiu
ou roubaram,
aqui só tem uma gaiola vazia.

— Shhhhhh, Passáro tá dormindo agora.

— Pássaro!

— Não, Passáro.

— Passado?

— PaSSÁro!

— Ah! Só muda o...

— É! Só muda o olhar.

Passáro foi o primeiro passarinho do Miguel, só ele via. Só ele cuidava. Com o tempo eu passei a ver também, mas levei um tempo. Hoje, tem dias que eu me pego aqui na frente da gaiola conversando com o Passáro, contando minhas coisas pra ele. Ele só escuta. Vez em quando Miguel abre a gaiola e ele vai voar com os outros lá fora.

— Outros?

— É. Só que os outros tem pena, voa, caga e dá gasto. Mas Miguel cria eles soltos mesmo, livre. Na hora de comer eles aparecem aí fora. Quando o Miguel assobia também. Eles vêm e bicam o Miguel e sobem nele e eles brincam e Miguel rola na terra junto com eles. Às vezes parece um monte de criança brincando.

Às vezes parece um monte de passarinho mesmo.

— Ah.

— Ah o quê?

— Nada.
Eu acredito.
Você fala e eu acredito.

— Acho bom mesmo.

— Celeste...

— Oi?

— Eu queria te...

— Ai vamos beber alguma coisa? Vamos, né!?

Tá quente. Ó,
tem água,
tem cerveja,
tem champagne...

— Tem champagne?

— Claro que não, né! Tem água e cerveja só.

— Então água.

— Com gelo?

— Sem.

— Eu vou tomar uma cervejota. Que bom que você veio,
assim eu posso beber.

Não gosto de beber sozinha, sabe? Toma! Mas você tava dizendo...

— Ah, bobagem, nada de mais. Ia te cham...

— Mó reboliço lá fora,
vocês não tão ouvindo?

Pessoal se reuniu lá no bar da Joana
pra ver a final lá do programa lá do...

que escolhe o...

Quem vai ser o próximo...

— Tá Miguel, não importa, é tudo igual.

— Tá! O programa lá... Xis.
E ó,

um buraco desse tamanho na parede
acertou a tv.

Pessoal tá puto.

— Coitada da Joana,
fez reforma faz pouco tempo.
O movimento tava aumentando,
ela me contou.

— Sabe o quê que aumentou também? As risadas. Povo se junta, ri alto. Isso incomoda. Como é que pode uma felicidade, uma felicidadeziiinha só, r i s a d a incomodar tanto?

— Foi na parede verde, ou na branca, Miguel?

— Furou a branca
e acertou a tv
que tava na verde.

— Furou a paz e acertou na esperança.

— O quê?

— O quê?

— Oi?

Cadê minha cerveja que tava aqui?
Cadê o Miguel?

— Como é que pode, né?

— Como é que pode.

— Como é que...

— Como é?

— Como é que...

— Pede?

— Como é que pede?

— Pede!

— P...

— Pede!!

— Você me dá mais um copo de água?

— Dou.

— E se eu te convidar pra ir ver minha apresentação,
você vai?

— Apresentação? De quê?

— Poesia medieval!

— Ai que b o n i t o .

Condensação

— MIGUEL!?

— Que foi, mãe?

— Me abraça aqui, meu amor.

Passáro

Celeste está com sua bolsa de roupas.

— Piuiiiiiiiiu piu piu piu. Piuiiiiiiiiiiu piu piu piu. Aqui, vem Passáro. Onde é que você tá, bicho? Tá se escondendo de mim, é?

An?

Ó, qualquer dia desses vou te colocar aqui dentro da minha bolsa e te levar junto comigo pra conhecer o mundo. Ai não quer, enjoado? Então vou te depenar, te fritar numa panela e te comer pra você conhecer o Universo! Que tal? Ei deixa te olhar melhor. Você tá diferente, vem aqui mais pertinho da luz. Você mudou de cor?

Ou é meu olho?

Já te contei, né Passáro, que eu tive três filhos? O primeiro, nem chegou a ver. O segundo eu vi de longe, chorando, todo vermelho e só. Miguel não. Ele ficou.

Toda vez que aparece um buraco desses por aí, eu dô graças quando é em parede, em telhado. Com essa história de universo eu não sei o que vai ser de mim, mas não quero, de jeito nenhum, encontrar meu filho esburacado. É buraco aparecendo direto e cada vez mais. Buraco pequeno, buraco médio, tem uns que chega a ter milímetros. 39 milímetros, 45. Tem uns tão grandes que passa até uma pessoa. Até uma pessoa.

Eu tava voltando pra casa esses dias, senti o chão mole, não sei se era o chão ou se eram minhas pernas. Nos dois casos eu fico preocupada. Esse monte de buraco tá enfraquecendo até o chão que a gente pisa. Tá enfraquecendo as nossas pernas também. Tá mole e balançando de tão furado que tá. De tão furado, nem sustenta mais. Até quando?

— Até quando?

Celeste se atrapalha com a bolsa

— Oi filho, já chegou?!

— Não tá muito pesado isso aí?

— Tá nada, eu aguento.

— Cuidado!
— Te ajudo.

— Cuidado, anda com cuidado.
Só toma cuidado onde você pisa.
Só toma cuidado. Só.
Tem muita coisa por aí que a gente não tá enxergando. Ainda!
É uma questão de tempo.

— Tá, mas o tempo é relativo
e
o olhar é subjetivo!

— Então só separa P, M e G pra mim, que tá bom já.

— Mãe, Jor te convidou pra apresentação dele?

— Convidou!
— Você vai?

— Vou.
— Poesia, né?!

— Poesia sim.
— Nunca nem imaginei.

— Só porque ele é açougueiro?
— É né!

— O poeta da carne.
— Uí credo, Celeste!

— Como assim, C e l e s t e? Você nunca me chamou de C e l e s t e!
— Você também,
nunca falou comigo de alguém
desse jeito aí que você falou!

— Que jeito?
— O poeta da c a r n e.

— Tá com ciúme agora?
— Não.

— Agora, tô separando as roupas em PÊ, EME e GÊ.
— Hmm.

— Quando terminar de separar, vê o que que presta e o que não presta.
— Faz o quê com o que não presta?

— Vendo mais barato.
— E essa jaqueta aqui que tem um furo?
Dá pra vender por quanto? 50?

— Ih Imagina, um tecido ruim desse rasga fácil.
— Dá aqui, deixa eu ver com a mão.

— Ah mas é bonita.
60!
Pode escrever aí na etiqueta.

Expansão

— Nem dormi.

— Passei a noite inteira olhando pra cima.

— Tava coberta já.

— Mãe?

Dormiu lá fora?

— Não se cobriu?

Déjà vu

— Você ouviu?

— Ouvi.

— Que barulho foi esse?

— Ô não me assusta.

— É sério! Tá vindo de cima.

— Será que...

— Espera.

Tá vindo. Tá mais perto.

— Bosta. Vamos correr!

— Não. Fica aqui. Aqui, entendeu?

— Aquele buraco

ali no teto

já existia?

— Que buraco?

— Aquele, por onde a luz tá entrando.

— Não. É novo. Agora fica aqui, que eu vou ver o que é isso.

— Toma! Veste.

— Pra quê?

— Você não pode sair assim.

— Assim como?

— Discreto. Tem que chamar a atenção.

— Aí que eu viro alvo de vez.

— Alvo você já é.

Rápido, Miguel, eu não quero chegar atrasada.

— Tô quase. Vou de camiseta branca mesmo.
— Tá lindo, vamos.

— Nossa!
— O quê?
— Tá brilhando.

— Obrigada.
— É sério.

— Eu sei.
— Ihhhhhhhhhhhh.

— Ihhhh o quê, Miguel? Anda logo!
A apresentação do Jor vai ser no teatro lá da escola?

— Não tem teatro lá, é salão nobre!
— Calma!

— An? Mãe, tá sentindo alguma coisa?
— Tô ouvindo, você não tá?

— Não.
— Agora tô.

— shhhhhhhhhhhhhhh
— Passou?

— Parece que sim. Agora vamos. Olho nas costas, hein!
— Sempre.

Saem. O som se aproxima, aumenta, chega pra matar, pra acertar.

— M
I
G
U
E
L

Ouve-se apenas o som da cena vácuo.

— Sai daqui!
— O que aconteceu, mãe?

— A bala! Tá na minha mão.
— Quê?

— Ia te acertar e eu peguei. Tá na minha mão, eu tô segurando.
— Do que você tá falando?

— Eu peguei a bala que ia te acertar!
— Como?

— Não sei, eu vi, corri e segurei com a mão, agora vai embora!
Corre!

— Eu não vou te deixar aqui.
— Vai sim! Vai pra algum lugar que eu não saiba, onde eu não te veja.
— Pra que isso, mãe?

— Pra te proteger.
— Já protegeu, chega. Levanta, vamos!

— Não. Ela tá fazendo força, Miguel, pra escapar.
— An?

— Ela tá querendo escapar e eu tô segurando com toda força que eu posso.
— Mas, então solta logo...

— NÃO! Eu tô com medo de soltar ou ela escapar da minha mão e ainda te acertar..
— Isso é impossível.

— Mais impossível que essa conversa, Miguel?

— Agora corre, meu filho, corre!
Se esconde!
Fica longe!
Bem longe, Miguel!
Não volta!
Só vai

Realidade

Jor apresenta seu poema.

A cauda de um avião supersônico abre a porta
Não era isso que eu queria. grita do teto. um garoto em pele
escorrendo petróleo.

UM DEUS CÓSMICO

Ela corre de uma parede a outra
A pele escorre petróleo
sai do coelho a cartola
Ela corre do chão ao teto
a pele escorre todo o chão
Limpa a pele
Salva o chão.
Veste a pele
seu bobão.

— Obrigado.

— MIGUEL!?

— Que foi, mãe?

— Me abraça aqui, meu amor.

— Esse pode ser o último, né?

— Deixa de ser bobo, menino. Brincadeira boba.

— Não é brincadeira.

— É premonição? É sonho?

— Nem premonição, nem sonho. É uma possibilidade.

— Não gosto dessa possibilidade. Tem tantas outras, meu filho.

— Tem?

— Tem!

— Tem mesmo?

— Tem.

— Māe.

— Quê?

— Existe, talvez a possibilidade

de eu estar libertando os passarinhos Biquinho lá da feira.

— Que isso? Até parece... Você tá metido com encrenca, Miguel?

— Não é encrenca, māe. O pessoal pega os passarinhos enfiam numa gaiola minúscula pra vender por mixaria na feira. Em uma gaiola pra dois, eles chegam a colocar vinte, trinta, cinquenta. Quando eu soube eu fiquei puto, mas quando eu vi, minha mão foi mais rápida, já tava abrindo as gaiolas.

e...

— E...?

— Existe também, talvez a possibilidade do Jor estar me ajudando nisso.

Ele distrai o vendedor enquanto eu abro as gaiolas.

Não vai brigar com ele, hein!

— Brigar? Não. Eu vou dar parabéns pros dois. Que coisa mais linda, agindo pelas minhas costas. Estou profundamente d e c e p c i o n a d a com vocês!

— Jura?

— Claro que não! Eu quero é ir junto da próxima vez!

Mas escuta, por que você tá me contando isso agora?

— Justamente porque hoje era dia da gente se encontrar e o Jor não apareceu.

Parece que ele teve um problema lá com o teto do açougue.

— Ai.

— Que foi?

— Uma pontada.

Órbita

— Ô de casa, tô entrando.

Celeste? Miguel? Porta tá aberta, tô entrando hein.

Ahhh

— Ahhhhh!

— Celeste, ai desculpa, desculpa, desculpa. Eu não queria te atrapalhar, desculpa.

— Ai, imagina. Eu assustei só.

— Ah eu devia ter avisado que vinha. Desculpa, eu volto outra hora.

— Imagina, já tá aqui.

— Já tá aqui?

— Já! Você.

— Eu tô.

E você?

— Também!

— Celeste, eu queria ver se você tem uma roupa bem bonita pra eu me apresentar hoje à noite.

— Uma roupa bem bonita?

— É.

— Tem essa jaqueta aqui. Ô que bonita. Prova!

— Ah veste bem, mas ó, tem um furo bem aqui.

— Tá na moda, você não sabia?

— Não!

— Só sair aí na rua que você vai ver o mundo todo furado.

— É mesmo!

— Bobo. Eu costuro pra você.

— Não!

Vamos furar mais!

Vamos deixar mais furado.

Aí vai ser meu estilo.

— É?

É!

Vamos deixar bem irregular,

fazer mais um furo aqui e aqui

e

aqui... Ai.

— Que foi? Uma pontada?

— Não.

Passou um cometa.

— Então faz um pedido!

— Já fiz.

Infinito

— Mãe?

Dormiu lá fora?

— Nem dormi.

— Passei a noite inteira olhando pra cima.

— Não se cobriu?

— Tava coberta já.

— Como assim?

— Os passarinhos se aninharam em mim. Passáro também ficou comigo.

É incrível como quando a gente faz uma coisa boba que é olhar pra cima, tudo muda. PESCOÇO acostumado a olhar pra frente quando olha pra cima faz até um CREK.

Amanhã vou treinar olhar para o lado
E pro outro.

— E você ficou lá até agora?
— Que horas são?
— Tá quase na hora já!
— Então eu tô pronta.
— Eu só vou trocar de camiseta.
— Você ouviu?
— Ouvi.
— Que barulho foi esse?
— Ô não me assusta.
— É sério! Tá vindo de cima.
— Será que
— Espera.
Tá vindo. Tá mais perto.
—
— Bosta. Vamos correr!
— Não. Fica aqui. Aqui, entendeu?
— Aquele buraco
ali no teto
já existia?
— Que buraco?
— Aquele, por onde a luz tá entrando.
— Não. É novo. Agora fica aqui, que eu vou ver o que é isso.
— Toma! Veste.
— Pra quê?
— Assim como?

— Discreto. Tem que chamar a atenção.
— Áí que eu viro alvo de vez.
— Alvo você já é.
Rápido, Miguel, eu não quero chegar atrasada.
— Tô quase. Vou de camiseta branca mesmo.
— Tá lindo, vamos.
— Nossa!
— O quê?
— Tá brilhando.
— Obrigada.
— É sério.
— Eu sei.
— Ihhhhhh
— Ihhhh o quê, Miguel? Anda logo!
A apresentação do Jor vai ser no teatro lá da escola?
— Não tem teatro lá, é salão nobre!
— Calma!
— An? Mãe, tá sentindo alguma coisa?
— Tô ouvindo, você não tá?
— Não.
— Agora tô.
— shhhhhhhhhhhhhhh
— Passou?
— Parece que sim. Agora vamos. Olho nas costas, hein!
— Sempre.
Saem. O som se aproxima, aumenta, chega pra matar, pra acertar.

— M
I

G

U E L

Universo Bolha

— Ô de casa, tô entrando.

Celeste? Miguel? Porta tá aberta, tô entrando hein.

Percebi que vocês não foram na mi...

Misericórdia, o que que é isso?

— Peguei a bala que ia acertar o Miguel.

— Bala que ia acertar o Miguel?

— Ia. É! De cima. Uma luz. Barulho. A gente saiu de casa pra te ver. A gente tava na porta de casa, saindo. A bala vindo eu pulei e segurei com toda força. Foi o universo, só pode.

— Tudo bem, calma.

E o Miguel?

— Mandei ele se esconder, ficar longe.

— E agora tua mão tá inchada?

— Não. Tá crescendo. Faz 20 minutos que esquentou, ardeu, senti a carne rasgando...

— Tá grande assim e não é inchaço?

— Não. É músculo. Tá mais forte.

— Vamos, vou te levar pro hospital.

— Não.

Me leva pro açougue.

— Celeste, o açougue acabou de virar um buraco.

Acabou.

— Você ouviu?

— Ouvi.

— Que barulho foi esse?

— Ô não me assusta.

— É sério!

— Será que

— Espera.

— Tá vindo... Tá vindo de você.

— Tá aumentando. Tá a u m e n t a n d o!

— É uma música.

— Essa música

aqui em mim,

já existia?

— Me concede uma dança?

Celeste assume posição de coragem e eles dançam. A dança dos dois constrói e destrói universos. A poesia e o universo dançam. Bilhões de anos em alguns passos e espaços.

Celeste dança com a bala na mão. Ela dança pra manter a trajetória. O ar não é mais o mesmo, seu rosto não é o mesmo. Outra Celeste.

Emaranhamento

Jor terminando de ler seu poema para Celeste.

— Obrigado!

— Aplausos!

— Obrigado, obrigado!

— Eles te aplaudiram muito?

— Mais ou menos.

— Você ficou em primeiro lugar?

— Não era uma competição.

— Ah mas se fosse, você ia ficar em primeiro lugar!

— Sério que você gostou?

— Eu não entendi, mas eu achei tão bonito. É forte né?

Mas UM DEUS CÓSMICO é o quê? Um E.T.?

— Ah não acho que é uma coisa assim definida,
é mais uma energia, sabe? Uma luz que brilha e
que atravessa o espaço e que atravessa a gente
também.

Ah, é uma poesia.

— É por isso que é bonito. Ah ó, tem um resto de poeira aqui no teu ombro.

— Ah, e elogiaram a minha jaqueta.

Perguntaram em que loja que eu comprei.

— Mentira!

— Verdade! Disse que era exclusiva, que só eu tenho.

— Ai que chique.

Toca a campainha.

— Ué!? Campainha?

Desde quando tem campainha aqui?

— Não tem campainha aqui.

— Vou atender!

— Eu vou junto.



HIERONYMUS NAS MASMORRAS LUIZ FELIPE LEPREVOST

NUM TEMPO EM QUE A ORDEM MUNDIAL TRANSITA DO DESAMPARO À BARBÁRIE COM A VELOCIDADE DE UM PISCAR DE OLHOS, LEPREVOST NOS CONDUZ AO FIM DA HUMANIDADE COMO A CONHECEMOS, O FUNDO DO NADA, ONDE OS CONCEITOS JÁ ESTÃO TODOS ELES ARRUMADOS, DE MANEIRA LÍRICO NARRATIVA E COM INÚMERAS CAMADAS DE INTERPRETAÇÃO. E É A PARTIR DESSE FIM CAÓTICO QUE O REI CARTESIANO RETORNA. O SEU CONHECIMENTO E A SUA CAPACIDADE DE PENSAR O TRAZEM DE VOLTA. ELE REINAUGURA A CAMINHADA DA HUMANIDADE SOBRE A TERRA SOB OS EFEITOS DA ILUSÃO DA SEGURANÇA, DA ILUSÃO DO QUE É CERTO, POSITIVO E RACIONAL.

LUIZ FELIPE LEPREVOST NASCEU EM 21/03/1979, EM CURITIBA - PR, ONDE MORA ATUALMENTE, APÓS TEMPORADA DE QUATRO ANOS VIVENDO NO RIO DE JANEIRO. É BACHAREL EM ARTES CÊNICAS PELA CAL (CASA DE ARTES DE LARANJEIRAS - RJ). É ATOR, ESCRITOR E TAMBÉM DESENVOLVE TRABALHO NA ÁREA MUSICAL. ESCRVEU E PUBLICOU OS ROMANCES DIAS NUBLADOS (ARTE & LETRA, 2015) E E SE CONTORCE IGUAL A UM DRAGÃOZINHO FERIDO (ARTE & LETRA, 2011), ALÉM DE LIVROS DE CONTOS, POESIA E PEÇAS DE TEATRO. NA MÚSICA, SEU TRABALHO AUTORAL TRANSITA POR PARCERIAS COM ALEXANDRE NERO, TROY ROSSILHO, OCTAVIO CAMARGO, ENTRE OUTROS. UMA DEZENA DE CANÇÕES DE SUA AUTORIA FAZEM PARTE DO REPERTÓRIO D'A BANDA MAIS BONITA DA CIDADE. ATOR, COMPÔS ATÉ O FINAL DO ANO DE 2019 OS ELENÇOS DAS PEÇAS HAMLET E ANGELS IN AMERICA, MONTADAS PELA ARMAZÉM COMPANHIA DE TEATRO.

chamar para dentro do Cavalo

o Cavalo o Velho Cartesiano degola o
Cavalo de Hieronymus o Cavalo tem
muitos Abutres dentro dele
o Cavalo de Hieronymus degola o
Velho Cartesiano

turbulência no miolo do tempo

eles me fizeram trazer pelos
cabelos minha própria cabeça como
alguém que carregasse um abacaxi pelas folhas eles
me usaram em inseminações como eu fosse
um atleta de Cristo

agora

estou mijando sem órgão genital uma espécie de
doze para cada lado vinte e
quatro costelas trinta e três vértebras mastigadas
por mandíbulas do Dilúvio
essa minha imensa quantidade de mergulhar em
eu fui uma Múmia uma
gozando com
meu próprio desmembramento carregando
carrancas fazendo a digestão
depois de nem comer comidas

agora

fezes o corpo fraco não combate
a doença tenho um coração de formiga
de um lado animais que bebem leite de
outro as vacas o fraco corpo não

agora

furacão de fogo que
alguém sem a paterna indústria
pudesse reparar a humanidade
sem congressos sem revolucionários sem
reuniões com voto sem caroço sem
detergente sem manifestantes sem catálogos
sem igrejas sem assembleias sem
massacres sem escravos sem fobias mas
esses mil remédios em vão tentar-se-á primeiro

agora

na época em que chovia merda

Hieronymus nas masmorras

água preta feito sangue de
feito óleo diesel pinga do teto
sangue diesel faminto ele
como a terra vermelha molhada
o rubro da terra a umidade
Hieronymus cospe o sangue diesel
agora
da terra tosse contraindo o raquíto
abdômen tosse sangue preto o
Guarda vem acudi-lo Hieronymus foge
a espada com sangue caída à beira do rio

a Guarda Real Hieronymus morreu afogado?

Hieronymus tem guelras quando
é necessário tê-las

será o Mundo entregue às feras
o que dos humanos foi será dos
brutos será dos burros será que

estátuas de sangue coagulado

Hospital quinhentos ou mais leitos
Hospital como um Cemitério um
Cemitério o imenso pátio das estátuas de sangue
Cadáveres frescos pendurados no alto
Cadáveres pingam o chorume substância
gordurosa expelida pelo tecido
adiposo da banha dos animais humanos
Hieronymus procura drogas e
instrumentos com ponta e lâmina

hoje
armas o que um dia foram objetos
destinados à cura armas armas
hoje
dois Coveiros surgem um vestido de cardeal
o outro fardado todos os instrumentos armas
armas acopladas à farda armas armas

Domador diz para o forasteiro o que é mandar mandar é poder cortar a cabeça de alguém sem que isso nos traga qualquer consequência

Cardeal arranca um pedaço de sangue
de uma estátua de sangue
estátua coagulada
come como fosse gelatina como gelatina fosse

com quem você aprendeu Domador?
com meu pai há duzentos anos meu pai meu
me deu tudo de presente eu sou Herdeiro
foi tua crucificação

no começo não pois eu tinha um cérebro
brilhante cabeça de termômetro a
fisioterapêutica me curava a cirrose dos
joelhos e ainda a chefia das lubrificações
sempre responsável em preparar-me
iogurtes com data de validade

e em troca Domador o que todos ganhavam
ração para quem era de raça
dizem que você tem três pênis
sim esse aqui é o piroca esse o trabuco esse o

como pode?
medicina tecnologia
e onde estão
hoje
os Patriarcas

como saberei já não os há mais
sobre a face da Terra

agora todos somos Filhos

quem tem filhos?

quem os tem os tem graças a genética
mas os clones crescem órfãos
animais crucificados sem cruz

o que agradeço de todo o
coração que também já não posso

a Terra é um lugar de machões eunucos

de que valem três paus com nome e tudo Domador
eunuco?

nada né Cardeal apenas poder abrir uma
cabeça como fosse uma melancia

mas eu digo a vocês dois bom mesmo é poder
abrir abrir e abrir uma cabeça como ela fosse
uma melancia e não fazê-lo bom é afagá-la afagá-la
e com bondade afagá-la com bondade isso é que é
mandar

o que o Forasteiro está dizendo? que é bom
permitir que o cérebro de um qualquer
continue funcionando à favor da submissão
porém sendo insubmissô?

o que digo nada tem a ver com submissão

está claro para mim que você apenas não
quer que ele te abra a cuca

sim está claro não não é só o que estou falando

então o que está esperando que ainda não
me lambeu as botas Forasteiro?

se eu lamber as tuas botas serei obrigado a
calcá-las e para calçá-las terei que te decepar
digo te decepar na altura das canelas

como é?

como ousa?

eu sou Hieronymus por tanto ouso

Hieronymus?

mas você não estava nas masmorras?

fugi

por que não o reconhecemos?

fiz adulteração facial

mas é você mesmo depois de todos esses anos?

prove

pega é o meu Curriculum Vitae

oh

oh

Soldado ofereça de comer ao mestre Hieronymus

não não precisa obrigado

como foi que o Senhor escapou?

é longa a História longa como longa a História é
e o tempo é curto como curto o tempo corre e assim
eu vi centenas de anos se passando enquanto a
Cidade avançava no Velho Podre nem só na costa para
além do que os geólogos a oceanografia nem sei
quantos km/h tsunamis de cimento depois bolo fecal
zil tratores marítimos da última Guerra para cima
do Velho de seu calcanhar eu fazia a cocaína via
intravenosa ou nas gengivas de maxilares de vidro eu
tive trombose cerebral mas avante com a lógica eu
pensava em mesa branca ou naves espaciais
propulsores dilatadores do
Tempo eu estive nelas me metendo onde a
astrologia não é a astrologia corpos celestes signos

zodiacais bússolas místicas eu bebi eu pilotei
retro escavadeiras em direção à Mansão dos
Mortos fui o personal training de obesos Cristos
ressuscitados no terceiro dia estou nas páginas do
Futuro Testamento emprestei meus ossos para
meus músculos para o Outro meu estômago minha
biologia a biologia é o estômago da linguagem o
estômago é a explosão demográfica estive em
carnificinas ao lado dos Vegetarianos como fui
expulso de swings party
vi Eros Travesti hímens queimando na pia batismal
comprei compactuei com a segurança pública o
Imperador avançando na ecologia enquanto cus-de-
ferro da robótica inventavam carcaças para o amanhã
quando não pude velar os Professores do Estado nem
os Doutores dos vocês fizeram um câncer quando não
não pude impedir que o câncer fizesse campanha
política mas e vocês o que faziam aqui antes do Fim
digo do Fim de Tudo?

desenvolvíamos e implantávamos medulas de
borracha

e

agora

cuidamos deles

estão mortos?

mesmo os mortos têm direito à saúde

você quer dizer saudade

o que podemos fazer por você Hieronymus?

preciso do seu conhecimento quero que batam
em mim me espanquem vértebra por vértebra
até que Satanás entre no meu sangue até todos
os covardes da humanidade e suas injustiças se
transformarem em meus músculos até que nova
mente Bibliotecas venham em chamas substituir
meu cérebro batam em mim nem que se faça
necessário separar víscera por víscera com as patas
mastodônticas de vocês até Cartesiano se desalojar do
meu estômago

castelo dos animais de estimação

bebe

o que é?

o que é? não seja imbecil

não bebo mais gasolina Majestade

abstêmio?

sim

surpreendente se a moda pega é capaz de nossos
Escavadores e Sugadores colocarem em questão a
necessidade da extração do negro mel e não
queremos que aconteça não é?

não Excelência me perdoe parei porque meu fígado
cresce sem descanso não mais tolero os
Abutres vindo comê-lo incansavelmente

e com a coprofilia parou também?

ainda gosto do sabor da ferrugem na boca

como não gostar tal sabor nos torna mais
próximos uns dos outros

porém Eminência

as paredes do Castelo o assoalho o teto do
Castelo são feitos de corpos humanos agonizantes
humanos o Castelo

o quê?

agonizantes animais humanos agonizantes e
alguns animais domésticos domésticos

é que

honre tuas medalhas

más notícias Magnificência os Rebeldes desde que
Hieronymus fugiu das masmorras o caos se instaurou
essa onda Aerossol?

ele está à frente

ah cinco minutos conversando com um tolo é tempo
para um Rei com lepra ver-se insano bebe Cartesiano
bebe gasolina bebe

Santidadade Hieronymus está guilhotinando os
Bioquímicos queimou vivos os Farmacêuticos
instaurou a própria Inquisição os Miseráveis tem
devoção por ele

não somos nós que sofremos de crise de fé é
Hieronymus

ele é o poder paralelo Reverendíssima

para ele nós somos as Bruxas é isso?

ele anda com o membro novinho em folha de fora e
distribui carne satírica aos Miseráveis no mais é
morte destruição o País em meio à doença da
carnificina as feras se desentocaram

e o que diz a Inteligência?

está sem ação

até mesmo os Sociólogos os Antropólogos os
Fififififi como eles se chamam mesmo?

lósofos?

eles

esses todos já não existem

os Campeões Olímpicos convoque-os

estão obesos Alteza

blasfêmias tóxicas

não Rei estou dizendo as hordas de Hieronymus
estão por toda a parte tomaram de assalto até os
Clubes de Quimioterapia

oh não

a população está em pânico Ministros do Supremo
e Presidentes foram empalados Sócios Majoritários
pegos como reféns ou ou ou

diga

cooptados

somos uma nação de covardes não resistiremos nem
um mês sem os Clubes de Quimioterapia

nós daremos um jeito meu Amor

quem é você que me fala? talvez nem mesmo um
defunto comedor de bosta não poderia sequer
usá-lo nas paredes tenho meu estoque de carvão
barris de gasolina Hieronymus só tem o sangue de
feras
humanas em que nadar lágrimas das gentes sopa para
os mortos cheguei onde cheguei por quê? ossos são
melhores que a hidráulica? patas melhores melhores
melhores que válvulas? Hieronymus conhece a
anatomia?
eu tenho uma medula de borracha cacete

abre Rei Cartesiano abre as enormes de borracha
asas de borracha esmaga o outro como mosca o
outro que Rei Cartesiano

agora
esmaga o outro é mais um na agonizante parede na
parede corpo agonizante corpo

ciências antropofágicas

o Velho cu na lama fuça para as estrelas na lama
azul teu cu cheio de bichos para as estrelas o Velho
Velho Podre fuça na lama uma pauta verdadeira
pauta o Velho uma pauta

agora

o que a cidade foi a cidade

agora

deserto o deserto do

agora agora agoras

Velho

agora

sozinho sozinho sozinho sozinho

sozinho que até que

pássaros

me ajudem

o Velho diz o

aqui

ó

não

socorro

o Velho Abutres esquartejando são os Abutres
esquartejando o Velho Podre Abutres

você nos odeia Velho desgraçado
Velho porco Velho de merda de
merda velha de poder de Podre Velho

Abutres em coro dos Abutres em coro

podemos ver os escorpiões
os ratos dentro de você
enferrujando o sangue roendo os ossos
você nos odeia Velho

não não odeio não odeio

o Velho diz o

quando?

odeia sim

é

mas todos os mortos odeiam os vivos

agora

os Abutres o Velho carniça do Velho
o Velho os Abutres um voa Abutres voa Abutres
quatro Abutres três Abutres dois outros Abutres
comem o Velho os Abutres comem o Velho os
Abutres arrotam o Velho os Abutres limpam a boca
os Abutres na manga da camisa mas o Velho volta o
Velho da morte o Velho os Abutres não se assustam
um beijo o Velho dá um beijo o Velho na boca um
beijo de um deles Abutres o que voou um beijo
na boca dele dá o Velho dois Abutres três Abutres
quatro Abutres os outros vem cheirar o Velho lambe
o Velho a mão do Velho os Abutres como cãezinhos
os Abutres que abanam o rabo os Abutres para seu
Velho Cartesiano seu dono os dedos dos pés do
Velho as velhas canelas velhas os joelhos do Velho
a bacia a bacia os dedos velhos das mãos do Velho
Cartesiano se despedaçam os
antebraços o Velho se despedaçando bíceps nariz as
tetas de Cartesiano de Car te si a no

agora

fragmentos mínimos fragmentos farelos de um Rei
agora

mínimo

mínimos fragmentos mas
Cartesiano dos mortos retornado dos
retornados mortos Cartesiano quem
volta dos mortos traz junto os mortos
como quem volta da guerra traz a guerra e

pondera teus sentimentos
as emoções das tuas pernas
teus pés como estão?
tuas rugas conta-as
anota teus defeitos
para não os repetir
tua bílis troca-a por um pistão
reza para teus espíritos mentais só
quem se gaba alardeia seu valor
não é grande coisa para se temer
não despreze nada
você precisa de dinheiro toda a lógica é
volta à economia nada mais
você precisa sair desse pântano
não deixe que se perceba teu errar na sombra
você precisa reaprender a usar tua fisionomia mutante
agora

a noite já está em pé
você é Cartesiano o escolhido

castelo dos animais de estimação

majestade Hieronymus se infiltrou
em nossas cadeias produtivas

só me faltava essa
e onde está este pervertido agora?

foi visto pela última vez há 12 luas no
vilarejo de Fielefel antes passou por
Colicaína onde arrebanhou mais de sete mil
homens-homens e homens-bestas protegido
na serra de Muscleshudo ele os treinou com
privação de sono pressão psicológica também
claustrofobia em caverna resistência ao gelo
ao fogo flutuação em alto mar mergulhos em
apneia sem comida sem água sem roupas com
demolição de afeto de concreto e o manuseio
de armas de fogo artes marciais eles atiram uns
nos outros no peito e continuam em pé mutilam
partes do corpo para serem mais respeitados

chega já ouvi o bastante

perdão Amor

**Hieronymus pelos esgotos bebendo esgotos
bebendo pelos esgotos bebendo sangue**

dizem que se pode ouvir seu brado
equino com cinco quilômetros

é verdade meu Campeão suas vozes vem do chão
como fossem gás explodindo e ainda uma auréola
fosforescente teria sido vista em volta da sua cabeça

fiquei doente para me salvar afogado num
palude me salvei doente até mesmo dos
Direitos Humanos para me salvar eles só
me deram os Direitos Humanos quando eu
não mais era humano para me salvar de me
salvar até mesmo eu

esse desgraçado foi contra a engenharia
militar na época das Máquinas de Habitar
Máquinas de Vestir Máquinas do Raciocínio

como ele consegue tantos Seguidores?

dizem que ele manipula as enzimas do raciocínio das
pessoas

que devassidão
o Cardeal e o Domador o ajudaram
traidores eu os quero mortos
agora

Hieronymus já ele próprio já ele já tratou disso
bebendo muralhas escalando Hieronymus
escalando muralhas bebendo sangue
com todo respeito Patrão nem os nossos fossos
tampouco os Lictores armados com suas miras
noturnas
e todos os nossos Milicianos o impedirão de entrar
cale a boca Áugure Maldito

primeira idade idade do ouro

vazioplano até que bípedes da beatitude o
momento em que o embrião se torna uma pessoa
a **primeira idade idade do ouro** sem nenhum
vingador sem lei nenhuma lei sem só o

agora

que estou começando a vida não
tenho lembranças lembrar é só
a distração do esquecimento
agora

que estou começando
não tenho sequelas elas são o
jeito humano de suportar
as dores

agora
que estou
nem sei se estou
o que a normalidade se sou
a natureza
a natureza pode que é só
a natureza
é a inconsciência

agora
o mundo não é
paciente com os recém
os recém nascidos desde
ah

jazem no sepulcro
não
sim
nós os humanos somos
defeituosos nós os humanos
sim
não
somos defeituosos somos
essa inconsciência estou ciente
a natureza é
defeituosa a natureza das
lembranças se apagando
o que passou se apagando
o que passará passara quando
se apagará?



OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA? ALAN NORÕES

DE FORMA FABULAR, O AUTOR NOS COLOCA DIANTE DE UM JANTAR ONDE DOIS CASAIS DE NOBRES, BARÃO E BARONESA, DUQUE E DUQUESA, DIALOGAM SOBRE OS PORMENORES POLÍTICOS DE UM BRASIL IMPERIAL QUE SE DEMONSTRA INTIMAMENTE LIGADO AO MOMENTO ATUAL DO PAÍS. UM SALÃO NOBRE EM DIA DE FESTA QUE VAI SENDO PAULATINAMENTE HABITADO POR DIFERENTES ANIMAIS EM ALUSÃO AOS HÁBITOS E COMPORTAMENTOS DE TODA A ESTRUTURA NOBILIÁRQUICA BRASILEIRA. EM UMA COMÉDIA CLÁSSICA COM DIÁLOGOS BEM PONTUADOS E RITMADOS, OS SENHORES REPARARAM É UMA PEÇA QUE ABRE MÃO DE FORMALIDADES CONTEMPORÂNEAS EM PROL DO RISO FÁCIL E DO ENTRETENIMENTO CRÍTICO.

ALAN NORÕES NASCEU EM FORTALEZA, EM 1988. PUBLICOU O LIVRO DE CONTOS A LUA DE UR NUM PRATO DE TERRA (7LETRAS), CONTEMPLADO COM O EDITAL DE INCENTIVO ÀS ARTES, DA SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ. RECEBEU A BOLSA FUNARTE DE CRIAÇÃO LITERÁRIA EM 2010 PARA ESCRERER UM ROMANCE, AINDA INÉDITO. FOI REPÓRTER DOS JORNais FOLHA DE S.PAULO, AGORA SÃO PAULO E O Povo. ATUALMENTE COLABORA PARA O RASCUNHO E TRABALHA COMO REVISOR DE TEXTOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA? É SUA PRIMEIRA DRAMATURGIA PUBLICADA.

PERSONAGENS:

BARÃO

BARONESA

DUQUE

DUQUESA

VISCONDE DE MATABURROS

VISCONDESSA DE MATABURROS

JOVEM

IMPERADOR

PRINCESA

GARÇOM

CHILENOS

E NOBRES DA CORTE

(Salão decorado. Som ambiente de vozes conversando e talheres tilintando. Um Garçom anda de um lado a outro oferecendo comes e bebes numa bandeja. Confabulando em quarteto estão o Barão e sua respectiva Baronesa, o Duque e sua respectiva Duquesa.)

BARONESA — Os senhores, por acaso, já repararam que a viscondessa de Mataburros é uma porca?

BARÃO — Baronesa!

DUQUESA — Que perversidade deliciosa!

DUQUE — A viscondessa de Mataburros era realmente uma mulher muito bonita quando jovem, mas agora que envelheceu decaiu de modo nunca antes visto na história do Império.

BARÃO — Cumprimentei-a minutos atrás e me pareceu ainda uma mulher formidável, de particular perspicácia. Além disso, foi impecável em sua toalete esta noite.

BARONESA — Acho que os senhores não me compreenderam.

BARÃO — Compreendemos que a senhora poderia guardar seus comentários maldosos para outra ocasião.

BARONESA — Mas é uma porca!

DUQUE — A Baronesa tem o frescor da espontaneidade.

DUQUESA — Toda criatura plena, como eu, diz a verdade de um jeito bem espontâneo.

BARÃO — Como eu ia dizendo, minhas extensas propriedades/

BARONESA — Inacreditável que tenham dado o título de nobreza a uma porca!

DUQUE — A senhora tem um dom! O dom tremendo do absurdo, Baronesa!

BARONESA — A isso se chama simplesmente realidade. Por isso nem quero imaginar como deve ter sido a cerimônia de investidura!

DUQUESA — Duque, precisamos apresentá-la à marquesa de Abaporu, que também fala com espíritos.

BARÃO — Ela está precisada mesmo de amigas como a senhora.

BARONESA — Agora uma pergunta muito desesperadora: terá sido sempre uma porca? Ou é coisa que pode dar-se com o tempo?

BARÃO — Deixe os devaneios pelo menos para a madrugada.

DUQUE — A má essência já se vê no berço. Não que esse seja propriamente o caso da viscondessa.

DUQUESA — Ouve de muitos que a casa deles em Petrópolis é um mausoléu. Fúnebre. E vive cheia de marechais.

BARÃO — A beleza excessiva do banquete está provocando alucinações. Não há outra explicação.

BARONESA — Ora, tem focinho, tem orelha pontiaguda, tem quatro patas e agora está mordendo a saia da marquesa de Paranaguá: é uma porca!

BARÃO — Vexame logo no baile! (ao Duque) Puxou à mãe: enfática.

BARONESA — Doutos, mas anestesiados! A Duquesa, que é minha mais nova grande amiga, deve concordar comigo integralmente, não é?

DUQUESA — Como é que posso dizer? Estive com a viscondessa de Mataburros em dois ou três rendez-vous. Não mais. Isto posto, talvez eu precise olhar mais algumas vezes para ter a certeza.

BARONESA — Pois olhe, olhe. Nem é preciso tanto cuidado. Apenas olhe.

(A Duquesa tira o lornhão da bolsinha e observa os convidados.)

DUQUE — Quem sabe a senhora queira beber alguma outra coisa. Será que o moscatel lhe caiu bem?

BARÃO — O moscatel que ela bebeu está causando uma indigestão. Em mim.

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Sherry!

DUQUE — Veio. Um sherry para a senhora.

BARONESA — Obrigada.

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

BARONESA — (à Duquesa) Viu?

DUQUESA — Acho que ela sumiu.

BARONESA — Também não estou conseguindo encontrá-la.

DUQUE — O visconde de Mataburros está ali/

BARÃO — E aparentemente não é um porco. De onde você tirou isso, Baronesa?

BARONESA — O visconde de Mataburros, como é possível que os senhores não enxerguem?, é um tamanduá-bandeira!

(A Duquesa não se controla e dá uma gargalhada tão estridente que ela mesma se assusta. As conversas se intercalam.)

DUQUE — (à Duquesa) Pensando bem, ele tem mesmo uma cara compridíssima.

DUQUESA — A língua encosta no joelho.

BARONESA — (ao Barão) Você, que trata as mulheres como se ainda vivêssemos no século passado, acha que eu não leio os jornais?

DUQUESA — O cruzamento de um tamanduá-bandeira com uma porca dá que tipo de animais?

DUQUE — Brasileiros?

BARONESA — Eu sei tudo o que se passa na corte. Sei o que está para acontecer. E estou descobrindo quem é essa gente. Essa festa não é apenas animada, é perigosa.

BARÃO — Sabe errado, porque os diários trabalham contra o Império. Por isso você está espalhando essas sandices.

DUQUE — (ao Barão) A Baronesa é muito espirituosa. Em que buraco os senhores estiveram que não a conheci antes? Deixe que ela se inspire nos jornais! Por favor!

BARÃO — Não se pode descansar, pelo bem da pátria. Permite-se um tico, e daqui a pouco estamos com a casa ocupada.

DUQUE — Não vai a tanto. E também o casal de Mataburros não anda mesmo bem falado.

BARONESA — Claro, o visconde coloca a língua em qualquer formigueiro.

DUQUE — Bem, talvez não fosse exatamente a metáfora que eu estava procurando.

BARÃO — Permita ao Duque terminar, Baronesa.

BARONESA — (à Duquesa) Fique atenta, porque a viscondessa volta já.

(A Baronesa pega na mão da Duquesa e põe-se junto com ela, à espera. As conversas se intercalam.)

BARONESA — Que mão fria!

DUQUE — (ao Barão) Digamos que/

DUQUESA — É ouro.

DUQUE — /o visconde de Mataburros fez maus negócios. Tentou comprar o Chile.

BARONESA — Uma mão de ouro?

BARÃO — O país?

DUQUESA — Duas. (mostrando) E um dente também. Não me pergunte.

DUQUE — Precisamente.

BARONESA — Preciso perguntar: por quê?

BARÃO — E conseguiu?

DUQUESA — Eu respondo. Fui atacada por uma onça quando era pequena.

DUQUE — Claro. Mas são cinquenta hectares. Perto de Goiás.

BARONESA — Meu Deus!

BARÃO — Ele acreditou que é possível comprar o Chile!

DUQUESA — Sobrevivi. O Duque é pior.

DUQUE — Mas é! Todos aqui nesta festa querem comprar o Chile. Estamos num encontro de negócios!

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Málaga!

DUQUE — E dizem da viscondessa também.

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

BARÃO — O quê?

DUQUESA — Voltou!

DUQUE — Que as viagens que ela faz só com o irmão, no fim do ano, nunca são para visitar a mãe na Argentina.

BARONESA — Não é uma leitoa? Confirme!

BARÃO — E para onde?

DUQUESA — (com o lornhão) Derrubou a bandeja! Quem é aquela dama que está do lado dela?

DUQUE — Enchem um navio com índios coletados ao longo do rio Amazonas e partem de Belém para o meio do mar.

BARONESA — Quem? A cacatua?

BARÃO — E então?

DUQUESA — Que cacatua? Ela está falando alemão.

DUQUE — Depois de um ritual de asseio, chupa os dedões de todos os índios.

BARONESA — Diga logo a todo mundo que a senhora viu a leitoa. E a cacatua. E o tamanduá-bandeira.

BARÃO — Tão longe para chupar dedões? O Rio de Janeiro está cheio de índio. O sabor da excentricidade é único, não é?

DUQUESA — Meu problema talvez seja no direito.

(A Duquesa guarda o lornhão e tira o olho direito da órbita, soprando e limpando na roupa. A Baronesa se assusta.)

DUQUESA — Diamante! Não desviei do galho a tempo.

(A Duquesa repõe o olho de diamante. O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Champanhe!

DUQUESA — (precipitando-se ao Garçom) Delícia de festa! Estou muito animada!

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

DUQUE — (ao Barão) Preciso ainda investigar essa informação, mas me parece verdadeira pelo contexto.

BARONESA — A senhora não tem secretária?

BARÃO — A corte é prenhe/

DUQUESA — São anãs.

BARÃO — /de tantas histórias incríveis! Ficamos assim maravilhados!

DUQUESA — (com o lornhão) Eu diria que há uma porca, uma cacatua, um tamanduá-bandeira. Pronto. Mas não comente nada com o Duque.

BARONESA — (aos outros) A Duquesa acaba de confirmar que viu os animais.

DUQUE — A Duquesa não viu nada. A Duquesa é cega.

DUQUESA — Que exagero! Meu olho de diamante enxerga muito bem. O problema é o outro.

BARÃO — Baronesa, você está importunando os comensais. É gente que não pode ser incomodada. Vieram para se divertir, para ver o imperador. Aí uma mulher petulante aparece querendo dizer coisas.

DUQUE — Imagine, Barão! Ela está sendo a luz e a alegria da festa!

DUQUESA — É, mas fala muito.

(O Garçom entra com bandeja e copinhos preenchidos de líquidos em diferentes cores.)

GARÇOM — Liqueurs assorties!

BARONESA — (ao Barão) Esses cortesãos desprezíveis acham que vão nos enganar?

DUQUE — Baronesa! Licor, licor! Baronesa!

BARÃO — É nosso debate. Pelo amor de santo Cristo! Não é demais da sua parte? O fígado não apodrece se você fingir durante uma noite. Encha a boca de bebida pra não falar.

(O Garçom distribui os copinhos. O Duque entrega à Baronesa. O Garçom tenta sair, mas a Baronesa fica no caminho.)

BARONESA — Antes de o senhor ir, me responda: ali é uma porca e do lado dela um tamanduá-bandeira?

(O Garçom ri, desvia-se e sai.)

BARONESA — Ele riu, ele riu!

BARÃO — Óbvio. Está lhe achando completamente destemperada. A senhora está sendo humilhada até mesmo pelos serviçais!

DUQUE — Conte-nos uma história, Baronesa.

DUQUESA — Isso. Uma história divertida e breve. Quando servem o jantar?

DUQUE — Depois que eles nos entreterem com um causo, algo pitoresco da sua terra. Os senhores vêm do mato, não é? São famílias de pobretões que antes não tinham nada, e agora os senhores podem andar entre a gente de bem.

BARÃO — Mato. Que espírito! Gente de bem. Que chiste de uma grandeza penetrante!

BARONESA — A propósito, eu tenho uma história, sim. Do primeiro dia em que fui ao zoológico. A porca está vindo!

(Eles olham, se compõem. O Barão dá o braço à Baronesa, contra a vontade dela. Entram um porco, roncando, e uma cacatua, graxnando: a viscondessa de Mataburros e a jovem — que não param de se locomover enquanto os outros vão atrás deles. A Duquesa se acocora para dar-lhe um daqueles beijos falsos, que estalam a metros de distância. O Duque se deita para beijar a mão da viscondessa. Volta limpando, discretamente num lenço que tira do bolso, a boca agora suja. As conversas se intercalam.)

DUQUESA — Amiga, que bom revê-la!

BARONESA — Ela se acocorou; ele se deitou.

DUQUE — Nossa cozinheira/

BARÃO — Última moda em Paris.

DUQUE —/sempre pergunta quando a viscondessa vai nos visitar de novo para fazer aquele crème brûlée que a senhora adora.

(A viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.)

DUQUE — Claro, aquela sua viagininha costumeira de Natal, não é?

(Duque e Barão se entreolham, cúmplices.)

BARONESA — Só se acocora quem fala com criança e bicho.

DUQUESA — A senhora já conhece os novos? Vieram de... De onde os senhores são mesmo? Enfim, têm um perfume saboroso de novidade. Não quer experimentar? São hilários!

(A viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.)

BARÃO — Na verdade, há pouco tempo, tive a felicidade de receber dessa grande dama o calor de sua inteligência fulgurante; mas, pelo visto, a Baronesa estava distraída, como sempre.

BARONESA — Meu encantamento, viscondessa, só não é maior do que a minha curiosidade.

(Duque, Duquesa e Barão se crispam, como se esperassem o pior. A viscondessa ronca.)

DUQUESA — Viscondessa, nos apresente a sua convidada, a alemãzinha.

BARÃO — Viscondessa, a senhora não gostaria de dançar?

DUQUE — Viscondessa, recomendo que a senhora prove o clicquot. Estava muito especial.

(A viscondessa ronca.)

BARONESA — Viram? Ela quer saber o alvo do meu interesse. Vamos agora frustrar o desejo das pessoas? Pois bem. A senhora/

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Lait d'amande à la vanille!

(O anúncio do Garçomobre a fala da Baronesa. Todos, menos ela, avançam para pegar as bebidas.)

DUQUESA — Graças a Deus uma bebida para aplacar a sede. (abanando-se) Um forno!

(A viscondessa ronca. O Garçom se abaixa para oferecer à viscondessa de Mataburros uma bebida, mas ela tenta mordê-lo. Ele sai, assustado.)

BARÃO — Onde é que estávamos? Ah, a viscondessa contava/

BARONESA — Não. Antes de todo mundo se distrair, eu perguntava se a senhora tem problemas de coluna.

DUQUE — Bela pergunta!

BARÃO — Soubemos que a senhora é uma grande pianista, por isso a indagação.

BARONESA — Não é por isso. De jeito nenhum. Ela não tem dedos de pianista. Quero saber se também come carne de porco.

DUQUESA — Sendo bem preparada, quem não gosta, não é?

DUQUE — Os franceses fazem a melhor carne de porco do mundo.

BARONESA — Duquesa, seria estranho, a senhora não acha?

DUQUESA — Como assim?

BARÃO — Viscondessa, e essa jovem?

(A viscondessa ronca.)

DUQUESA — Vejam só, que maravilha! Mocinha, por favor, diga para nós alguma coisa em alemão. Divirta-nos! Agora!

(A jovem grasma. Todos riem, menos a Baronesa.)

DUQUE — A senhora devia incentivar sua sobrinha a aprender francês.

DUQUESA — Paris no outono! O rio Sena tem algumas das mais belas cores jamais vistas pelo olho humano. É o que dizem.

DUQUE — Há paraíso na Terra. Mas fica longe do Brasil.

DUQUESA — Meu olho de diamante chora!

(A viscondessa ronca intensamente. O grasmado da jovem também se amplia. As conversas se intercalam.)

BARONESA — O que é aquilo?

DUQUE — Aí vem o futuro presidente/

BARÃO — Aquilo o quê?

DUQUE — /do Conselho de Ministros, meu grande amigo/

BARONESA — Ela está/

DUQUE — /o visconde de Mataburros.

BARONESA — /defecando o salão inteiro!

(Da viscondessa explode um jato de fezes que suja os quatro. O Duque e a Duquesa fingem que nada aconteceu e riem. O Barão tenta disfarçar; a Baronesa está chocada. Ouvimos o barulho das pegadas do visconde de Mataburros, então entra um tamanduá-bandeira. O Garçom surge do outro lado com bandeja cheia de comidinhas. O Duque e a Duquesa aceitam os acepipes, enquanto o Barão obriga a Baronesa a comer e beber. O funcionário estende-se também ao visconde, que o derruba junto com a bandeja; depois recompõe-se rapidamente e sai, em disparada. As conversas se intercalam.)

GARÇOM — Pain mignons au foie gras!

BARONESA — Barão! Vamos embora! Chega!

DUQUESA — Caríssimo, a viscondessa estava nos revelando/

BARÃO — Você só quer me espezinhar! Egoísta!

DUQUESA — /a satisfação de ter uma família ilustrada. Os senhores são gênios da raça.

BARONESA — Estou me sentindo ultrajada!

BARÃO — Na hora de conhecer o visconde!

BARONESA — (engulhando) Socorro! E ainda abana o rabinho pra espalhar mais!

BARÃO — Fala baixo!

BARONESA — E olha esse quitute: parece que acabou de ser feito pela própria viscondessa!

(A Duquesa se aproxima do visconde para dar-lhe um beijo distante, go passo que o Duque se acocora para cumprimentá-lo com um aperto de mão. E, então, subitamente puxado pelo visconde. O Duque geme alto de dor.)

DUQUESA — (gargalhando) É um pândego incorrigível!

BARONESA — Barão, o tamanduá vai matar o Duque! Ajuda, pelo amor de Deus!

(O Barão intervém e, após certa briga, resgata o Duque, que está com uma parte da roupa destruída. O visconde deambula pelo salão. As conversas se intercalam.)

DUQUESA — Prova viva do bem-querer e da amizade!

BARÃO — As altas rodas sociais são um exercício de altruísmo!

DUQUESA — Querido Duque, quando o visconde de Mataburros for presidente, certamente vai colocar o senhor como cabeça de algum ministério. Não é, visconde?

BARONESA — Não sei quem é mais medonho: se o visconde ou a viscondessa.

DUQUE — Estou contando com essa emoção tremenda, essa honra suprema.

(O visconde se agita, irrequieto. O Duque troca olhares com a Duquesa, empolgado.)

DUQUE — Não estou na posição de escolher cargos, mas, já que o senhor me concede essa estupenda dádiva de conjecturar a respeito, então devo dizer que gostaria de ser chefe do gabinete dos Negócios Estrangeiros.

(O visconde põe-se de pé, nas patas traseiras. O Duque e a Duquesa gargalham.)

DUQUESA — Não seria nada mal. Eu amaria viver trocando confidências com as rainhas europeias.

DUQUE — Nós, verdadeiros ocidentais! Homens do nosso tempo! Apaixonados pelo Brasil! Um brinde! Um brinde ao futuro presidente do Conselho de Ministros!

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Cromesquis à la princesse, bières, modène et cognac!

(Todos aceitam as taças e algumas comidinhas. O Duque ergue a bebida.)

DUQUE — A todos os que amam o Brasil e aos patriotas verdadeiros e implacáveis!

(A Baronesa está hesitante. O Barão a cutuca.)

BARÃO — Você está diante do ministro.

BARONESA — Outro gabinete de pura decadência!

BARÃO — Vamos ser presos antes do fim da noite!

DUQUESA — Baronesa, estamos esperando a sua alegria para esse brinde junto conosco.

BARONESA — Estou francamente embriagada com tudo o que estou vendo, Duquesa. É muita energia vital. Mal me atento para tudo.

(Todos se abaixam para fazer as taças se tocarem na altura do visconde, da viscondessa e da jovem, que derrubam tudo num golpe. Os animais estão ainda mais irquietos.)

DUQUE — Que força, visconde!

BARONESA — Estão lambendo do chão! Misericórdia!

DUQUESA — É assim, Baronesa, que o Brasil entrará no rol das maiores nação do mundo. Com essas pessoas magnâimas.

BARONESA — Duquesa, a senhora me desculpe, mas um tamanduá-bandeira/

BARÃO — A Baronesa está muito emocionada.

DUQUE — Visconde, o que o senhor tem achado do governo desses liberais? O visconde de Ouro Preto não é mesmo um fraco? Por acaso ele já deu as caras no baile?

BARÃO — Talvez a Baronesa precise pedir licença para andar um pouco, tomar uns ares e depois voltar.

BARONESA — Não. Não preciso. O melhor lugar é aqui, ao lado de pessoas tão importantes. Se eu sair é para ir embora.

(O Garçom entra com a bandeja cheia. O Duque se aproxima do visconde, com cautela.)

GARÇOM — Matonelles, thé vert et noiz, gâteaux fins aux Andes, biscuits suprêmes, pain grillé!

DUQUE — Duquesa, o visconde nos dá mais outra boa notícia.

DUQUESA — O que poderia ser?

(O Garçom põe as comidas nas mãos dos convidados para esvaziar a bandeja de qualquer jeito. Depois sai.)

DUQUE — Que comprou uma grande propriedade, perto de Goiás. E que lá tem muitos formigueiros.

(O Duque acena com a cabeça para o Barão. A Baronesa gargalha.)

BARÃO — Formigueiros têm sua importância garantida para o arejamento do solo, segundo os especialistas.

DUQUE — O próprio visconde é um desses profundos convedores dos terrenos brasileiros. Quando ministro, contribuirá enormemente para a política de agricultura do país.

BARONESA — Claro. Por que não? Por que alguém pensaria o contrário? Não há maior especialista do que aquele que tem uma urgência assim estomacal nas coisas a que se dedica.

DUQUESA — Interessa mais saber quando poderemos desfrutar desses campos. Existem riachos lá? E vitórias-régias? E macaquinhas-da-meia-noite? E hipopótamos? Eu adoraria ver vitórias-régias.

BARONESA — Por essa cara de desespero, eu apostaria que ele não gostou da pergunta.

DUQUE — O visconde nunca se desespera. É um reflexo da nação.

BARONESA — Mas está indo embora.

(O visconde, a viscondessa e a jovem impacientam-se de novo e afastam-se. O Duque e a Duquesa despedem-se, ao longe, desajeitados. Aos poucos, vamo escutando pegadas descomunais que se avizinham. As conversas se intercalam.)

BARÃO — Eles têm mais o que fazer a ficar vendo essa expressão amarga que você está exibindo.

DUQUE — Causamos uma boa impressão?

BARONESA — Anos do seu esforço. E agora?

DUQUESA — O senhor, Duque, foi o mesmo Duque de sempre.

BARONESA — Viemos nos misturar a esses imbecis, que nos retribuem com dejetos porque, afinal, são animais irracionais!

DUQUESA — Perfeito. Prodigioso.

BARÃO — É assim que tem de ser. Você tem princípios tolos, Baronesa. Sua visão de mundo tira minha paz de espírito.

DUQUE — É por isso que eu gosto de você, Duquesa: não tem coragem de mentir para me ofender.

BARONESA — O que tira a paz de espírito é a sua inércia.

BARÃO — Peguei um barco até aqui. Não saio desta festa sem dar minhas boas credenciais ao imperador. E dizer o que deve ser dito.

BARONESA — E nada vai lhe trazer de proveito esse império falido, com esse imperador caquético, nessa corte de gente desprezível.

(O Garçom entra com comidas. Todos aceitam, e ele sai. As conversas se intercalam.)

GARÇOM — Filets de merlan farcis, sandwichs assortis, croquembouches aux roses, sirops glacés variés, apollinaris et bissesborn!

BARONESA — Estou com nojo de você e de mim.

DUQUESA — Amo croquembouches!

BARÃO — Bom, pois se lhe machuca tanto estar perto da gente mais importante do império, então fique à vontade. Vá embora. Volte sozinha. Mande aprontar o barco. Peça para o cocheiro ir deixar você em casa.

DUQUE — Os chilenos passeiam de chilenas, mas são marujos!

BARONESA — É o que deveriam fazer todas as pessoas decentes deste país: não compactuar com os abutres!

DUQUESA — Duque, é verdade que no Chile é possível comprar dignidade?

BARÃO — Então que seja!

DUQUE — Compraremos tudo e seremos donos de toda a dignidade que há no Chile.

BARONESA — Estamos nas mãos de crápulas por sua inteira e exclusiva culpa.

BARÃO — (aos outros) Amigos, infelizmente a Baronesa está com uma indisposição de estômago.

DUQUE — Que tragédia!

BARONESA — Uma bobagem que melhora já.

DUQUESA — Tenho uns preparados na bolsa para isso.

BARÃO — O único remédio é ir para casa. Não é, Baronesa?

BARONESA — Aparentemente sim. Mas não quero estragar a festa do Barão.

BARÃO — Nem vai. Todo espírito livre é imperatriz, me disse um dia o conselheiro Aires. Vou levar a senhora até a porta.

(Grandes portas se abrem, rangendo. A orquestra, ato contínuo, começa a tocar uma polca. Nesse momento, os presentes observam, pela moldura da entrada, a paisagem de um Rio de Janeiro apinhado de bichos. Um elefante começa a bramir ensurdecedoramente; várias vozes de animais se misturam depois disso —

jaguatiricas, papagaios, capivaras, sapos, gaviões, tucanos, jararacas, macacos etc.: o imperador e seu séquito entram no salão. O chão treme como num terremoto, e o espaço fica pequeno. O Duque, a Duquesa, o Barão, a Baronesa se espremem num canto, sufocados.)

DUQUESA — O imperador!

DUQUE — A princesa!

BARONESA — Os bichos estão por toda parte!

BARÃO — Que homem elegante é dom Pedro!

DUQUESA — Isabel: joia rara da sensatez!

DUQUE — O que agrada sempre o imperador nessas ocasiões? Baronesa, cuidado!

(O Duque agarra a Baronesa, de surpresa, e começa a dançar com ela.)

DUQUE — Dance! Dance! Dance! Por favor! Não vá embora! A senhora vai melhorar com música!

(A Duquesa também faz o mesmo com o Barão. Mal conseguem se movimentar. As conversas se intercalam.)

BARONESA — O elefante vai nos esmagar!

(O animal, sempre bramindo, esmaga o que há no salão: quebram-se cadeiras, talheres; rasgam-se tapetes, cortinas, bandeiras. Os outros bichos, cada um a seu modo, também participam dessa destruição absoluta do lugar. O piso vai se enchendo de detritos variados até ficar difícil de caminhar. A animada música da orquestra não para.)

DUQUESA — O senhor tenha cuidado com meu pé.

DUQUE — O imperador seria incapaz de permitir essa atrocidade.

BARÃO — Onde está o imperador? Vou cuidar para não lhe ferir.

DUQUE — Aliás, o imperador é um intelectual, um gentleman.

DUQUESA — Vai doer no senhor. É uma prótese.

DUQUE — O conde de Canhestras é que é um espalhafatoso.

(Esqueirando-se, entra o Garçom com comidas.)

GARÇOM — Sorbet de crème et fruits, gaufres de Vienne, petites bouchées à la normande, cuissots de faison à la chilienne, crosmequis à la princesse!

(Enfia comida na boca dos convidados, que não conseguem nem se desgrudar. E sai.)

BARONESA — (tossindo) Estou sufocada! Eles estão destruindo tudo!

BARÃO — A senhora tem uma prótese no lugar da perna?

DUQUE — Cômica! Sinta o ar puro! Dom Pedro trouxe as boas brisas para o salão.

DUQUESA — Duas próteses. Nas duas pernas. Fui atropelada. Duas vezes.

BARONESA — Chame o imperador. Precisamos falar com ele. Não vai sobrar nada.

BARÃO — A resiliência de uma dama da corte é a resiliência de toda a nação.

DUQUE — E a senhora não sabe que não se chama o imperador?

DUQUESA — Barão, o senhor é engraçado, como a sua mulher.

BARONESA — Então, me apresente a ele. O senhor não vai virar ministro um dia?

BARÃO — Isso é um elogio?

DUQUE — Às vezes, Baronesa, tenho vontade de apertar-lhe o pescoço até sua cabeça se desgrudar do corpo.

DUQUESA — Eu pensava que apenas meu cavalo, Boris Johnson, era um homem puro.

BARONESA — O senhor é um chacal!

BARÃO — Ingenuidade combina tão pouco comigo quanto, vejamos, graciosidade para dançar combina com a senhora.

DUQUE — Depois levo sua cabeça para um pequeno altar improvisado. A senhora não gostaria de ver a cripta com os crânios que temos em casa?

DUQUESA — Eu e meu olho de diamante, meu dente de ouro, minhas duas mãos de ouro, minhas duas pernas de prótese sabemos que o senhor está aqui para ser humilhado.

DUQUE — E de lá a senhora comandará todo o mundo apenas com um olhar mortal. É uma homenagem à sua pureza.

BARÃO — Duquesa, se o único tributo a pagar para estar aqui é a humilhação, então me considere seu vassalo.

BARONESA — É um elogio? O sapo-boi está esguichando mijo nos convidados! Ai!

DUQUE — A princesa, quando fala, cospe.

(A Baronesa se protege. Os animais continuam gritando: o elefante brame, um lobo uiva, um macaco guincha etc. Ainda esgueirando-se, o Garçom entra com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai atirando os líquidos e sólidos nos convidados; ao fim, sai. Só a Baronesa reage.)

GARÇOM — Liebfraumilch/

DUQUESA — Barão, se o senhor me permite um último conselho/

GARÇOM — /château lafitte, crême à la Richelieu/

BARONESA — (ao Duque) As cascavéis estão se enroscando nas cortinas!

GARÇOM — /duplessins, langue écarlate gelée à l'anglaise/

DUQUESA — /deixe a corte, e as festas da corte, com os profissionais!

GARÇOM — /chartreuse de perdix à la prairie, purée à la reine/

BARÃO — A senhora quer ter o monopólio do convívio com dom Pedro?

GARÇOM — /mayonnaises à l'imperiale, salade historique!

BARONESA — O macaco derrubou a mesa de frios!

(Mais destroços explodem no chão.)

BARÃO — O imperador é patrimônio da nação brasileira.

DUQUESA — Barão, não posso chorar. Por favor, não insista.

BARONESA — O elefante!

(O elefante chega-se, bramindo. O Duque e a Baronesa desviam-se dele, empurrando o Barão e a Duquesa, que continuam dançando aos tropeços e sempre mais para longe, circundando o salão. As conversas se intercalam.)

BARÃO — Quero ter a chance, por que não?, de aconselhar Sua Majestade.

DUQUE — Continue dançando, Baronesa!

DUQUESA — Pronto! Estou emocionada! Estou chorando!

BARONESA — O elefante nos odeia! Há crocodilos guardando a saída!

BARÃO — Quando o imperador me ouvir, ele saberá que sou o conselheiro ideal.

DUQUE — A senhora tem uma única função no banquete: entreter o imperador!

DUQUESA — Ó Deus, dai-me esta clareza de ideias!

BARONESA — Lobos-guarás uivam nas janelas!

BARÃO — Porque hoje todos conspiram contra a pátria!

DUQUE — Viemos para homenagens! Muitas homenagens!

DUQUESA — Eu bateria palmas se pudesse baixar os braços!

BARONESA — Os gaviões estão destruindo a porcelana. (*mudando de tom*) Olhe para o chão!

BARÃO — É preciso denunciá-los! Portanto onde está o homem?

DUQUE — O que é que há?

DUQUESA — Um verdadeiro templário!

BARONESA — Cobre-se de sangue e destroços do palácio!

BARÃO — O imperador deve estar prezando pelos valores do Brasil em algum cantinho!

DUQUE — (*à Duquesa*) A ilha está se desfazendo! Vamos morrer soterrados!

DUQUESA — (*ao Duque*) Minhas próteses não aguentam as belezas desse monumento!

(A música acaba. O elefante senta-se pesadamente ocupando grande parte do salão; ainda assim o resto ocupou-se de lixo e escombros. Todos param de dançar, também cansados. Um cachorro late para a Baronesa; ela se afasta e encontra uma cobra, que balança seus guizos; em seguida baixa-se para desviar de um pombo de voo rasante. Um rugido de onça explode ao fundo.)

DUQUESA — Teremos discurso?

DUQUE — Que pelo menos a princesa profira algumas palavras.

BARÃO — Também tem o dom da oratória?

DUQUESA — Dá um banho de perdigotos na plateia; mas é uma boa moça.

BARONESA — A que tipo de festim fomos convidados? Como os senhores aguentam?

DUQUESA — Como assim, minha cara?

BARONESA — Mal se anda no salão.

BARÃO — A senhora se apegou a trivialidades.

BARONESA — Também não se pode sair, nem entrar. E a noite, a noite está ficando mais escura.

DUQUE — Noite? Do que a senhora está falando?

DUQUESA — A princesa vai mesmo falar! Ouçam! Ouçam!

(Entra o Garçom com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai jogando os pratos no chão. A princesa dá alguns saltos e vai ao centro do salão, onde começa a discursar. O Duque, a Duquesa, o Barão e a Baronesa concentram-se para ouvi-la. Os três primeiros reagem, rindo; a última está apática, escondida atrás do marido para proteger-se dos respingos que vêm em jatos, sem poupar ninguém. A Duquesa acompanha o discurso com seu lornhão. O coaxar da princesa vai se entremeando

ao cardápio do Garçom. Ao fim, todos aplaudem, e o funcionário sai.)

GARÇOM — Jacutinga et pigeons sauvages à la Guanabara, dinde aux massons, jambon, bijupirá, galantine à la province de Minas, manger du paradis, gelée Macédonie aux fruits, veau à la siberienne, badejo, fruits fondants, cosaques, grand pudding à la diplomate, crème au chocolat et aux violettes, vicomte vellar, lacrima christi, heidsièch monopol, bontet canet, charlotte russe.

BARONESA — Que ultraje, Barão!

BARÃO — Diga um único motivo para desabonar esse lindo discurso humanista!

DUQUESA — Emocionante! Carnívoro! Apoteótico!

DUQUE — Sim, mas ainda precisamos ouvir o imperador.

BARONESA — Ininteligível! Abjeto! Líquido!

DUQUE — Minha admiração jamais diminuirá, mas a senhora escolheu adjetivos muito fortes.

BARÃO — Onde? Onde?

(Como pode, uma capivara corre pelo salão, transitando entre os convidados. Em cima do animal está o imperador, que se desequilibra, quase cai e pousa no chão batendo suas asinhas de papagaio.)

IMPERADOR — O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu! O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu!

(Todos riem, exceto a Baronesa.)

DUQUE — A monarquia é inquebrantável, é eterna, é a rocha solene dos valores brasileiros! Viva a monarquia brasileira!

IMPERADOR — Brasil!

DUQUESA — Viva o imperador!

BARÃO — Viva!

IMPERADOR — Brasil!

(O Barão tira um lenço do bolso e enxuga os olhos.)

IMPERADOR — Magnânimo! Magnânimo!

(A Duquesa ajeita o lornhão para admirá-lo.)

IMPERADOR — Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo/

BARÃO — Ele fala vinte e três idiomas.

IMPERADOR — /Salvador/

BARONESA — É.

IMPERADOR — /Bibiano Francisco Xavier de Paula/

BARÃO — Veja que português castiço!

BARONESA — Sei.

IMPERADOR — /Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga!

(*Aplausos.*)

IMPERADOR — Isabel Cristina Leopoldina/

DUQUESA — Ele já foi melhor.

IMPERADOR — /Augusta Micaela Gabriela/

DUQUE — Escute primeiro.

IMPERADOR — /Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança!

(*Mais aplausos.*)

IMPERADOR — Democracia racial! Democracia racial!

(*Ainda mais aplausos.*)

IMPERADOR — Europa! Europa!

(*Explosão de aplausos.*)

IMPERADOR — Monarquia eterna! Viva! Viva! Cansei.

(*Uma valsa soa pelo salão. O imperador passeia dando saltinhos. O Duque vai tirar a Baronesa para dançar, mas o Barão o impede.*)

BARÃO — Duque, antes disso, o senhor nos dê licença, precisamos ir ao imperador.

BARONESA — O elefante vai ficar deitado aí o tempo inteiro? E os morcegos?

DUQUESA — Uma ideia não menos que brilhante!

BARÃO — Não há ninguém ao redor dele, então considero que seja o momento propício.

DUQUESA — (com o lornhão) O senhor vai perceber que ele tem uma tendência à grandiloquência.

BARONESA — Se fosse sério, estaria preocupado com essas montanhas de lixo.

DUQUE — Mas é possível contornar esse pequeno contratempo sendo apenas miúdo.

DUQUESA — Muitíssimo pequenininho, como uma pulga. Assim ele prefere.

BARÃO — Acho que tenho alguns pendores que o imperador pode vir a reconhecer.

DUQUE — Claro, Pedro é justíssimo nos seus desígnios; põe todos numa longa fila de espera.

DUQUESA — Nunca se esqueça de que ele é como se fosse/

DUQUE — O Brasil!

DUQUESA — Obrigada. Muito bem: o Brasil.

BARONESA — Os mijos do sapo-boi ainda estão pinicando!

DUQUE — Um assunto particular?

BARÃO — Prefiro participar ao imperador em pessoa.

DUQUE — Um assunto particular! Mas saiba que não há segredos com uma nação inteira.

(*A Duquesa solta uma gargalhada estridente.*)

DUQUESA — Barão, o Duque só está brincando. O Brasil sabe guardar segredos.

(*O Duque aponta para o imperador. O Barão pega na mão da Baronesa e se acerca de Dom Pedro.*)

BARÃO — (à Baronesa) Você precisa me apoiar. Fique calada.

BARONESA — (ao Barão) Pois não, Majestade.

(*Barão e Baronesa ficam diante do imperador. Duque e Duquesa rondam, ouvindo a conversa.*)

BARÃO — Majestade! (pigarreia) Majestade! É uma honra incomensurável ter sido convidado para um banquete tão esplêndido. Nada seríamos sem vossa augusta figura. É o que digo sempre à Baronesa. Se não fosse por vossa pulso firme, hoje estariamos sob o jugo de caudilhos analfabetos num território polvilhado de republiquetas inexpressivas. Mas quis o destino, ou as boas graças de Deus, que vossa Majestade fizesse do Brasil mais do que um país, mais até mesmo do que um império: um exemplo para o mundo, em que a conjugação de muitos povos deu origem a um novo homem, o homo brasiliensis, com o peito cheio de ternura e perdão. Que esse modelo não se perca jamais. Para que assim o seja, Majestade, permanecendo-se esse estado social, eu gostaria, se me permite, de apontar algumas coisas imprescindíveis para a sobrevivência da monarquia.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

(*O imperador se agita, bate as asas e morde a mão do Barão. As conversas se intercalam.*)

BARONESA — Meu Deus! Machucou?

BARÃO — Quê? Machucar?

DUQUESA — (com o lornhão) Ele nunca amou o senhor assim.

DUQUE — Dom Pedro sabe se portar diante de um pulha.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — É muito bom ouvir que o senhor está interessado.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Não concebo um cenário mais feliz.

(O imperador bica o Barão novamente. O Barão e a Baronesa vão dando passinhos para trás.)

BARONESA — Vai voltar para casa sem dedo. Eu avisei.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Isso é de uma nitidez absoluta. Estou estupefato.

DUQUESA — (com o lornhão) O senhor deveria falar igual ao Barão.

DUQUE — Ele me detestaria imediatamente.

BARONESA — E não para de sangrar.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — É apenas um conselho, um único que mudará tudo.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Então, os negros do cais/

IMPERADOR — Ratos!

(Uma onça ruge lá atrás. A Baronesa percebe a movimentação.)

BARONESA — Uma onça. Está ouvindo?

BARÃO — Um momento, Baronesa! É importante! (pigarreia) Como eu ia dizendo, os negros do cais fazem carregamentos de/

IMPERADOR — Ratos!

(A onça ruge novamente. Dessa vez mais alto. O Barão limpa o suor da testa com um lenço.)

BARONESA — Esse rugido é para nós.

DUQUESA — (com o lornhão) O leão de chácara!

DUQUE — Como é mesmo o nome dele?

DUQUESA — Afonso.

BARÃO — (pigarreando) Os negros levam carregamentos muito grandes. Geralmente no ombro esquerdo! Estapafúrdio!

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Tudo vai mudar se eles levarem os pesos no ombro direito! Direito! Essa é a denúncia! Essa é a conspiração que estão tramando! Os negros têm o ombro esquerdo ruim, mas o ombro direito é bom e honesto.

DUQUESA — (com o lornhão) Temos um novo Rui Barbosa.

DUQUE — Doutor Barbosa só existe um. E está morto. Que Deus o carregue. Incréu dos infernos.

(O imperador pula, desesperado, num pé e outro. A onça aparece e, rugindo, começa a rondá-los, deslocando-se pé ante pé, ameaçadora. O Barão limpa o suor do pescoço.)

BARONESA — Tem olhos mais tenebrosos que o diamante da Duquesa.

BARÃO — Baronesa, por favor! Mais tarde! O que é que vossa Majestade achou dessa informação tão importante?

IMPERADOR — Ratos! Ratos! Ratos! Ratos!

BARÃO — Ah. (pausa) Entendi. (pausa) Mas o que significa dançar?

BARONESA — Vai nos comer!

(O imperador sai rapidamente em saltinhos. A onça se prepara para pular neles. A Baronesa puxa o Barão para a valsa. As conversas se intercalam.)

DUQUE — Nada como dançar por pura necessidade imperial.

BARONESA — Estou sentindo uma felicidade terrível agora: infelizmente estou certa.

DUQUESA — Dançam numa alegria! Parecem dois urubus!

BARÃO — Você é mouca? Vamos pôr em prática. Precisamos apenas azeitá as ideias.

DUQUE — Falta total de classe. Estamos ao lado de patetas!

BARONESA — Ele disse: “Mande-me uma carta”. As garras da onça!

DUQUESA — Pensei que Afonso tivesse ido morar em África.

BARÃO — O imperador à nossa disposição e você preocupada com onça, com garra de onça, com olho de onça!

(A onça ataca, saltando com a bocarra aberta. Num reflexo, a Baronesa empurra o Barão, e os dois caem no lixo, esquivando-se do animal. O Duque e a Duquesa rapidamente pisam neles e voltam-se para a onça.)

DUQUESA — Afonso, o imperador está lhe chamando ali num outro cômodo.

DUQUE — Ouça a Duquesa! Vá imediatamente!

DUQUESA — Não decepcione o imperador. Corra! Corra!

(A onça ruge e sai, contrariada.)

DUQUESA — Pobrezinhos, Duque, Afonso os assustou sem motivo.

BARÃO — A Baronesa é dada a esses arroubos de histeria às vezes. Mas não foi nada.

DUQUE — A corte inteira o conhece e por isso já não põe medo em ninguém. O imperador só o mantém acho que por estimação, mas não serve aos propósitos originais.

BARONESA — Obrigada pela atitude. A festa hoje está animada demais!

(A Baronesa tenta se levantar.)

DUQUE — Com todo o respeito, Baronesa, mas não entendo seu comportamento. A senhora tem a melhor visão do baile agora e parece incomodada.

BARONESA — O senhor está com o pé no meu pescoço.

DUQUESA — Meu gato, Tony Blair, também tem torcicolo. Passa quando come peixe.

DUQUE — Barão, é possível explicar esta visão de mundo tão avessa aos princípios lógicos?

BARÃO — (tossindo) Não.

BARONESA — Se ela tirar os pés do seu pulmão, talvez você consiga respirar melhor.

DUQUESA — Quem? Eu? Minhas próteses são totalmente inocentes, Baronesa.

BARONESA — Por favor.

BARÃO — Duquesa, não leve a sério.

DUQUE — Nenhum de nós está tornando essas observações como ofensas, porque fomos talhados nas boas maneiras.

BARONESA — Fico tão comovida com a boa vontade dos senhores!

BARÃO — O imperador gostou muito das minhas sugestões.

DUQUESA — Aceite os canapés, conselheiro real! Ainda se ganha salário com isso?

BARÃO — Haveria realização maior? Nem que seja de maneira informal. Onde estão os canapés?

DUQUE — (apontando para o chão) Aqui. Ora, os conselheiros desempenham função importantíssima no império, de modo que não pode ser exercida por qualquer aventureiro.

BARÃO — O que não seria meu caso, não é? Onde?

DUQUE — Aqui, aqui. Não está vendo?

DUQUESA — Talvez ele não esteja conseguindo alcançar.

(A Duquesa pega dois canapés do chão: come um e põe o outro na boca do Barão.)

BARÃO — Deliciosos.

BARONESA — Era do chão.

DUQUESA — Talvez a senhora esteja precisando usar minha luneta.

BARONESA — Era do chão.

BARÃO — Pois nunca vi chão tão delicioso. Eu lamberia esse chão. Eu me esfregaria nesse chão.

(O Barão lambe e esfrega-se no chão. Começa a resgatar outras comidas abandonadas antes pelo Garçom.)

BARÃO — Tudo está sublime na festa do imperador. Um primor! Coma também, Baronesa.

BARONESA — Meu paladar é avesso ao gosto da sola de sapato!

(O Barão enfia-lhe comida à força. A Duquesa deita-se junto com eles e também aproveita dos petiscos.)

BARÃO — Duquesa, há bondade no império. Há felicidade para os que acreditam na justiça.

DUQUE — A nossa justiça, Baronesa!

DUQUESA — A nossa! A de sempre!

BARÃO — E nunca falaremos amor sem que amor tenha uma dimensão superlativa e vital.

DUQUE — O senhor é um homem ousado.

DUQUESA — A verdade, Duque, é que o Barão deve estar treinando na frente do espelho.

BARÃO — E jamais diremos harmonia quando não buscarmos, de fato, a harmonia.

DUQUE — O império pede mais é decência.

DUQUESA — São palavras tão antigas que os dicionários já nem as trazem mais!

(O Duque junta-se aos outros. A Baronesa, espreguiçando-se, tenta se erguer, mas o marido puxa-a de volta e mantém-na firme. Até o fim não se levantarão mais.)

BARÃO — Aonde é que você vai? Escute aqui: nunca se dirá a palavra liberdade sem que ela tenha significado.

(A Duquesa solta uma mistura de gargalhada e grito, desmaiando em seguida. O Duque tenta reanimá-la.)

DUQUE — Duquesa! Duquesa!

BARÃO — O que está acontecendo?

DUQUE — Essa palavra, essa palavra terrível!

BARONESA — Que palavra?

(O Duque abre o vestido dela e de lá tira as próteses dos seios; pega uma manivela da bolsinha.)

DUQUE — (entregando as próteses ao Barão) Segure.

BARÃO — Meu Deus, o que é isso?

DUQUE — Não pergunte.

(O Duque enfiá a manivela no coração da Duquesa e gira.)

DUQUE — O coração dela tem apenas uma ventoinha que, se não for bombeada, provoca um desastre. A Duquesa é feita de muitas peças de proveniências completamente distintas. A propósito, o senhor não estaria disposto a vender a preço justo a cabeça da sua mulher para eu atarraxar no corpo da minha? Estou sempre querendo renová-la.

BARONESA — Ele não quer.

(De supetão, a Duquesa recupera a consciência e ergue o torso. Ao acordar, nota que o Barão está segurando os seios e toma-os de volta num golpe, pondo-os no lugar.)

DUQUESA — Então os senhores sabem de tudo.

BARONESA — Acho que não sabemos.

DUQUE — Eu pedi que não perguntassem.

DUQUESA — E não perguntaram?

BARÃO — Nada.

DUQUESA — Mas eu digo: um atirador de facas errou o alvo. Duas vezes. E quando ouço aquela palavra que o senhor pronunciou com tanta dedicação é que me lembro de que esse homem alto, beiços fartos, nariz largo, espadaúdo, ainda está à solta. Mas não se pode mais colocar anúncios nos jornais.

DUQUE — O melhor é comer. E não pensar mais no assunto.

(O Duque enfiá comida do chão na boca da Duquesa.)

BARÃO — A senhora me desculpe. A resposta positiva do imperador me empolgou sobremaneira. Acabei sendo tomado de uma súbita imodéstia. De qualquer forma, pensei que as palavras fossem agradar.

BARONESA — Barão, ela disse bem: o atirador de facas errou o alvo.

DUQUESA — E esse jantar que não é servido nunca!

DUQUE — Os garçons também pararam de passar!

DUQUESA — Por favor, ajudem-me a caçar algo para comer. Tenho alucinações de que minha calopsita, Margaret Thatcher, está fazendo negócios na rua sem mim!

(Obedecem ao pedido da Duquesa e se arrastam à cata de comida, farejando e testando a língua nos objetos, animaiscos. Sempre que encontram algo entregam à Duquesa, mas também comem um pouco. Falam, o mais das vezes, de boca cheia.)

BARÃO — Para dissipar esse mal-estar que causei, gostaria de convidá-los.

DUQUESA — A quê?

BARONESA — A quê?

BARÃO — Como eu ia dizendo, tenho muitas e extensíssimas propriedades que os senhores não se arrependeriam se conhecessem.

DUQUE — Não iremos.

BARONESA — Graças a Deus!

BARÃO — Mas eu receberia os senhores como se hospedasse a própria família real.

DUQUE — É muito o que o senhor nos pede.

BARÃO — Foge-me ao entendimento.

DUQUESA — Duque, nós nunca visitamos propriedades extensíssimas subterrâneas.

DUQUE — Nem vamos, Duquesa. Veja, Barão, o senhor está exigindo que a gente conheça alguma coisa fora da corte.

BARÃO — Duquesa, eu tenho uma coleção de gente.

DUQUESA — E é possível tocar neles?

DUQUE — Por que a senhora quereria fazer isso?

BARÃO — Poderia, aliás, dispor deles como lhe aprouvesse. A Baronesa é useira e vezeira em lhes lançar mão.

BARONESA — Não é verdade.

DUQUE — Baronesa, quanto encanto!

BARÃO — É verdade, sim. Ficam na cristaleira, junto da prataria e dos santos. Não são só homens. Tem mulheres e crianças também.

DUQUESA — Incrível! Dizem que eles fedem.

BARÃO — Não sei. Mergulhamos todos em água-de-colônia, depois desinfetamos com veneno.

DUQUE — Devem causar uma impressão, pelo menos!

BARÃO — Divertem-nos bastante. E isso é o que interessa.

DUQUESA — Principalmente porque essa gente, essa gente aí que o senhor tem, o que é essa gente, Barão?

(O elefante brame enfurecidamente e levanta-se; o imperador, batendo as asinhas, reaparece em cima da capivara, que corre; a princesa pula e coxa, coxa e pula; o visconde de Mataburros, a viscondessa e a jovem fogem, olhando para trás, apavorados. Os vários animais se agitam, num vozerio espetacular, em direção às portas, que se abrem. Os quatro escondem-se num canto para ver o imperador ir embora com seu séquito. Uma fumaça invade o salão aos poucos.)

BARONESA — Feras sinistras; patas horrendas!

BARÃO — Pelo visto a viscondessa de Mataburros está apressada.

DUQUESA — *(com o lornhão)* Duque, nem tínhamos visto o marquês de Nióbio!

DUQUE — Os chilenos que usam chilenas mas são marujos também estão indo!

BARÃO — Até de costas dom Pedro tem um porte soberbo! Como amo nosso imperador!

BARONESA — Se ele conseguisse ouvir, responderia: “Obrigado”.

DUQUE — Por que fui me distrair? Ainda há tempo de fazer alguma oferta!

BARONESA — Que irracionalidade animal ir atrás deles agora! O senhor vai ser pisoteado.

(O Duque procura-os e recebe dos chilenos profundos relinchados e alguns coices, que quase o acertam.)

DUQUE — Ofereço duzentos mil réis pelo Chile!

DUQUESA — *(com o lornhão)* Cada dia com mais asinhas, a condessa de Laranjais!

DUQUE — Melhor: quatrocentos mil!

BARÃO — É preciso pensar nas palavras corretas para escrever um projeto.

DUQUE — Novecentos mil!

BARONESA — Estão sentindo esse cheiro? Queimaram o jantar?

(Mais fumaça entra no salão.)

DUQUE — Um milhão!

DUQUESA — *(com o lornhão)* Olho para o Rio de Janeiro, e o Rio de Janeiro é exótico!

DUQUE — Dois! Três! Sete milhões!

BARÃO — O senhor tem sete milhões de réis?

DUQUESA — E precisa?

BARONESA — As portas estão abertas para nós também, Barão.

DUQUE — Levem uma parte do Brasil, se quiserem!

BARONESA — Quem diria que talvez não seja mais possível ir embora?

DUQUESA — Vão dispensar o melhor, que ainda está por vir? O imperador, pelo menos, é um ancião. Já os senhores são jovens.

BARÃO — Com companhia tão agradável, dançaremos e comeremos enquanto houver noite. Até porque a indisposição dela já passou.

DUQUE — Peguem tudo!

BARONESA — Esturricaram as carnes. Não quero vomitar na comida.

BARÃO — Você de novo cumulando a festa de maus presságios e suposições descabidas. Mas até agora nada de ruim aconteceu a ninguém. Aliás, ao contrário. Perigos imaginários, que só você enxerga!

BARONESA — Por que você não disse tudo ao imperador, Barão?

DUQUESA — Tudo o quê?

BARONESA — Que está prestes a desabar um golpe sobre o império/

DUQUESA — Saiu de moda!

BARONESA — /e depois outro,/

BARÃO — Você é muito imaginosa!

BARONESA — /e depois outro,/

DUQUESA — De repente, isso tudo?

BARONESA — /e depois outro/;

BARÃO — É uma lista infinita!

BARONESA — /que eles vão destituir o imperador, expulsá-lo do país; que implantarão a República, mas andarão a cavalo nas ruas do Rio de Janeiro, e a população, bestializada, pensará que se trata de uma parada militar; que eles tomarão o poder para sempre; que haverá guerra; que sempre haverá a destruição, o abismo e a ruína.

A Duquesa solta uma gargalhada; o Barão a acompanha. As conversas se intercalam. O fim do desfile faz desabar um soturno silêncio. No fechamento das pesadas portas, um sopro de ar apaga algumas velas do salão, o que deixa o ambiente fantasmagórico. Tudo fica suspenso por instantes.)

DUQUE — Vermes! Idiotas! Predenram-me consigo, distraíram-me do essencial!

BARONESA — Está falando de nós.

DUQUESA — O Uruguai é mais perto. Pense no Uruguai.

BARÃO — Quem?

DUQUE — Agora algum fidalgo mímino comprou o Chile. E eu fiquei discutindo amenidades com essas pulgas.

BARONESA — (tossindo) Para ele, fomos transformados em besouros gigantescos.

DUQUESA — Duque, quando o senhor for dono dos assuntos estrangeiros do império, compre também a Argentina.

BARÃO — Você é uma baronesa da corte agora. E eu trato de temas diretamente com dom Pedro.

DUQUE — Esses indigentes deveriam pagar pelo que fizeram. A senhora não acha?

BARONESA — Barão, o senhor tem sempre as melhores análises da conjuntura.

DUQUESA — Não consigo pensar em nenhuma resposta elaborada, porque ouço os garçons se agitando lá dentro.

(Barulho de talheres e pratos. O Duque encontra uma taça no meio do lixo e ergue-a.)

DUQUE — Gostaria de propor um brinde.

BARÃO — Pois não. Precisamos de taças!

DUQUE — Não precisam.

DUQUESA — (tirando três taças da bolsinha) Ah, podem usar, por enquanto, essas que eu roubei.

(Todos empunham taças vazias.)

BARONESA — Obrigada. (ao Barão) O senhor quer mesmo ouvir?

BARÃO — Por que não?

BARONESA — Duque, estamos ansiosos para saber quais serão as doces palavras.

DUQUE — Muito poucas, Baronesa, mas muito verdadeiras.

DUQUESA — Talvez a gente devesse esperar por mais algum clicquot.

(Em meio à sujeira, juntam-se num pequeno círculo. O Duque alterna o olhar ora ao Barão, ora à Baronesa.)

DUQUE — Não carece. Ergo meu brinde, Baronesa, escute bem, à nossa saúde, ao bem-estar dos que trabalham pelo Brasil há séculos, e nunca às aves de rapina temporâneas que vêm apenas para dilapidar as joias da coroa quando tudo já foi feito. Faço uma louvação aos antigos e, ao mesmo tempo, me insurjo contra a degeneração que acompanha os novos. Parasitas! Estes são meus votos contra os canalhas que se acham sensatos, contra a balbúrdia dos podres, contra os que estão tomando o país como se fosse deles, contra a horda de bárbaros forasteiros. Por favor, Barão!

BARÃO — (aproximando a taça) Com todo o prazer! Contra essa corja!

BARONESA — (aproximando a taça, olhando o Duque) Corja!

BARÃO — Gosto do senhor, Duque, porque, apesar de tudo o mais que nos separa, somos iguais!

DUQUESA — Acho que tenho direito a propor um brinde também.

DUQUE — A respeito do quê?

(O Garçom entra calmamente empurrando um carrinho de restaurante com quatro pratos cobertos por cloches metálicos. Com ele, labaredas avançam pelas cortinas e daí por todo o salão. Tudo crepita.)

DUQUESA — Estou emocionada! Finalmente o jantar!

(Os comensais se alinham, no chão, um ao lado do outro para que o funcionário coloque na frente de cada um seu prato. Ao fim, ele retira as tampas, revelando um amontoado de carnes escuras. Os quatro começam a comer com as mãos, como se esfomeados, cheirando às vezes o que levam à boca. O Garçom lança um longo olhar à plateia e sai, empurrando o carrinho.)

BARÃO — Estou curioso para saber a que seria dedicado o brinde.

DUQUESA — Ah, que cabeça a minha! Que cabeça a minha? Esqueci. Essa comida está divina!

DUQUE — É a força do império e das tradições do Brasil, Duquesa.

BARONESA — De fato, muito boa. Mas os senhores repararam que ele não disse o nome do prato?

DUQUE — Tem um modo de preparo especialíssimo.

DUQUESA — Que eu terei o maior prazer em explicar, já que os senhores querem ouvir.

BARONESA — Parece que sim.

DUQUE — É uma receita que demanda atenção e casualidade. Primeiro caça-se o animal.

DUQUESA — Não necessariamente a senhora, Baronesa, nem o senhor, Barão, mas alguém que caça caçará o bicho.

DUQUE — Escalpela-se ele inteiro.

DUQUESA — A pele deve-se aproveitar para fazer bolsas e sapatos.

DUQUE — A carne submete-se a um intenso processo que gostamos de chamar de amaciamento.

BARÃO — Amaciamento?

DUQUESA — Um capataz deve dar nas costelas, nas coxas, nas patas dianteiras e nas traseiras, na cabeça e até mesmo no rabo com um pesado porrete.

BARÃO — Por isso tão suave!

DUQUE — De meia em meia hora ao longo de dias.

DUQUESA — Aliás, para ficar ideal, Duque, só semanas e semanas de porretes diários.

DUQUE — Eu diria que mesmo meses ou anos.

BARONESA — A essa altura, as carnes já terão apodrecido.

DUQUESA — Apodrecido?

DUQUE — O que é isso? Apodrecido?

BARÃO — É quando a ação do tempo/

DUQUE — Recusamos esse termos.

DUQUESA — Acho que não representam o que realmente acontece.

DUQUE — De modo nenhum!

BARÃO — Mas isso é intrigante!

BARONESA — Isso que faz ser tão/

DUQUESA — Delicioso, sim.

DUQUE — Não acabou, é evidente.

DUQUESA — Tem muito mais. Por exemplo: é importante o isolamento.

DUQUE — Daí é que vem a reflexão da carne, as atitudes da carne. O arrependimento da carne!

DUQUESA — E só quando a carne está refletida, curtida de porrete e nostalgia, é que podemos levá-la à panela.

DUQUE — Muita pimenta.

BARÃO — Nem parece.

DUQUESA — Muito sal!

BARONESA — Não consigo sentir. Diluiu-se na água.

DUQUE — Que água? A senhora, Baronesa, tem sempre um modo de ver a vida que me fascina. Pois bem.

DUQUESA — Depois de cozida, frita-se. Depois de fritada, mói-se. Depois de moída /

DUQUE — Não restou mais nada da fera que povoava o mundo.

BARÃO — Já pensou se fosse uma ostra ainda viva? Ou um molusco que mexe as patinhas?

DUQUESA — Barão, a corte não come nada que é vivo. A corte mata antes de deglutir.

BARÃO — A corte deveria ser o Brasil inteiro!

BARONESA — Meu Deus!

(A Baronesa tira do meio de seu prato um dedo humano com um anel de rubi. A Duquesa olha, a princípio assustada, e depois explode numa de suas gargalhadas.)

DUQUESA — Duque! É totalmente inacreditável!

BARONESA — Um dedo num prato de carnes é típico da corte?

DUQUE — Não conseguiram macular o anel, que está perfeito.

DUQUESA — O senhor não está reconhecendo?

BARÃO — O que há para reconhecer?

DUQUE — Por favor, diga! Diga!

DUQUESA — O atirador de facas.

(Ela rouba o dedo segurado pelo Baronesa e come, admirando o anel.)

DUQUE — Que gosto tem o dedo do atirador de facas?

DUQUESA — (apontando ao prato dele) O mesmo gosto do resto. O mesmo gosto de sempre. Parece frango.

(Eles voltam a comer.)

BARONESA — Tinhama dito que elefantes têm medo de ratos. Mas é mentira.

(O incêndio aumenta. Cai do teto uma viga em chamas.)



PAISAGENS

INSOLÚVEIS

THIAGO DOMINONI

COMO SE AS PAISAGENS DE VIOLENCIA PUDESSEM SER REALIZADAS PELAS NOSSAS FICÇÕES. O TEXTO APRESENTA TRÊS PERSONAGENS QUE PERAMBULAM ENTRE A CRIAÇÃO DE UMA REALIDADE E UMA REALIDADE DUVIDOSA. OS PERSONAGENS PASSEIAM NO TRÂNSITO, NAS JANELAS DOS EDIFÍCIOS E NOS APARTAMENTOS SEM MOBÍLIA. AS PAISAGENS CRIADAS POR ESSES PERSONAGENS PARTILHAM O AMOR E A REVOLTA DE JORGE POR UM SOLDADO. A NUDEZ DE JOANA E O APRISIONAMENTO DO CORPO DE AQUELA.

THIAGO DOMINONI É AGENTE CULTURAL, ATOR, ENCENADOR E DRAMATURGO. BACHAREL EM ARTES CÊNICAS (UNESPAR), ESPECIALISTA EM LITERATURA BRASILEIRA E LÍNGUA PORTUGUESA (UTFPR) E ATUALMENTE MESTRANDO EM ARTES (UNESPAR). É COORDENADOR DOS PROJETOS COM TEATRO E LITERATURA NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ ONDE DESENVOLVE TRABALHOS COM DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO COM A COMUNIDADE EM GERAL.

PREÂMBULO OU DECRETO PARA AMAR A GUERRA

I

UMA PESSOA CONSEGUE FALAR

[O insuportável amor e você gosta e você pede perdão e você morre. Ele fala pela emergência]

III

AQUELA É SALVA. UMA PESSOA AINDA FALA.

[E você levanta e você acorda e nada muda]

II

A FICÇÃO É UM CRIME

[E tudo muda].

IV

O APOCALIPSE DE UMA PESSOA COMUM

[Uma expectativa para amar]

V

A PAISAGEM É UMA INJÚRIA

[A imagem não perdoa ninguém]

PREÂMBULO OU DECRETO PARA AMAR A GUERRA

[Décimo sexto andar]

AQUELA:

Abro a janela para a paisagem. Escrevo porque as ruas estão vazias. Não há ninguém para salvar! Porque ninguém mais povo a rua. A impressão que eu tenho é que há uma falta de juízo.

A falta de juízo ninguém vê. Não é algo com forma, sentido. Alguma coisa está fora do normal. Algo inflama em cada esquina insuspeita. Ali, do outro lado da rua as luzes nunca mais acenderam. As casas do lado de lá não fazem barulho. Estou muito preocupada com o silêncio. Não importa a hora faço gritarias, faço alguma coisa barulhenta, aguardo um acontecimento qualquer. Até agora só a quietude.

A paisagem é linda.

Linda.

Muito linda.

Nesse lugar de vazio e socorro me alimento da paisagem. A paisagem deita para dentro mim, é mentirosa, cruel e rebelde porque a invento das formas mais invulgares. Escrevo.

A nossa ficção não tem limite.

Cumpro a liberdade sem condenar e culpar ninguém. Para dentro de mim é uma paisagem sem fim e ela não é quieta. Depois de um tempo de silêncio a gente cresce de novo. Estou crescida para a paisagem.

Algo, neste dia, está fora do normal.

Desvio os cômodos da sala como se eles pudessem ouvir os meus segredos. Fico quieta. Não quero que ninguém ouça o barulho que há em mim. Não quero que ninguém ouça o barulho que há em mim.

A ficção é um crime e eu gosto dos temperos e dissabores. Faço isso porque não há mais o que fazer para salvar. Uma praga, tormenta.

...
A ficção me comove. Fico possível.
...

O tempo todo atuando para dentro, para fora e para o fundo da gente. A gente vira uma coisa sem impressão alguma. Aos 30. Principalmente aos 30.

Jorge fala para mim, mas quando escrevo ouço o contrário. Jorge é rebelde. Uma narrativa sem controle.

[Jorge se apresenta sem fazer barulho.]

Jorge levará os segredos para a fora da janela, desfilará nas ruas com o corpo preparado para a liberdade, usará os meus melhores sapatos. Com uma faixa de meretriz, preparada para um desfile de vazio e socorro, anunciará todas as narrativas da sua vida comum. UM APOCALIPSE. Eu invejarei ele.

Ele abrirá os braços na avenida mais movimentada. Será a primeira pessoa que confessará um crime. Fará uma proclamação, um inventário sobre a sujeira. Limpará o corpo das próprias denúncias. A rua vai parar. Isto será um anúncio para a guerra.

Um apocalipse para os incansáveis, uma dissolução para a sólida e bruta e fraca pessoa que ali circunscreverá seu destino.

Os carros abrirão as portas, as pessoas farão barulho, muito barulho, vozes para o mundo inteiro ecoando, ecoando, ecoando. Uma paisagem insolúvel. A respiração, única e intransferível, contra o pulmão do mundo.

Talvez Jorge peça os meus sapatos em meio à guerra, talvez este homem finja a morte em meio à guerra, mas nada, nada poderá fazer Jorge esquecer o que viverá neste dia difícil e vulgar. E irá repetir, repetir, repetir, repetir, repetir, repetir, repetir.

[Ele é só mais uma narrativa. **Nada de heróis para este enredo.** Não posso. Os heróis não servem para nada].

Eu, ainda violentada por criá-lo, pedirei socorro. Farei disso uma obra, um pedaço de nada, tão abstrato e cruel que encantará os olhos despreparados.

O decreto: Toda pessoa será colocada diante de seu próprio terrorismo, e o resto, algumas páginas de literatura e muito ruído.

Eu ficarei calma, aquela, criadora, sem nome e sem nada.

Para esta narrativa: Todos morrem, este é o básico. O amor será um conflito, uma expectativa, insanidade. Clássico!

Perderemos o juízo. Nós, as boas pessoas que matam. Nós, as pessoas que compactuam com o desejo irrefreável para matar. Eu choro sem piedade. Liberta e profanada, escrevo a narrativa que matará a mim, então estou salva e mastigo a Deus como a minha última refeição. Vou para outra janela e Joana está lá. Outro pedaço de mim me esperando para ser criada. A Joana não será a heroína da narrativa, se passar a ser, morre.

[Joana se apresenta sem fazer barulho. Logo sai. Ainda vemos Jorge]

Devolvo Deus à boca, cuspo para fora. Levo Deus para baixo da terra. O barro! O barro! Desgraçado!

Volto a crescer a paisagem sem fim. Passo bem. Deus é uma brincadeira. Eu sempre gostei de brincar.

CAPÍTULO I: UMA PESSOA CONSEGUE FALAR: COMO SÃO BONITAS AS NOSSAS PAISAGENS DE VIOLENCIA.

[o insuportável amor e você gosta e você pede perdão e você morre.

Ele fala pela emergência]

[AQUELA é uma presença constante].

JORGE:

Há um soldado na minha cabeça. Foi hoje. Estou diante da porta e sinto toda a coluna arrepiada. Solto a bolsa em grande arremesso até a mesa. Já estou próximo da cama. Ao chão.

Eu choro e no meio da água que me revela, percebo.

Encosto a cabeça na parede e posicionei as mãos. As duas acima da cabeça como alguém que se entrega ao cansaço e morre. Pela pouca luz que me sobra, o sol me toca e reflete grande, perpendicular e obtuso nas paredes. A sombra confunde a silhueta dos meus braços com o contorno dos objetos. Choro enquanto me observo na sombra.

Sempre brinquei quando criança de correr da própria sombra. A sombra me vencia porque ela corria pelo chão até dobrar de tamanho. No fundo, nunca consegui entender a verdadeira conversa entre o corpo e a sombra. Às vezes acho que a sombra é o espírito que tanto falavam os adultos da minha infância. No espelho tenho, aparentemente, uma crua realidade do meu rosto. Na sombra posso me reinventar dentro dos meus próprios contornos. E sempre tive paixão pela sombra e pelo obscuro.

Quando passeio os olhos pelas paredes, pelos móveis-pedaços-de-minha-ossatura, pela janela, me percebo, mergulho para o oco da minha vida. A sombra me amplia, me afunda.

Tenho medo de contar e colocar essas palavras ao vento.

Respira.

...

Ao chão minha sombra é imensa, e nela, percebo os contornos de cada fio do cabelo. Estava e estou em choque.

Respira.

...

Notei na silhueta que se formava ao chão um soldado. Na minha cabeça. Na sombra da minha cabeça.

A sombra nunca havia me enfrentado assim. Eu já havia passado por tudo, encontrado todas as assimetrias em mim, mas um soldado. A silhueta transformou os fios dos meus cabelos em um pequeno soldado na minha cabeça.

Essa sensação.

Essa mistura.

Puta merda!

Foi nesse dia.

Foi nesse dia que.

Nasceu a minha primeira rebeldia.

É que se alastra e me invade por inteiro. Eu sei! É UMA SOMBRA! Fim de tarde. NA MINHA CABEÇA!

Estou mexido demais. A infância, diante da porta, a sombra... Não sei me organizar. Não consigo!

Comprei bolachas, farei declarações de amor.

AQUELA:

No céu da sua boca haverá a miragem de uma palavra. Uma palavra pura. O início de uma salvação. Você quer dizê-la Jorge, mas é tão difícil.

JORGE:

Acerto com força a minha cabeça e nada, nada do soldado cair do meu topo. Da minha altura. Do meu abismo. A presença de um soldado acabou comigo. Começo achar que tem algo fazendo parte de mim. O amor será isso. O que posso falar para o amor? Parece um insulto.

AQUELA:

Que flerte. Que oásis. Fascínio.

JORGE:

O medo maior é me apaixonar por este soldado. Afinal, é um homem. Seria uma desventura arriscar meu corpo pelo amor de um soldado! Antes de amar um homem preciso conhecer o que ele é capaz de fazer com suas mãos. As pistas de um assassinato, de uma rebeldia intencionada pelo ódio, são incendiárias. Sei disso porque minhas mãos pesam até hoje.

[Aquela e Jorge]

AQUELA:

Está desviando o pensamento.

JORGE:

É a minha impaciência.

JORGE:

Houve um tumulto na praça e eu olhei bem nos olhos do soldado. Estava lacrimejando. Por um momento pensei em abraçá-lo. Entre as nossas distâncias existiam um fuzil.

O fato: Apareceu um soldado em cima da minha cabeça e estou achando que ele está tomando conta de mim.

...

Que nome ele teria? Por que demorou tanto para se apresentar?

...

O perigo é notar que cada vez mais o homem está dentro da minha cabeça e não mais ao topo de onde nasceu.

Corro ao banheiro, tiro as roupas como se expulsasse uma falsa moradia e atiro a minha cabeça para baixo da água. Quero me livrar dos teimosos fios que refletem o soldado no meu topo. É como se carregasse uma violência, uma crueldade, um problema. Jamais havia pensado que um soldado pudesse me ocupar assim tão depressa. Que alguém pudesse se aproximar tanto de mim. Eu vivi isso com toda a intensidade. Estou vivendo. Acho. O soldado conhece o meu corpo, minhas marcas, minhas melhores estratégias. O soldado me invade e impossibilita de me virar em festa. O soldado já desceu ao peito.

Entre tantos medos, o insuportável, é imaginar que este soldado já ocupou todo o meu corpo. Eu tenho receio de acabar reproduzindo-o em meus gestos.

...

Foi só uma sombra. Repito todos os dias. Foi só uma sombra.

A terapeuta avisa que não é proveitoso chorar pelo o que não houve, mas sinto que isso está próximo. Não sei mais como esterilizar essa presença.

Deito na cama. Agora penso e desenho e reafirmo a forte imagem desse homem que se formou em todo meu corpo. Estou criando-o. Talvez para enfrentá-lo, talvez para amá-lo. Mas como é que se ama um soldado? Parece um excesso de paixão e revolta. Prometo não olhar mais ao espelho. Não quero parecer com o soldado.

Não quero parar na fila do mercado e fazer continência enquanto espero o atendimento. Esquecer o desejo e me afastar pelo ódio. Esquecer o desejo e me afastar pelo ódio. Merda de cabeça! Merda de psicologia!

Amar um homem e não um soldado. Amar um homem e não um soldado.

Falo sete vezes para dar sorte. Acredito na sorte.

Preciso me colocar em guerra ou ser a própria guerrilha. EXTERMINAR. Marchar na cabeça de papel e falecer o quartel dentro de mim. Até desaparecer no assim seja a sua vontade. Amém.

...

Exterminar, o quê?

...

[Joelhos ao chão]

Bendito seja este homem que não sai da minha cabeça. Bendito fruto que se apossa de mim. Santa Maria, Mãe de Deus, expulsa esse homem. Expulsa esse miserável que se apressa em engolir tanto mundo. Rogai por ele, se afasta dele, confronte a natureza desse homem, prenda esta carcaça na solidão e afasta ele. Afasta. Bendita a tua voz, Maria. Agora e na hora da morte de um soldado e assim será feito o meu desespero, nesta cama, assim seja. Amém.

...

AQUELA:

Estou pedindo para a santa Maria matar? O que estou fazendo?

JORGE:

Não posso deixar a criação de uma sombra, de um acaso infeliz, criação dos meus olhos, acabar comigo. É tão real. A gente precisa ter cautela. A gente pode enlouquecer. É preciso ter cautela. Sete vezes para dar sorte.

...

Novamente, diante da porta, final de tarde. Estou melhor. Olho para os meus cabelos e volto a olhar para o espelho. Coloco a bolsa nas costas, arrumo a comida para o próximo dia e estou pronto para dormir. A minha coluna ainda toda arrepiada. Aquela rebeldia toma conta dos meus segredos.

Foi preciso um soldado aparecer radicalmente na minha vida para eu ter coragem e vir até aqui. Diante de vocês.

A Joana está demorando. Ela prometeu chegar antes do escuro. Prometeu ir até o semáforo e voltar. Joana gosta da liberdade.

AQUELA:

Puta merda! A Joana!

JORGE:

Coloco as mãos no bolso para conferir o horário e meu celular informa que amanhã os soldados estarão todos armados na praça. Ali do centro. Puta merda! Eles são reais!

As pessoas parecem não notar. Na loja em frente ao meu trabalho a segurança foi reforçada. A MINHA CASA está sem segurança alguma. O que fazer com um soldado que deita na sua cama. Ao seu lado, no seu peito, em todo o seu corpo.

AQUELA:

Amém.

JORGE:

Desisto de ir ao trabalho e devolvo a comida para a geladeira. Hoje, diante da porta, fim de tarde, eu volto para a cama. Ligo para meu chefe - meu superior - e o informo que não estou bem.

Amanhã não irei ao trabalho, senhor! Tenho medo de sair de casa. Tenho muito medo de sair de casa. Não, senhor. Não é exatamente uma doença, não tenho atestado. Senhor, me entenda!

Ninguém vai acreditar neste acontecimento, mas há quinze horas eu era um homem comum. Há quanto tempo eu não tenho notado nada.

O meu chefe desliga o telefone.

Vou ao banheiro e encontro o barbeador elétrico. Raspo a minha cabeça, mudo toda a minha aparência. Quero sumir com este homem. Quero sumir com essa desgraça e não gostaria de estar aqui já muito magro e sem força.

Os heróis não vivem dentro do quarto e nem fabricam boas ideias. Eu achava que poderia mudar o mundo dentro do meu quarto. Não consigo nem ir à praça! Como são bonitas as nossas paisagens de violência.

Perdi meu emprego. Minha aparência esqueceu os meus milagres, mas eu precisava ter a coragem de vir aqui, na porta de entrada deste planalto e gritar: EXTERMÍNIO. O crime: um desejo irrefreável para matar. Irei à praça. Começo a duvidar da minha própria sombra.

Estou vivo?

III

ÀQUELA É SALVA. UMA PESSOA AINDA FALA.

[E você levanta e você acorda e nada muda]

[décimo sexto andar]

ÀQUELA:

A mesma paisagem sobre a janela, a violência. Assustada, continuo a escrever. Eu não tenho piedade nenhuma! Puta merda! O soldado em cima da cabeça de um homem tão comum.

Volto à cozinha. Bebo mais água para tranquilizar. A água perdoa. A água perdoa.

.

.

Tenho vontade de tirar as roupas porque Joana tem frio. A Joana demora e é isso que o Jorge fala. Calma, preciso escrever e levar Joana ao Jorge.

As ruas não estão vazias! Não estão vazias porque eu coloco no asfalto essa narrativa. Me preenche. Me faz salva! Ao mesmo tempo não quero me sentir incapaz de ver o que há, de tentar reagir a essa falta, a essa quietude. Eu escrevo para não fugir.

...

[Na janela vê Joana]

Abro a janela e vejo Joana e Jorge. Vivos! Assim, carne e osso, poucos andares de distância. Eu sei que são eles! Limpo a vidraça, mesmo já transparente e muito clara. Eles estão lá!

Com medo, corro à cozinha, engulo toda a água da casa. Volto à janela e Joana está lá. Pura. Limpa. Me esperando.

Puta merda!

Vou à janela. Eu falo com ela.

Volta! Joana! Não fique perto dos homens! Destes, principalmente. Na paralela o Jorge com as mãos na cabeça. Não sei exatamente o que está acontecendo. Não estamos em nenhum feriado e na rua eu só vejo você Joana e Jorge. Lá na frente o batalhão! Cuidado. Assim, nua. Vai morrer!

[Ainda no décimo sexto andar. Joana nas ruas]

JOANA:

Hoje é quinta?

ÀQUELA:

Não! Hoje é sexta.

JOANA:
Sexta? Meu deus! O que está acontecendo?

AQUELA:
Eu abro a janela todo os dias para entender. O que faz parada diante do semáforo? Eu me pergunto todos os dias.

JOANA:
ESTOU OCUPADA COM A MINHA LIBERDADE!

AQUELA:
Eu vejo.

JOANA:
Vê? Ela é bonita?

AQUELA:
Estonteante!

...

AQUELA:
Penso: Eles estão vivos! Eles estão vivos! Estão porque pedem socorro. Eu levanto os braços, eu falo mais alto e tudo que eu vejo é Jorge, parado, no meio da rua, com as mãos sobre a cabeça. Assim, carne e osso, poucos andares de distância. Eu peço ajuda. Esqueço um pouco Joana. Abro a janela com força, estou no décimo sexto andar. Tento mais uma vez:

O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Arranco minhas roupas, bato sobre o meu peito até a pele avermelhar como se brotasse o sangue nos poros. Para ver se posso sentir dor. Para ver se estou acordada! Acho que vou morrer!

O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Não. Eu não posso morrer. Penso em falar com Deus e desisto. Tento criar um perdão, uma maneira de lidar com essa raiva. Desisto. Jorge lá, parado com as mãos na cabeça. Deus não fala nada sobre a minha criação, não sugere. Quem será que amarra a boca de Deus? Desgraçado! Deixo o Jorge lá. Na rua, com as mãos na cabeça. Durante dias. Sem resposta. Eu não durmo mais.

Com o peito avermelhado e surrado sinto vergonha. A vergonha não está no meu rosto, mas no meio do meu peito, entre os meus seios. Só o desespero para me fazer bonita e liberta. Coisa que não me pertence. Nem pertencerá.

...
Vou ao cômodo ao lado. Abro a janela. A paisagem me cega. Me sinto apagada e vulgar. Joana nas ruas. Nua.
Puta merda!

É difícil falar de Joana, é difícil colocar imoralidade! Eu quero tanto. Maldita praga divina. Herança sagrada de merda! De merda!

[Aquela está no décimo sexto andar. Joana e Jorge estão narua. A distância entre eles é grande]

[Para Joana]

Você gosta do seu nome?

...
Você vai ficar resfriada! Quer subir? Precisa de alguma ajuda?

...
Você vem?

...
Joana?

[corre até a outra janela. Avista Jorge]

[Para Jorge]

Jorge?

...
Tua cabeça dói?
...
Está muito frio?

...

Você é tão lindo! Lindo!

AQUELA:

Jorge parece uma estátua que cria liberdade. Se estivesse mais longe eu poderia jurar que ele fosse um patrimônio da cidade. A representação de um herói ou de um charlatão qualquer. O que dá no mesmo. Está com as mãos na boca. Quer falar alguma coisa! Joana do outro lado, ela descalça, ela já sem roupa. Ela bagunça os cabelos e eu me sinto tão feminina vendo isso. Eu quero ficar admirando Jorge. Uma estátua com sangue e poucos movimentos. Uma estátua brigando pela voz empedrada.

Puta merda! Eles estão vivos! Eles são reais! Tem alguma coisa muito errada com a minha cabeça! Eles estão lá! Perto de mim. Tenho vontade de descer às ruas. Joana tão liberta me salva!

Coitada! Vai morrer. Será que eu posso mesmo escolher isso?

Volto a bater contra o peito para ver se alguma página nova me brota e eu tiro Joana de lá. Do semáforo. Do frio.

Cada vez que me aproximo da nudez da Joana em praça pública eu sinto vontade de fazê-la abraçar Jorge. O empedrado. Uma mulher nua diante de uma estátua, Jorge pedaço de nada, com a garganta empedrada. Um homem fraco, sem cabelo, cheio de marcas.

Eu faria Joana beijar o rosto dele. Joana já tem vontade própria. Joana roubará as palavras da garganta. Eles correrão até o batalhão, abrirão os braços, gritarão EXTERMÍNIO e serão fuzilados. Morrerão felizes só porque queriam a nudez. Jorge morto e a marca do soldado na cabeça. Joana é a coragem do meu corpo falho.

...

Uma paisagem linda!

Ela precisa morrer assim: Nua. Liberta. Abraçada a uma pedra ou a um resto de Jorge que chora. Um Jorge sem identidade.

Eu não posso deixá-la viva. Ainda não consigo confessar a minha própria nudez. No fundo, a joana me ofende.

*[Aquela quebra a janela do décimo sexto andar.
Enquanto fala chega às ruas. Ao mesmo tempo Joana e Jorge
abraçados diante do semáforo].*

A história do meu inacessível corpo:

Retiro as roupas enquanto admiro o fuzilamento da mulher que inventei. Só para sentir o gosto, o calor de cada fuzil. Com a dor, devolverei a roupa ao corpo. Olho para Deus e digo que só foi um momento. E ele me perdoa. Depois eu xingo, eu maltrato Deus.

Joana muda. Uma heroína da nudez. Falida. Retoma minha memória. Lembro da feminilidade.

Joana gosta da bagunça nos cabelos. Joana vendeu os sapatos. Gosta das havaianas ou as sandálias customizadas. Eu respiro. Joana não respira.

Eu lamento sobre o corpo dela.

Joana gosta dos próprios pecados afronta a palavra pecaminosa
Joana rouba os pecados das pessoas que ama sabe como faz para atiçar os cães
com fome Ela uiua

morde
arranha o corpo inteiro Joana mata
sufoca
Joana acaba com tudo e dorme porque ainda não é hora de deitar-se para abaixo
da terra.
E com as mãos pesadas e orgulhosas de tal feito Joana não volta para casa.
Eterna. Para dentro do abraço. Nua. Esburacada.

Eu gosto de você Joana. Eu gosto muito de você. Eu gosto de você Joana, mas
é tão difícil.

[Aquela chega às ruas. Muito perto de Joana e Jorge]

AQUELA:
Ainda antes do fuzilamento. Um pouco antes Joana fala. Dentro do abraço
Joana fala muito. Eu não sei o que eu criei.

...
JOANA:
Apaixonado? Com as mãos na cabeça e com essa cara de choro. O que é que há?

JORGE:
Onde fica a nossa casa? Em que esquina, quarteirão?

JOANA:
Só mais algumas quadras.

JORGE:
Molhada desse jeito. Sem roupa. Está fria, Joana! Joana! O que está acontecendo?

JOANA:
Quem te machucou?

JORGE:
Os homens. Os homens. Eu só preciso chegar até a praça. Olhar nos olhos
daqueles homens, falar com aqueles homens.

JOANA:
Aquela da esquina está gritando e se debatendo e diz que os homens, àqueles
homens, não são bons.

JORGE:
Merda!

JOANA:
Puta merda!

JORGE:
Tá me corroendo, Joana. E Aquela quem é?

JOANA:
Não sei como ela me viu. Está escurecendo. Você sabe que o dia acaba e não é
bom ficarmos nas ruas. Não somos bem vistos aqui. Hoje não é sexta?

JORGE:
Quinta.

JOANA:
Coloquei os melhores sapatos. Tirei a roupa. Estou perdendo o juízo.

JORGE:
Vamos à praça! Joana... Eu estou morrendo!

JOANA:
Achei que já fosse seu aniversário. Fui comprar alguma coisa. Está tudo fechado.
Estou com medo.

JORGE:
Não tem mais ninguém aqui. Posso usar os seus sapatos

JOANA:
Jorge.

JORGE:
Você ficará completamente nua.

...
AQUELA:
Estou próxima de Joana e Jorge. Minha melhor miragem. Prefiro escolher o
afastamento. Abro as portas de um carro qualquer e vou longe. Muito longe.

...
Aqui, o rio no meio da estrada. O rio que imaginei para Joana. A mulher nua. A
mulher com nome. A mulher coragem. Eu me banho pela Joana. Para ressuscitar
ela. A água sempre me perdoa.

Olho para trás e vejo um soldado, em minha direção. Eu estou nua. Eu falo nua
para ele.

*O que muda é que eu me sinto bonita, salva, feminina, mesmo já com os pés frios,
mesmo com os lábios cortados, mesmo sem os cabelos.*
*Dispenso os melhores sapatos. Quero caminhar nua até a praça. Não me
fotografem, por favor. Não me fotografem.*

Eu corro e paro diante do batalhão.
O soldado sem muita preocupação dispara uma bala de fuzil na minha cabeça.
Eu morta fico um pouco em pé, traço uns passos improvisados de uma dança
qualquer e caio morta.

A minha cabeça está doendo tanto.

Jorge já magro e sem força está com a cabeça raspada. Lá na rua perto da praça ele segura as mãos de Joana. A mulher coragem, com nome, nua.

Eu raspei minha cabeça, Jorge. Eu tirei minhas roupas, Joana. Obrigada.

Uma bala de fuzil na minha cabeça só porque eu gosto da chuva e de minhas ficções. Gosto de brincar. CAPÍTULO: Ainda estou viva. A ficção é um crime.

II A FICÇÃO É UM CRIME

[E tudo muda]

[Joana de braços abertos, nua, olha para o batalhão]

JOANA:

Amanhecerá. Acordarei e meu corpo será todo o contrário e minha cabeça será inteira vazia. Não sei ao certo, mas sinto que acordarei meio bicho, meio incapaz de compreender o tamanho do meu corpo. Tudo pela metade. As pálpebras impedirão o desperdício da água porque esquecerei o que impulsionará o líquido salgado. Por certo não entenderei o motivo do choro e isto me condenará a ser metade do que eu sempre quis. A gente faz isso o tempo todo.

O dia desaparecerá e meu corpo será cada vez mais estrangeiro. Mais tarde, logo depois que minha altura passar a medida do trinco na porta, saberei o que é saudade. Ainda pequena não sei das coisas.

- Mãe. Quando foi que nos conhecemos e quando foi que me quis menina

Notei que nunca compreendi o porquê carregavam corpos em caixa branca e devolviam à terra. Quando morremos a gente devolve o corpo para o escuro. O primo deve estar lá. Por certo, o meu corpo todo do avesso, assim com o pulmão fora do lugar é sintoma de saudade. Quando a gente fica estrangeiro

a gente descobre o avesso. Morreu com um tiro e achou que era ano novo. Estávamos em festa e a gente teima em achar que festa não tem nada com a morte. Será que o último segundo de vida do primo foi uma felicidade contínua. Ele gostava muito de arriscar. Não tinha medo de nada. Gostava de atravessar a rua com os semáforos desligados. Pra sentir o risco. Para ser vulnerável. Era lindo.

Minha altura já passou o trinco. Amanhã amanhecerá. Voltarei a encontrar o semáforo na mesma rua ainda sem funcionar, ficarei nua, correrá em direção ao Jorge. Levarei meu primo comigo e caminharei pela avenida para fazê-lo conhecer a cidade como está agora. Lembro quando o primo enrolava o lençol nas costas e se dizia herói. Morreu tão rápido com o tiro. Gosto de pensar que morreu em festa. Sem agonizar, sem reclamar do escuro.

Todos os dias ir até o semáforo e depois voltar para casa. Um afago. Uma afronta à vida. Caminhar nua até lá e acreditar que o primo tem meus olhos. Eu tenho muita vontade de matar o homem que atirou no meu primo. Acabar com toda a minha santidade dissimulada.

Aquela vai gritar na janela. Vai arremessar folhas de papel, irá quebrar a vidraça. Gritará insanidades. Eu e Jorge correremos até a praça. Nos abraçaremos. Depois, amanhecerá.

Hoje, algo está fora do normal. É estranho. Sexta-feira e não vejo carros nas ruas, nem vendedores ambulantes, nem artistas nas faixas de pedestres. Os mercados estão fechados. O que será do aniversário de Jorge.

As escolas, poucas quadras daqui, estão com lixos ocupando o pátio. Muito lixo. Não há espaço para entrar.

Ontem, pouco antes do sono, sentia a vida equilibrada em todas as partes do meu espírito. Quase morta, poucas palavras na boca, pálida e sem fome. Extasiada eu assentia uma presença morta como se me pertencesse há muito

tempo. Quando fico pálida acho que o motivo seja o desgaste da alma e nunca uma náusea ou qualquer outra coisa.

Parada, agora mais velha, diante do semáforo quebrado avanço alguns passos na rua, estou no centro do mundo. De costas para avenida como alguém que dá as costas para o mar e desaparece para baixo. Nenhum carro. Nenhum desaparecimento. Eu ainda estou aqui. Viva!

AQUELA:

Você gosta do seu nome?

...

Você vai ficar resfriada! Quer subir? Precisa de alguma ajuda?

...

Você vem? Joana?

Joana está encharcada. Nua. Quero colocá-la para dentro de casa. Ela treme muito.

JOANA:

Continuei caminhando, passei pela praça, vi um batalhão. Eles asseguravam o quê e quem? Não sei se me notaram.

Eu queria pedir ajuda. Aquela gritava.

Eu encontro e arrasto o Jorge pela rua. Não sei sobre o que ele faz. Se é sobre paixão ou revolta. Ele fala alguma coisa sobre a coluna arrepiada. Enquanto ele me puxa a gente conversa qualquer coisa sobre o aniversário dele e eu embaralho essas palavras na minha cabeça.

Jorge está careca.

Eu estou nua.

Antes de chegar à praça peço ao Jorge para refazer o caminho. Pela terceira vez. Até escurecer. Tenho por costume entrar em casa só quando o sol se põe. Achei que ver os soldados perto do escuro fosse mais seguro. Teria menos medo. Caminho até escurecer. Não sei. Faltavam só duas quadras para a nossa casa. Só faltavam duas quadras! Cheguei novamente no mesmo semáforo, novamente solto os cabelos e novamente fico aqui, extasiada. Na porcaria deste semáforo me sinto livre.

Agora com Jorge de mãos dadas. Nós dançamos.

[Nas ruas. Eles estão dançando]

JORGE:

Molhada desse jeito. Sem roupa. Está fria, Joana! Joana! O que está acontecendo?

JOANA:

Quem te machucou?

JORGE:

Eu só preciso chegar até a praça. Olhar nos olhos daqueles homens, falar com aqueles homens.

JOANA:

Será que eu renasci e estou morrendo para uma experiência nova e não me dei conta? Estou preocupada. Aquela gritando na vidraça. Ela vai se cortar!

JORGE:

Estou com a coluna arrepiada. Acho que estou apaixonado.

JOANA:

E eu aqui, livre. Nua. Enfim, a liberdade. A gente vai dançar até o batalhão chegar!

JORGE:

Segura a minha mão. Eu não quero voltar para casa. Eu não quero me olhar no espelho. Eu estou tão feio!

JOANA:

Falamos com Aquela, perguntamos se ela precisa de ajuda e voltamos para falar com os soldados. Agora dança.

JORGE:

VOCÊ ESTÁ NUA! O planalto está aos pedaços. Eu fiz um depoimento. Me acham maluco, Joana. ... Tá bem, eu danço.

JOANA:

Olha pra mim! Olha pra mim.

[Jorge veste os sapatos de Joana]

JOANA:

Você fica muito bem assim.

[dançam]

IV

O APOCALIPSE DE UMA PESSOA COMUM

[Uma expectativa para amar]

AQUELA:

Cuspir Deus e catarro para fora. Expurgar o princípio amoroso como se ainda fosse possível, como se ele não fosse destinado apenas à bondade. Como se ainda fosse literatura. Como se ainda as ficções nos sustentassem.

A gente cria cada coisa para matar!

Quando expulso Deus, essa praga da minha garganta, me sinto salva. Há um insuportável amor e a gente gosta e a gente perdoa e a gente morre. A gente se levanta, nada muda. A gente inventa e tudo muda. A gente inventa uma mentira para lidar. E está tudo bem. Tenho uma expectativa para o amor. Depois faço gritarias, acabo com a minha quietude, faço violências.

A cidade despreza os corpos na urbe. Os corpos decompõem-se, fedem. Quando mortos, acriançam. O corpo fica com ar de ternura e mais uma vez o anúncio para o fim. Talvez, se os corpos não coubessem mais às sepulturas, e, se houvesse uma nova maneira para lidar com os mortos e todos fossem jogados às praças, o mundo seria mais breve. Até não caber mais nenhum vivo.

Antes do paraíso ou das outras dimensões, os corpos fedem, explodem sangue, criam guerra abaixo da pele. Quando explodem no estado de morte não agonizam. Um bom efeito.

É a melhor paisagem que já produzi dentro de mim desde a primeira página. Imaginar que os mortos não agonizam. Eu fico bem. Comtemplo a paz dos defuntos.

Ninguém agoniza uma única bala de fuzil. Sete vezes para lembrar.

Eu tenho muita fé. Não quebrei a vidraça.

Não fui para a rua. Sou uma fracassada.

Não levei uma bala de fuzil na cabeça. Não agonizei. Mas tenho fé.

Existe um momento para abandonar a literatura e ir até a praça. Eu sei.

A ficção é meio bicho. Irracional. Não pensa. Muitas vezes fico confusa.

Volto da cozinha, fecho as janelas e rabisco as paredes do apartamento com todas as ofensas que nunca proferi a nenhuma pessoa, aos vulneráveis para o amor. Para o amor à guerra. Eu aprendo a corromper as minhas crenças. Eu morro. O amor acaba aqui. Eu mato.

Gosto mais das inverdades sobre o mundo do que a ideia que componho sobre ele. Deus é uma brincadeira e eu sempre gostei de brincar.

O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder. O ponto sempre foi o amor e não o poder.

Sete vezes para afastar a sentença, Jorge. É que no amor o poder é disfarçado. Nós, as pessoas que matam por amor, de certo, estamos plenos do sentimento amoroso. Plenos e cheios de graça.

Eu passo bem. Volto para a paisagem sem fim só porque eu gosto de brincar. Preciso largar da brincadeira. Construir a minha própria narrativa. Ser um próprio decreto de mim. Um derradeiro apocalipse.

Eu amo você Joana. Você me salva.

V

A PAISAGEM É UMA INJÚRIA

[Jorge e Joana dançam. Os semáforos são desligados.
Aquela na janela quebra a vidraça. Som incessante de fuzil.
Alguém morre].



PEÇA NÚMERO 40

BEATRIZ VASCONCELOS

DUAS MULHERES, MARIA, A VENDEDORA DE UMA LOJA DE ROUPAS FEMININAS, E MARTA, A COMPRADORA, DEBATEM SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA E FEMININA DE CADA UMA DELAS. DOMINAÇÃO, IMPOSIÇÃO CULTURAL, DESEJOS E NECESSIDADES, ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E SUBSERVIÊNCIA, PERMEIAM UMA CONVERSA QUE SE DIVIDE ENTRE O DIÁLOGO FORMAL E A POESIA, EXPONDO QUESTÕES EXISTENCIAIS (E DEBATENDO SOBRE ESSAS QUESTÕES) NUM AMBIENTE EM QUE ORA ELAS SÃO ELAS MESMAS, ORA ROMPEM COM O LIMITE FORMAL DO TEATRO PASSANDO A DEBATER SOBRE SI MESMAS E SOBRE SUAS PRÓPRIAS EXISTÊNCIAS.

BEATRIZ VASCONCELOS TEM FORMAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS E ATUA COMO PROFESSORA DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL E DO MESTRADO EM CINEMA E ARTES DO VÍDEO DA UNESPAR/FAP. PENSAR E VER POETICAMENTE É UMA PULSÃO QUE SURGIU DESDE CEDO NA VIDA E QUE PEDIU EXPRESSÃO POR DIFERENTES FORMAS DE ARTE, MAS SOBRETUDO PELA ESCRITA DE POESIA. GOSTA DE TRADUZIR POETAS. EM RELAÇÃO À DIVULGAÇÃO DAQULO QUE ESCRVE, CIRCULA, OPÚSCULA, ENTRE AMIGOS DISCRETOS, EM ALGUMA (NÃO TODA) MARGINALIDADE.

Há:

Uma boutique de roupas femininas Duas mulheres:

Marta, a cliente

Maria, a vendedora

Com inserções de textos de Virgínia Woolf,

Ron Padget, Saigyô, Rainer Maria Rilke, Rumi

“A noite toda, o dia todo, o corpo intervém.”

(Virginia Woolf, ‘Sobre Estar Doente’)

Primeiro Movimento

Maria – Eu sou Maria. Eu sou vendedora nesta loja requintada de roupas femininas. Eu estou aqui arrumando as roupas que não são minhas, eu estou aqui justificando o cenário, eu estou aqui esperando, eu estou aqui esperando a ação, eu estou aqui esperando o acontecimento, eu estou aqui cumprindo um papel, eu estou aqui sendo de mentira, eu estou aqui respirando de verdade. Eu. Eu posso morrer de verdade. Aqui. Aqui entra uma mulher. Ela se chama Marta, que elegante! Nós. Nós ainda não sabemos como nos chamamos. Nós ainda não nos conhecemos. Nós sabemos que somos mulheres. Nós cremos que somos mulheres. Todos crêem nisso. Ser mulher é bastante, isto é um poço, isto é um abismo, isto é uma realidade, isto não é uma ficção, isto é uma marca, isto é um corpo, isto é uma história, isto é uma matéria, isto é uma negação, isto é um estado, isto é um estado de sítio, isto é uma situação, isto é uma fábula. Ser mulher é uma fábula. Eu sou uma vendedora de uma loja fina de roupas femininas. Eu tenho 31 anos. Isto não diz respeito ao que eu sou. Eu sou uma possibilidade de diálogo. Eu sou uma réplica. Eu sou uma ficção. Eu sou uma fala pronta. Eu sou um tanto de palavras. Mas também: eu sou uma trabalhadora. Devo ser uma trabalhadora. Devo ter carteira de trabalho. Devo ter carteira de trabalho para garantir os direitos. Os direitos são da pessoa, a pessoa, onde está a pessoa, onde se aloja a pessoa, o que forma a pessoa, quais os indícios da pessoa, a pessoa é pessoal, a pessoa passa, a pessoa pede, a pessoa chora, a pessoa implora, a pessoa anda sem rumo pelas ruas, a pessoa respira, a pessoa sente, a pessoa sente um aperto no peito, a pessoa ri, a pessoa ri de si mesma, a pessoa é ridícula, a pessoa rasura, a pessoa erra, a pessoa erra, a pessoa erra, a pessoa espera, espera, espera, a pessoa tem esperança. A pessoa vê, a pessoa vê o céu nublado, a pessoa vê outra pessoa, a pessoa vê o seu corpo na vitrine, a pessoa vê o carro, a pessoa vê a faixa de pedestre, a pessoa vê o sinal vermelho, a pessoa vê a possibilidade de avançar, a pessoa se detém, a pessoa quer viver. A pessoa se joga, a pessoa se joga na vida, a pessoa se joga do alto do prédio, a pessoa joga, a pessoa joga sujo, a pessoa joga fora. A pessoa pede, a pessoa pede amor, pessoa pede um cigarro, a pessoa

pede emprestado, a pessoa pede as contas, a pessoa pede perdão, a pessoa pede para ficar só. A pessoa tem, a pessoa tem as chaves de casa, a pessoa tem cpf, a pessoa tem dois gatos, a pessoa tem que pagar o aluguel, a pessoa tem uma história, a pessoa tem lembranças, a pessoa tem alguém que ama, a pessoa tem medo, a pessoa tem insônia, a pessoa tem sono, a pessoa tem dor nas costas, a pessoa tem tesão, a pessoa tem direito, a pessoa quer morrer, a pessoa tem medo da morte. A pessoa trabalha, a pessoa é trabalhadora, a pessoa acorda às 5h da manhã, a pessoa toma banho, a pessoa precisa se maquiar, a pessoa arruma o cabelo, a pessoa toma café, a pessoa limpa o cocô dos gatos, a pessoa se despede da mãe, a pessoa beija os gatos, a pessoa pega ônibus, a pessoa precisa parecer bem, a pessoa tem que agradecer a deus, a pessoa está cansada, a pessoa foi dispensada, a pessoa foi descartada, a pessoa levou um fora, a pessoa não tem tempo de chorar, a pessoa não pode borrar a maquiagem, a pessoa usa sapato de salto, a pessoa tem dores nos pés, a pessoa a pessoa a pessoa tem que servir, a pessoa tem que estar a serviço, a pessoa tem que ser servil, a pessoa não serve, a pessoa tem dívidas, a pessoa tem que pagar, a pessoa trabalha, a pessoa tem que pagar. A pessoa atua, a pessoa é personagem, a pessoa tem um papel, a pessoa ensaia, a pessoa ensaia suas falas, a pessoa ensaia seus gestos, a pessoa é dirigida, a pessoa é dirigida, a pessoa é dirigida, a pessoa quer parar, a pessoa quer parar agora, a pessoa quer parar com tudo, a pessoa quer ir pra casa, a pessoa quer dar uma banana para este teatro, a pessoa está cansada de tudo, a pessoa está enojada de tudo, a pessoa está com dor de cabeça, a pessoa quer gritar, a pessoa quer vomitar, a pessoa não suporta, pessoa não suporta a luz na sua cara, a pessoa não suporta o calor, a pessoa não suporta o ônibus lotado, a pessoa não suporta o figurino, a pessoa não suporta pensar que os animais continuarão a ser abatidos para satisfazer a nossa fome, a pessoa não suporta ter que dizer as falas, a pessoa não suporta ter que encontrar o sentido, a pessoa não suporta mentir, a pessoa não suporta cumprir seu papel, a pessoa não suporta atuar, a pessoa não suporta a distância da pessoa que ama, a pessoa não suporta a solidão, a pessoa

nenhuma suporta o silêncio da pessoa que ama, a pessoa não suporta a mentira da pessoa que ama, a pessoa não tem pessoa que ama, a pessoa ama, ama, ama. A pessoa não suporta o seu corpo, o corpo da pessoa cai. A pessoa tem carteira assinada, a pessoa é trabalhadora, a pessoa recebe décimo terceiro, a pessoa faz sexo, a pessoa quer amor, a pessoa precisa acordar cedo, a pessoa aceita qualquer acordo, a pessoa aceita qualquer condição, a pessoa perde, a pessoa perde o ônibus, a pessoa perde a saúde, a pessoa perde as chaves de casa, a pessoa perde o jogo, a pessoa perde o emprego, a pessoa perde a carteira de trabalho, a pessoa perde o sentido, a pessoa perde os direitos, a pessoa perde o rumo, a pessoa morre. A pessoa, a pessoa. A pessoa sou eu.

Ela. Ela olha displicentemente as roupas. Ela está alheia a tudo. Ela se liga em detalhes insignificantes. Ela tem rugas. Ela é bonita. Ela parece uma flor alongada. Ela deve parecer preocupada. Ela é só. Ela está bem vestida. Ela tem classe. Ela é só. Ela se distrai. Ela deve parecer arrogante. Ela é só. Ela cumpre seu papel. Ela é dirigida. Ela é dirigida. Ela tem suas falas, ela tem seus gestos. Ela ensaiou tudo isso. Ela também não suporta. Ela atua. Ela é personagem. Ela é pessoa. A pessoa está vivendo tudo, tudo ao mesmo tempo. A pessoa tem um tempo determinado. Ela vive como se. Ela pode morrer de verdade. Ela irá morrer de verdade. Eu me aproximo.

Estes são os primeiros movimentos de nós duas. Que sejam lentos, para que todos tenham tempo de ver. No visível, o invisível.

Boa tarde, posso servi-la?

Marta – Eu realmente não sei, você acha que pode?

Maria – O que a senhora procura?

Marta – Alguma peça número 40.

Maria – Alguma peça... número 40. Alguma coisa específica? Ou algo mais genérico?

Marta – Mais específica? Sim, da minha espécie.

Maria – Qual a espécie da senhora?

Marta – Aquela espécie de mulher, sabe?

Maria – Aquela espécie de mulher... Ah, acho que tem aqui um vestido que uma mulher da sua espécie vai gostar.

Marta – Mas tem que ser número 40, viu, disso eu faço questão.

Maria – Esse aqui, veja, é a cara da senhora.

Marta – Hum, deixe-me ver. Talvez... Eu realmente não sei. Ele me parece algo muito genérico.

Maria – Ela se olha no espelho, o corpo surge. Ela testa o vestido sobre o seu corpo. Ainda serve? Ela considera o seu corpo ainda bonito, ela sente uma dor. De onde vem? As marcas do corpo são sempre marcas do tempo. “A noite toda, o dia todo, o corpo intervém”. Isto é sobre estar doente. Tudo passa pelo corpo, o corpo passa. Cada dia do corpo é rumo ao seu fim.

Por que esse vestido lhe parece algo genérico?

Marta – Sim, essas flores... não são flores específicas, da minha espécie, são flores... flores muito floridas, muito comuns. As flores da minha espécie são flores, como posso dizer, é uma flor só, sem companhia, destacada, entende, destacada do ramo.

Maria – Entendo. Vou ver uma outra peça para a senhora então, com uma flor só, nada genérica, destacada do ramo.

Marta – Olha, uma flor como essa aqui, que está em cima da mesa. Estou dizendo isto aqui para indicar a existência de uma flor neste ambiente. Mas não creio na existência. Basta a palavra. Esta é uma flor da minha espécie. Veja como se eleva sobre a haste. Parece estar acima de tudo. E está, hein. Mas isto não faz dela algo protegido. Pelo contrário. Pode ser destacada, arrancada, guilhotinada, pelo meio da haste, de uma vez só. Ainda assim se sustenta no alto, como se esta possibilidade não existisse. Uma flor, em todas as suas espécies, é sempre uma flor só.

Sou uma flor só

No campo, acima de todas Ergo-me

Em oferenda ao céu

O deus que me admira

Arranca-me violentamente do solo e cheira-me com gozo.

Uma vez satisfeito

Lança-me à terra

de onde me ergui para ele

Neste mundo minha existência

É ter sido um aroma para o outro

Rescendendo no campo do amor.

Maria – Não vem ao caso saber, qual o nosso destino de flor. Específicas ou genéricas, ou caímos naturalmente, ou somos arrancadas. Não há deus que nos admira do alto. Também não há gozo da divindade. O aroma apenas resconde, como uma fatalidade da criação. No momento, enquanto vivemos, a tarefa da senhora é caber em uma peça número 40, e a minha é oferecer esta peça necessária à senhora. Façamos nossos papéis.

Marta – Sim, número 40... Isto é mesmo muito necessário, hein. Veja bem, disso não abro mão. E com uma flor só, destacada, embora isso seja algo desejável, porém não necessário, absolutamente. E você, quais flores são as da sua espécie?

Maria – Flores da minha espécie? Mas isso não vem ao caso. A minha espécie é genérica, faço parte do comum gênero humano.

Marta – Isso não é novidade pra ninguém, o gênero. O que eu quero saber é outra coisa. Quero a sua saber da tua espécie. De que espécie de flor você é. Que somos humanos, isso não muda nada, é algo genérico demais. Agora a espécie de flor que somos, esta sim, faz toda a diferença. E as diferenças são importantes. São elas que dão significado às coisas. Eu gostaria de saber então de que espécie de flor você é. Afinal, tenho ainda quase duas horas nesta boutique e eu preciso dar significado às coisas.

Maria – Eu nunca pensei nisso. Eu gosto de flores em geral. Não sou específica. Tem aquelas de cerejeira, cor-de-rosa, sabe? Essas que explodem nos galhos de uma árvore, duram uma semana naquela festa, uma semana só, e fim. Talvez eu seja do tipo delas, já que a senhora faz questão de saber. Adoro o Japão! Um dia ainda vou conhecer. A senhora já viu alguma cerejeira em flor, uma foto com as cerejeiras floridas e o monte Fuji ao fundo? Coisa mais linda!

“Por que meu coração Ainda abriga
Esta paixão por flores de cerejeira - Eu que pensava
Tivesse tudo isso deixado para trás.”

É um poema de um poeta chamado Saigyô. Ele era um monge budista no Japão, acho que no século XII.

Marta – Interessante. Eu tenho 58 anos, sabe. Você acredita que eu me apaixonei de novo? Eu que pensava, tivesse tudo isso deixado para trás. E é sempre como se fosse a primeira vez. A primeira florada. Por que tudo renasce? É uma decepção. Sinceramente, ter que lidar com isso nessa idade, ficar devaneando, como uma adolescente! E agora, ter que lidar com isso, neste momento da minha vida. Mas isso é uma coisa secreta minha, eu nem sei porque te contei, hoje eu estou bem diferente, mas as diferenças são importantes. Agora, moça, por favor, seja discreta, realmente é muito constrangedor tudo isso pra mim, estar apaixonada por flores de cerejeira. E é tão incontrolável! Como deter as estações? Quando vi, eu era só um corpo explodindo em flores de cerejeira, que duram uma semana, caindo-me uma por uma, formando um tapete rosa de pedacinhos de mim sobre o chão. Eu nem sei porque estou contando isso aqui pra você.

Maria – Mas é assim mesmo. As cerejeiras florescem todo ano. Explodem de uma vez nos galhos, enchem o mundo de rosa e caem, uma por uma, em menos de uma semana. As floradas deste mundo só existem o tempo da gente abrir os olhos e dizer: “Ah!”. O tempo de uma exalação. E na inalação seguinte já somos pedacinhos rosa pelo chão, pisadas por qualquer passante. Mas vale a pena, imagina o que seria passar a vida sem ter dito um único “Ah!”. Aliás, eu tenho um vestido com flores de cerejeira aqui, acho que vai ficar lindo na senhora.

Marta – Não, não, não... por favor. Eu não quero que as pessoas vejam aqui, estampado no meu corpo, essa paixão por flores de cerejeira. É constrangedor para alguém da minha condição. Você também está apaixonada?

Maria - Não. Eu estou aqui servindo à senhora. Isso não é constrangedor.

Marta - Aliás, por que você acha que as flores de cerejeira são da sua espécie?

Maria - Eu realmente não sei. Acho que porque são pequenas, são muitas, são comuns. Sempre tem abelhas sobre elas. As abelhas ali, se lambuzando no pólen delas. Isto poderia ser eu, eu acho. Não sou uma pessoa distinta, como a senhora. Estou sempre misturada com outras coisas.

Marta - Como assim?

Maria - Eu vou tentar explicar pra senhora:

No interior do véu
busco a tua face oculta
de olhos fechados eu a reconheço
és tu
a pele de minha boca tateia
a pele pétala do teu rosto
a fina pele que nos separa
e nos põe em contato
o fino véu que nos segregava
e nos abriga dentro
No interior do véu
minha alma enlaça fecunda
a luz de tua forma rosa
a seda de nossas barreiras tênuas
deslizando entre o abraço
Sussuro o teu nome

e tu revelas o meu
meu nome quer dizer: eu te amo
eu te amo significa tu
No interior do véu feminino
Enredo-me no pólen amoroso
Como a abelha nos órgãos
da flor de cerejeira.

Marta - Ah, entendi. Você é aquela espécie de mulher, né? Somos muito diferentes, muito diferentes mesmo.

Maria - Na verdade acho que somos muito iguais, em gênero, somos muito iguais. Mas o modo de vida da senhora não é genérico, é específico. Ali, uma flor só, haste alongada, destacada. Aí as diferenças dominam.

Marta - Aliás, qual é a sua numeração?

Maria - 42, quase sempre.

Marta - Ah, eu, graças a Deus e aos meus esforços, ainda me mantendo no 40, sempre. Eu não estou servindo mais em muitas coisas, mas no número 40 eu sirvo ainda, e muito bem.

Maria - Veja este vestido: preto, número 40, este detalhe estampado: uma flor só, a haste longa. Tem algo de aristocrático. Combina com o que a senhora deve ser. É da sua espécie.

Marta - Sim da espécie que se ergue sozinha e é guilhotinada. Lindo! “Os mais solitários são, precisamente, os que mais contribuem para a coletividade”, disse o poeta alemão Rainer Maria Rilke, embora, sinceramente, eu não acredite

nisso. Creio que este vestido vai servir muito bem pra mim. Já vi que eu sirvo bem nele. E você?

Maria – Eu? O que tem eu? Eu gosto de me demorar em lugares onde eu posso ser triste em paz, tipo na área de serviço, sem que nada se esforce para me alegrar e onde a máquina de lavar cumpra a sua função em meio a uns pensamentos e ao cheiro de sabão em pó. Os mais solitários não são apenas as flores sós de haste alongada, cada flor de cerejeira é uma pequena existência só. Sou tão solitária quanto a senhora. Eis a nossa identidade de gênero, embora não de espécie. Porque, creio que a senhora não conhece a solidão na área de serviço, não é mesmo, ainda que eu a imagine tão solitária quanto eu, quando está em sua banheira de hidromassagem com seus sais de banho aromáticos pensando melancolicamente em quanto tempo ainda resta e em como o que foi vivido até ali, até aquele banho com sais na banheira de hidromassagem, realmente importou. Em todo o caso, Rilke tem razão, “os mais solitários são, precisamente, os que mais contribuem para a coletividade”, mas isso realmente não nos interessa aqui nesta loja de roupas femininas, senhora, já que aqui nenhuma coletividade é representada.

Porque temos que cumprir papéis,
não posso citar Rilke na área de serviço,
em meio ao cheiro de sabão em pó,
numa casa dum bairro periférico,
onde moro com minha mãe
e dois gatos.

Há que haver uma réplica verossímil
A uma mulher trabalhadora
que corresponda à semelhança da verdade.

À semelhança da verdade
Uma vendedora deve
ganhar o seu tostão em silêncio
Sendo
Verdadeiro instrumento de paz
A paz dos papéis
A paz social fundada
Numa cabeça baixa
Para que tudo seja cumprido
À semelhança da verdade.
A semelhança da verdade é verdadeiramente
Uma merda
Se é que todos me entendem
Essa verdade que só existe
Porque nos esforçamos em nos parecer com ela
A verdade é sempre a verdade das aparências
Ela é que faz com que uma vendedora
Aqui e agora, neste exato instante,
Não ache realmente apropriado
Para a sua espécie e gênero
Citar Rainer Maria Rilke
Mas que aceite, sim,
Que a senhora o faça
Ainda que isto também
Não seja lá tão verossímil
Porque as mulheres em boutiques
Não devem jamais
Falar de literatura

Nem de morte.

Vida vida

Você nunca foi semelhante à verdade

Este teatro precisa acabar

Assumindo a mentira de vez!

Segundo Movimento

Maria –

A senhora não está bem. Algo a afeta. Ela busca no espelho encontrar a imagem que apazigua, fazendo-se caber em peças número 40. Uma, outra, uma após a outra, ela se pergunta: estou viva? E o espelho responde: ainda sim. No espelho o que

ela encontra é o corpo, que passa, o corpo que tem frio, frio na barriga, o corpo que tem pernas, pernas que bambeiam, o corpo que não consegue sustentar por muito tempo a difícil missão de estar de pé. Estar de pé, essa nunca foi a nossa natureza. Quantos milênios de mutações biológicas, de hominização, quantos milênios de civilização, de guerras, quantos milênios de cultura, de leis, ancorando este corpo para fazê-lo estar de pé. Junto com os milênios de hominização, de civilização, de guerras, de cultura, de leis esta senhora também está se esfacelando. Ninguém sabe por quê. Eu sei. Ela tem corpo. O corpo se esfacela. Ainda será preciso explicar os motivos? Existir não basta?

Senhora, posso servi-la? Pergunto isso porque sou uma vendedora. Presto serviço, preciso servir.

Marta – Tem que haver algo que me sirva. Tem que haver. Eu digo isso porque eu sou a senhora. Eu não estou cabendo mais em muita coisa, mas meu número ainda é 40. Eu sou uma mulher que veste 40, porque precisa caber em um número, neste número, 40, por favor. Muita coisa pode me servir a partir desta perspectiva, do número 40. Este vestido deve me servir, você deve me servir. Eu mesma devo servir em muitas situações.

Você é mulher? A mulher serve ou não serve. Há estas duas possibilidades. O bom é que a gente sempre pode escolher. No momento, por favor, me sirva você, e encontre, por favor, um vestido que me sirva, que sirva ao meu corpo.

Maria – Senhora, eu posso servi-la? Pergunto isto porque sou uma mulher. E também vejo que a senhora está um pouco debilitada. Eu não deveria falar isso diretamente à senhora, isto deveria ser uma mera instrução ao cumprimento do papel. Mas eu fui afetada pela possibilidade de estar diante de um ser humano que sofre. Vejo que a senhora está cansada. Sente-se aqui, nesta poltrona. Vou lhe servir um copo d'água com açúcar.

Marta – Obrigada. O que você me perguntou mesmo?

Maria – Posso servi-la? Tem pra nós outra pergunta a fazer?

Marta – Sim você pode me servir um copo d'água com açúcar.

Maria – Eu deveria apenas ver a senhora como uma mulher de classe alta, cliente desta boutique, e a isto se resumiriam nossas relações: vender e comprar. Mas dizem que as mulheres sempre vêm outra coisa, não são objetivas. Esquecem o objeto, se atracam no sujeito, ficam ali, a oração não se completa,

sem objeto, ninguém entende. Dizem que nos perdemos em detalhes, e o detalhe é esta mão trêmula, essa palidez, essa angústia da senhora que ninguém vê porque são muito... sutis... muito... subjetivos... muito perigosos. São detalhes que nos põem no perigo de amar. E, quando insistimos em vê-los, prejudicamos a objetividade das coisas. Tem esse vestido número 40, aliás muito bonito, que serve perfeitamente ao seu corpo. Tem esse copo d'água aqui, um copo d'água qualquer, que nem existe, mas que é essencial à vida, e que eu dou aqui à senhora para cumprir a minha função de servi-la. Veja, todos veem neste gesto que sou eu quem sirvo, que sou eu a serviçal. O que ninguém vê são os detalhes. Nem precisa haver copo d'água, nem precisa haver objeto, a gente se atraca no sujeito. No visível, o invisível. Eu lhe sirvo.

Marta – Agora eu devo lhe dizer o seguinte: Muito obrigada, devo tomar este copo d'água inexistente, tentando recuperar as forças para viver uma vida que não existe. Tudo como se fosse. Sim, você me serve. O vestido? Ficou ótimo. Número 40, ele me serve. Eu também sirvo nele.

Maria e Marta: Servimos bem para servir sempre!

Maria – Vê como somos iguais? A senhora está satisfeita? Isso eu pergunto porque é necessário que a senhora diga estar satisfeita e, assim, possamos avançar com o diálogo, pacificamente. Perguntar pela satisfação alheia é criar uma ocasião para que alguém, a senhora, por exemplo, fale deste vestido, da água que bebeu, da enorme satisfação de beber água, vamos nos esforçar para que isto aconteça. Afinal, estes objetos aqui precisam ter uma justificativa. O diálogo precisa ter uma réplica.

Olhe, para a réplica da senhora eu organizei as alternativas nesta bandeja com vários objetos úteis para avançarmos no diálogo. Por favor, esteja servida.

A senhora está satisfeita?

Marta – Muito agradecida. Não, eu não estou satisfeita.

Maria – Mas, senhora, a senhora não escolheu nenhuma das alternativas da bandeja. Escolha, por favor, uma dessas alternativas que lhe ofereci: o vestido, a água, esses biscoitinhos de nata, são uma delícia! Não estar satisfeita não é uma alternativaposta nessa bandeja, senhora, não temos esta opção em nossa loja. É dito que nós, mulheres, precisamos nos educar racionalmente, aprender a eleger um dos objetos objetivos da bandeja, falar dos objetos objetivos, não ficar por aí se atracando com os sujeitos, sem completar a oração que ninguém entende, com mãos trêmulas. Eu perguntei se a senhora está satisfeita. É preciso dizer algo em sequência, com coerência, garantindo a fábula, a educação, a gentileza, a gentileza é tudo! Eu mesma não tenho muita escolha, eu, uma mulher servil, minha função aqui é apenas responder às suas necessidades, falar apenas o necessário para o cumprimento das funções, mas a senhora, a senhora tem classe, as falas da senhora já estão prontas há séculos, há uma etiqueta muito bem estabelecida, que nem mesmo a Revolução Francesa afetou, a senhora poderá sempre garantir a fábula, mesmo sendo guilhotinada.

Marta – Não, eu não estou satisfeita porque, ainda que o vestido número 40 me sirva, ainda que você me sirva, eu não posso responder o que eu quero, porque para o que eu quero não há alternativa. Isto é algo inteiramente dito com coerência, mas foge à fábula que foi criada e que nem a Revolução Francesa guilhotinou. O que eu quero não está entre as alternativas que você me oferece nesta bandeja, o que me obriga a ser mal educada e a não cumprir com a etiqueta estabelecida há séculos. Eu não quero completar a oração com estes objetos, eu não quero biscoitinhos de nata. Eu quero me atracar no sujeito. Eu

tenho menos de duas horas para isso. Eu não quero água, eu não quero vestido, eu não quero biscoitos, eu não quero educação, eu não quero gentileza, eu não quero que você me sirva, eu não quero servir, eu não quero flores, eu não quero a espécie, eu não quero o gênero, eu não quero ser guilhotinada, eu não quero estar sentada, eu não quero entrar em diálogo, eu não quero vestir esta peça, ela não me serve, eu não quero ter coerência, ela não me serve, eu não quero réplica, eu não quero fábula, eu não quero água, eu não quero amar, eu não quero ser amada, eu não quero flores de cerejeira, eu não quero o tempo, eu não quero comunidade, eu não quero frase, eu não. Eu apaixonada, eu suada, eu abismada, eu irritada, eu humilhada, eu mal educada, eu guilhotinada, eu nada, eu, número 40. E é isso que posso te dizer em sequência à sua pergunta. E agora seria bom para mim também se pudéssemos respirar.

Marta e Maria – Respiramos

Maria

Pessoas: duas

Na grande sala vazia

Marta

Poucos movimentos

Poucas palavras

Maria

Tudo repousa

Na longa exalação

Marta

Há silêncio

Há silêncio

Maria

É possível ouvir

A lua cheia surgindo

Marta

A lua flutua

No lago ou no céu?

Maria

Sem barulho, a chuva

Cai sobre o musgo

Marta

Na noite de outono

Nada se move

Maria

Apenas os corações

Ainda continuam

Marta

As folhas feneçendo

Caem lentamente

Maria

A queda é suave

Não tenha medo.

A senhora está melhor?

Marta – Sim, obrigada, acho que foi uma leve tontura, talvez pressão baixa. Mas sabe, moça, essa coisa de se atracar no sujeito, eu vou te contar uma coisa.

Maria – Fale, senhora. Estou ouvindo.

Marta – É maravilhoso, mas a gente sofre. Não é semelhante à verdade, não tem coerência, mas é isso que acaba com a mentira de vez neste teatro.

Maria –

Ela se olha no pequeno espelho tirado da bolsa, procura este espelho com ansiedade em meio a tantos objetos indistintos. O espelho tem algo a lhe dizer com urgência. É necessário um oráculo para a existência, a cada instante checar: ainda sou bonita! Eu estou viva! E continuar com esta certeza de um segundo, sempre em disputa com a morte, a morte, que no segundo seguinte, pergunta: até quando? Ela se olha no espelho. O que procura ver? Ainda é bonita. Ainda está viva.

Eu gostaria de ter o nariz dela. Tão longo! E este batom vermelho, eu nunca tive coragem, vermelho demais, muito indiscreto. Lindo! Ela poderia ser personagem de uma peça. Seria tão inverossímil! Uma mulher que aguarda numa boutique feminina o horário de ir ao médico para saber sobre o resultado de exames preocupantes. Ela está apaixonada, ela se acha bonita, elegante, isso é sempre uma

proteção, e uma fragilidade, a doença não costuma estar em pessoas elegantes, mas quando está, que decepção! Ela anda pela cidade, ela entra em uma loja fina de roupas femininas, quer uma peça número 40, faz questão disso, a doença não costuma estar em pessoas elegantes, mas quando está, que decepção! Ela está sentada na poltrona da loja porque não se sente bem, sente calafrios, suas pernas bambeiam, ela tem medo, ela diz poemas, eu digo poemas para consolá-la. Tudo muito inverossímil. Mas o que é possível fazer diante da doença e da morte senão dizer poemas? Estamos ocupadas em servir, mas queremos existir. Só a poesia é verossímil. E o que verossimilhança tem a ver com uma peça? É verossímil morrer? Na verdade, ela sofre, pouco importa a verossimilhança. Os pequeniníssimos gestos de seu rosto, eles dizem: estou doente, posso morrer. Eu também posso. É só olhar os pequenos gestos de meu rosto. Esta é uma possibilidade dada à todos. Se todos olhassem os pequenos gestos de nossos rostos. Mas quando é que a morte foi uma possibilidade e não uma certeza?

A senhora não gostaria de experimentar este vestido número 40 que separei aqui? Acho que vai lhe cair muito bem. É um vermelho bem intenso, vai combinar com o seu batom.

Marta – Ah, sim, eu gosto de vermelho, mas muita gente não gosta. Tem muita gente que odeia. Odeia vermelho. O ódio ao vermelho está na moda. Mas eu não ligo para a moda. E além disso não era assim na Idade Média. Por isso amo vermelho, contra todas as expectativas. Mas o que é que você quer me perguntar mesmo?

Maria – Eu quero lhe perguntar se para a senhora a morte é uma possibilidade ou uma certeza?

Marta – Ah, eu ainda estou lidando com ela como possibilidade. Que ilusão!

Maria – A senhora parece estar esperando alguma coisa, não alguém, alguma coisa.

Marta – Estou esperando o amor e o resultado de um exame médico.

Maria – E o que inquieta senhora?

Marta – A não certeza do resultado. Mas ele virá, em menos de duas horas. Ao menos tenho a certeza que o meu número é 40, graças a Deus!

Maria – Isso é muito bom! Fico feliz pela senhora. Ter essa certeza na vida não é para qualquer uma.

Marta – Obrigada. Veja, o vestido serviu maravilhosamente bem. Adorei este tecido, muito macio, com um ótimo caimento. Ele tem movimento. E você, gosta de tecidos com movimento?

Maria – Gosto muito.

Marta – Então experimente este vestido aqui.

Maria – Eu?

Marta – Sim, você, quero ver. Eu não quero prolongar essa situação dramática por muito tempo, temos pouco tempo para nos aproximar, para sermos semelhantes. Temos menos de duas horas, na verdade. Antes da certeza, todas as possibilidades estão aí.

Maria – Neste caso, estou de acordo. Como é macio este tecido! A senhora acha que caiu bem em mim? Não tenho tanta certeza sobre o meu número ser 42, às vezes é, às vezes não é, depende do molde. Mas a morte, sim, essa é sempre uma certeza, independentemente do molde. As flores de cerejeira: toda florada dura apenas uma semana, no mundo inteiro, e então acaba, não há como prolongar. Aquele deslumbrar, “ah!”, e aí, de repente, fim. As flores caindo uma a uma dos galhos, todos os dias. Nós caindo do amor, uma a uma, todos os dias. Sempre foi assim.

Marta – Veja aqui este espelho, meu oráculo. Eu pergunto: estou viva? E ele me responde: ainda sim! Sempre foi assim. A morte, enquanto estamos vivos, é sempre ainda apenas uma possibilidade. Além disso, sou uma mulher bonita, ainda, elegante, apaixonada novamente por flores de cerejeira. Não é verossímil que eu morra logo.

Maria – A senhora tem medo?

Marta – Tenho. De tudo. Mas principalmente da verossimilhança. E você?

Maria – De algumas coisas. De perder o emprego, de meu gato adoecer. De minha mãe sofrer. Tenho medo de barata, medo do escuro, medo de voltar à noite pra casa sozinha, medo de envelhecer sem filhos. Tenho medo de avião, eu nunca viajei de avião, tenho medo de conhecer meu pai. Tenho medo do aluguel subir. Tenho medo de amar. Tenho medo de não ser amada. Da pessoa não responder. E do que a senhora tem medo.

Marta – De tudo, e agora, esse medo terrível de morrer.

Maria – Em muitos lugares as pessoas morrem por morrer, a senhora sabia, aos

milhões. Lá mesmo onde eu moro...

Marta – Que me importa? A morte, é sempre só a morte da gente mesmo, moça. Esses mortos aos milhões, de que nos interessam?

Quem vai morrer no lugar da gente? Ninguém, moça, ninguém. Quando eu pegar o resultado do meu exame será meu nome que estará lá escrito! Será o meu nome, não será o nome dessas milhões de pessoas que morrem por aí. Você ficou muito bonita neste vestido, viu. Que caiamento bom! Você gosta de dançar? Quer dançar comigo? Eu te ensino. Tenho uma música bonita aqui no meu celular. Você gosta?

Maria – Gosto.

Marta - Me conte mais sobre você enquanto dançamos.

Maria – Sobre mim? Não, eu vou contar algo para diminuir o nosso medo.

Naqueles dias sem rumo eu fico é andando
atrás de uns poemas qualquer um, de preferência
húngaro (uma vez li uns bons) ou japonês
pode ser também do Maiakovski, do Rimbaud do Rumi,
Desses que não enrolam, não enfeitam só dizem: acabou! E até riem, ou amam
Mas dizendo: acabou!
Acabou! Eis a condição.
Eu ando atrás desses poemas
como se eu fosse encontrar
uma salvação, que nada mais é que um encontro com a morte
a única que me diz a verdade

a única que não mente
que não inventa
que não agrada
que não seduz
A única
que não aplaca
que não omite
a única
dentre todos,
que não me confunde
me dizendo essas bobagens
todas que disseram ao leito de Ivan Illich.

Só Guerássim é que disse a verdade:

“Todos nós vamos morrer!”

É só isso que quero ouvir,
enquanto você me dá um copo d’água.

No mais, nem precisa me dar bom dia.

Então eu busco um poema

Desses que me lembrem
que vou morrer, que sempre estou morrendo
é isso
e ele pode me dizer da morte de várias formas
tais como:

- Eis a flor de cerejeira.
- Encha a cara, enquanto é tempo!
- Luz de outono atravessando a janela e pousando branca na fumaça do café
- Menino na janela, vejo você pelo espelho nesta paisagem russa.
- Vou comprar flores eu mesma! Estou desabando

- Deus é bom
- Pouco importa
- O sapo pulou na poça
- Eu estou aqui, nesse ponto de ônibus
- Eu estou aqui, na vida, sangrando pra caramba
- Amando pra caramba
- Que merda de aprendizado que nada
- Não há sentido nem falta de sentido
- Uma dança movimenta o mundo
- uma sombra e uma luz são a mesma coisa
- poeira do universo
- gota de orvalho
- gota de orvalho
- gota de orvalho na teia de aranha
“Tais são os arreios que adornam o mundo.”
Assim é que os poemas me falam
Aquilo que é a única não mentira
Eles, sim, são a palavra
da realidade possível
e impossível.
Não querem ser bonitos, e até são demais,
Querem é dizer logo, antes que seja tarde,
Então dizem de uma vez:
Iremos todos morrer
e isso é bom.

Terceiro Movimento

Marta – Na verdade, eu queria lhe perguntar uma coisa.

Maria – A seu dispor.

Marta – Você acha que temos fortes motivos para dizer o que dizemos?

Maria – Eu cumpro meu papel. Sirvo à senhora. Tenho algumas coisas a dizer neste lugar.

Marta – Este é um forte motivo pra você dizer o que diz, você acha?

Maria – Sem isso, nenhum dizer aqui iria ter um motivo pra ser dito. Mas, já que a senhora perguntou, por que é que tudo isso tem que ter um motivo, não é mesmo? Há fortes motivos em mim para não sustentar este papel, este diálogo, essas falas, não servir à senhora, mandar a senhora ir à merda, ou lhe dar um beijo na boca. Porque eu achei a senhora atraente, sabe, mas ao mesmo tempo um porre. Querendo servir em vestidos número 40 como uma louca, ah, vá! Isso não faz sentido algum. Mas os papéis, eles, sim, dão uma justificativa às nossas falas, a senhora não acha? São os papéis que dão a coerência, estabelecem o lugar, identificam os objetos, completam a frase. Senão é o caos da existência real, e nela a senhora sabe bem que não conseguimos sobreviver. Pelos papéis, as pessoas nos entendem, limitadamente, como dever ser. Aqui, meu papel é servir à senhora. Ter o papel de uma serviçal é um forte motivo para dizer “posso servi-la?”.

Marta – Eu não sei. Eu não sei se ter um papel é um forte motivo para dizer o que dizemos. Estou me questionando sobre os papéis, porque aqui eu tenho menos de duas horas de possibilidades, só há tempo para o essencial, não dá pra completar a frase, não dá pra cumprir o papel, a única coisa com sentido a fazer é atracar no sujeito. Mas aí ninguém me entende, você entende?

Maria – Entendo, disso eu entendo.

Marta – Em Os Fuzis da Senhora Carrar, de Berthold Brecht, todos os personagens têm fortes motivos para dizer o que que dizem. Afinal eles estão lutando contra o fascismo. E a Senhora Carrar está lutando contra tudo isso, pela vida dos filhos, que é muito mais importante.

Maria – De fato. Ali a diversidade das vozes evidencia a complexidade do assunto e não simplesmente polariza.

Marta – Você conhece essa peça?

Maria – Não. Mas eu digo isso num esforço pra sair do papel e encontrar um forte motivo para dizer o que digo, fora do meu papel, o que fará que minha fala soe inverossímil, incompreensível. Se eu me dirijo à senhora e digo “posso servi-la?”, eu me sinto muito bem. Faz parte do meu papel. Alguns séculos de história dão fortes motivos para que eu não diga mais nada. Mostro-lhe vestidos número 40, a satisfação de servir bem para servir sempre. Tudo tão verossímil, tão comprehensível! Mas agora eu estou realmente tendo que lhe dar réplicas que fogem à fábula. Isto é algo que me lança no abismo do absurdo. E a consequência disso é que ninguém me entenderá e eu irei me espatifar lá em baixo.

Marta – Lá em baixo onde?

Maria – Lá em baixo, lá em baixo. Onde mais a gente se espatifa? Porque a senhora veio falando dos Fuzis da Senhora Carrar e os fortes motivos do que dizemos no meio dessa boutique. Mas nessa peça de Brecht as pessoas estavam lutando contra o fascismo, queriam pegar em armas. Então os fortes motivos para dizer estão garantidos ali. Mas aqui, nesse papel de vendedora de uma boutique feminina, há motivos para dizer algo? Por favor! Fortes motivos? Fortes motivos, fortes mesmo, para dizer o que eu digo só há quando olho para a senhora e penso que temos menos que duas horas de possibilidades, antes da certeza. E fortes motivos para dizer o que disse tinha mesmo era a Senhora Carrar, porque os filhos queriam pegar em armas, mas ela sabia que viver era mais importante. Afinal, estamos dizendo isso tudo aqui com fortes motivos em defesa da vida, não é mesmo?

Marta – Eu tenho que encontrar fortes motivos para dizer o que digo agora. Fortes motivos é apenas aquilo que pode fazer sentido quando eu me lembro que tenho menos que duas horas de possibilidades, antes da certeza. Apenas lutar contra o fascismo não é um forte motivo para dizer algo, se é que você me entende, a não ser que a pessoa lute contra o fascismo tendo menos de duas horas antes da certeza. Foi assim que Brecht construiu aquelas falas com fortes motivos. Eu já disse que eu sou número 40, né?

Maria – Já, várias vezes. Mas isso não me parece algo dito com um motivo suficientemente forte para ser dito.

Marta – Como não? É fortíssimo. O motivo para dizer isso é fortíssimo. Você é que ainda não entendeu. Você não sabe o que é chegar a esta idade vestindo 40. Eu digo isso pelo forte motivo de afirmar que, vestindo este vestido número 40, estou a menos de duas horas de uma certeza, mas graças ao vestido número 40, que faço questão de vestir, ninguém imagina isso, posso continuar me envolvendo com a vida, andando pelas ruas, sentar-me em um café, olhar no espelho. Posso me apaixonar por flores de cerejeira. O batom vermelho também ajuda. Além disso, os homens não gostam de nos ver doentes. Eles se entediam. Ainda bem que estou doente só por dentro, será sempre possível parecer saudável por fora. Este vestido aqui, esta peça número 40 oculta tudo o que não se quer ver. Meu ex-marido sempre reclamava: “Doente hoje de novo?”. Como assim, “hoje”?

Maria – De fato, ninguém imagina que a senhora está doente por dentro, pois a aparência da senhora é impecável. Mas a gente, mulher, está sempre vendo pra além dos objetos, se atracando com o sujeito, lá dentro. Eu vi que a senhora perguntava ao oráculo: “estou viva?” “ainda?”. Isto, sim, é algo dito por uma pessoa que tem fortes motivos para dizer o que diz. Além disso, a senhora está apaixonada, mesmo pensando que tivesse deixado tudo isso para trás. Então veja, estar apaixonada aos 58 anos, devaneando como uma adolescente encantada com flores de cerejeira, e com menos de duas horas de possibilidades antes da certeza da morte, é uma situação em que tudo que a gente diz tem fortes motivos para ser dito.

Marta – E você, fora do seu papel, o que você pode me dizer que seja dito com um forte motivo?

Maria – Talvez o meu nome. Eu ainda não disse ele aqui. O nome da gente é sempre algo dito com um forte motivo para ser dito.

Marta – Verdade, qual o seu nome?

Maria – Meu nome é Maria. Mas eu vou dizer o meu nome de novo, com um forte motivo para ser dito.

Maria, isto não é um nome. Aqui ninguém tem que se apresentar. A senhora sabe que isto não é um nome. E eu mesma nem sou uma existência. Nós não

estamos em uma situação dramática, nem também em uma situação de vida. Também não em situação de morte, ainda. Nós estamos a menos de duas horas de possibilidades antes da certeza. Isto não é uma frase, isto não é um texto, isto não é uma representação. Isto não é um diálogo, isto não tem objeto, isto não tem coerência. Isto não é servir, isto não serve a alguma coisa, isto não serve para responder. Eu não tenho que responder à senhora, eu não tenho que dizer algo com fortes motivos para ser dito, eu não estou aqui para mostrar a complexidade do assunto, eu não estou aqui para evitar os automatismos. Eu falo meu nome como se pudesse criar uma situação. Eu falo meu nome como se respondesse a uma réplica. Como se fosse, é este meu nome. É Maria por conveniência, como se fosse Maria é por necessidade intrínseca. Maria é um jogo de palavras. O nome não tem significado, mas tem referência no mundo. O nome significa o nome. Maria é Maria. E há um corpo correspondendo a ele. E o seu nome, qual é?

Marta – Meu nome é Marta, mas eu vou dizer meu nome de novo, com um forte motivo para ser dito.

Meu nome é Marta. Tenho menos de duas horas de possibilidades, antes da certeza. A certeza por enquanto é esta: número 40. As possibilidades são: a mulher serve ou não serve. Deixei meu marido há um ano. Meu marido me deixou há 11. Eu aguardo o resultado de exames médicos preocupantes. Do resto do percurso eu não me lembro. Eu tenho medo de tudo, mas o grande medo é o da morte. Ou o do amor? Pergunto ao meu oráculo: estou viva? Ele sempre me responde: ainda sim! O sim me afirma, o ainda me nega. Estou apaixonada por uma florada de cerejeiras, eu que pensei tivesse deixado tudo isso para trás.

Sabe, eu escrevo poemas, eu traduzo poemas. Acho que eu tenho um aqui na bolsa, o último que eu traduzi, é um poema do Ron Padgett, um poeta americano. Eu gosto, sabe, de traduzir poemas. Onde ele está mesmo? Essa bolsa cheia de coisas! Até quando vou precisar carregar tudo isso? Até quando? Espelho, batom, carteira, cartão do estacionamento, celular, escova de dentes, óculos escuros, esta foto com o meu filho naquele restaurante orgânico, este creme hidratante com retinol, esta água termal, esta lixa de unhas, este perfume, estes lenços de papel umedecidos, este corretivo para os olhos, estes comprimidos, este floral, este papelzinho, esta bolsinha, esta vida, esta vida, esta vidinha. Até quando eu

terei que carregar tudo isso? Achei. Vou ler ele pra você. O poema se chama...

Poema

Quando eu estiver morto e enterrado

eles vão dizer de mim:

“Nós nunca pudemos sacar

o que ele estava falando,

mas estava claro que

ele sabia muito bem

que o modernismo é um galho

que foi cortado há décadas”.

Adivinhe quem falou isso:

Mutt e Jeff

que pareciam tão bem apessoados

nos quadrinhos.

Eu gostava especialmente de seus bigodes,

e a sensação que passavam

de que Deus está de olho

a partir de alturas não televisionadas

e às vezes

arremete-se contra o chão.

Então há um tremendo impacto,

porque as moléculas de Deus

são simplesmente tremendas.

Maria – Eu concordo que as moléculas de Deus são simplesmente tremendas, uma moleculazinha desse tamnhozinho, ó, faz aquele estrago!

Marta – É, elas são. E que o modernismo é um galho que foi cortado há décadas também é algo verdadeiro. Mas dizem que eles replantaram e o negócio parece que brotou de novo. Era pra fazer fogueira, mas resolveram replantar, fazer renascer. Então, estamos aí, eternos tupis tangendo alaúdes.

Maria – Já disso eu não entendo, nunca tangi um alaúde na minha vida. Na verdade eu não tenho muito tempo. Eu não gosto daquela mulher com cabeça minúscula e um corpo enorme. Não concordo com ela. Por que não uma mulher com uma cabeça enorme e um corpo minúsculo?

Marta – O corpo da mulher nunca é minúsculo.

Maria – E a cabeça da mulher, nunca é maiúscula? Você só traduz poemas? Ou escreve outras coisas também?

Marta – Eu tentei escrever uma peça de teatro, só que não deu certo.

Maria – Por que não?

Marta – Ah, porque eu comecei a escrever poemas, mas as pessoas queriam uma coisa pra ir pra cena, pros atores falarem, tinha que ser algo enunciável. E tinha palavras que não davam certo pra um ator enunciar, tipo “matéria inane”, “tu eras”, coisas antigas assim. Tinha que ter personagens conversando, com palavras cotidianas, diálogos dinamizados, mas os personagens tinham que ter fortes motivos para dizer o que dizem. Eu ficava pensando em fortes motivos para dizer algo e não consegui, faltou o objeto. Eu não conseguia completar a frase. Ninguém entendeu. Olhei no espelho e perguntei: estou viva? E ele disse: ainda sim! Por isso entrei nessa loja, para encontrar um vestido, com uma flor só, a haste alongada, uma flor destacada do ramo, um vestido de qualquer cor, mas número 40, sempre. Disso eu tenho certeza. Eu não estava passando muito bem quando cheguei aqui, porque estou apaixonada por floradas de cerejeira, que duram uma semana, uma exalação, ah!, isto não é nada fácil. Eu mesma, quantas semanas ainda? E você me tratou com tanta atenção, trouxe-me um vestido lindo, número 40, que me serviu perfeitamente bem. Isso me deu a certeza de que ainda estou viva e de que a doença está apenas lá dentro.

Maria – Eu gostei da senhora. A senhora tem as mesmas possibilidades que eu, no fundo, a mesma certeza também. Vamos morrer, né, essa a certeza, ainda que a numeração não seja a mesma. Daí nós duas atracadas no sujeito, pensando: posso servi- lo? Isso tudo é porque vamos morrer. É essa pressão que faz a gente amar. Dizem: “Faça amor, não faça a guerra.” Isto é fácil. Mas nós, nós fazemos amor na guerra. Ah!, O melhor amor do mundo, feito da urgência de sobreviver. Isto não é nada fácil. O oráculo não mente, mas não diz toda a verdade. Só responde o que perguntamos. Estamos vivas? Ele responde: ainda sim. Mas esta não é toda a verdade, porque a pergunta é parcial. A outra parte é a morte.

A senhora está melhor agora? Quer mais um copo d'água? Ainda está apaixonada?

Marta – Estou melhor sim, obrigada, ainda apaixonada, sim, obrigada. Maria, agora você pode me chamar de Marta, tá. Porque embora os nomes não tenham significado, eles apontam para uma coisa no mundo, que, no caso, somos nós, dizendo: ei vocês duas aí, Maria e Marta, vocês existem. Creio que isto é relevante a este ponto do nosso diálogo. Além disso, a este ponto do diálogo eu estou precisando de maior intimidade.

Maria – Tá bem. Que difícil agora achar que a senhora tem nome. Não é um pouco artificial isso?

Marta – É, mas todo nome é artificial. É uma convenção. E pensar que Deus criou tudo isso aqui só dando nomes às coisas. Homem, mulher, céu, terra, dia, noite, lagartixa! Tudo nomes, nomes, mais nada. Elimine os nomes, e toda a criação desaparece.

E agora que chegamos neste patamar, onde nós não estamos fazendo “como se”, sabendo nossos nomes, atracadas como estamos no sujeito, eu pensei em dizer aquele poema pra você, Maria, aquele que tem aquelas palavras impronunciáveis, matéria inane, tu eras. É um texto impossível de estar em uma peça, de ir para a cena. É só um poema para dois elementos, que dançam em círculos em torno de si mesmos. Ele está ainda apenas em numa folha de papel, silente, mas eu gostaria de dar voz a ele. Eu posso recitá- lo?

Maria – Sim, senhora, estou curiosa para ouvi-lo.

Marta – *Não, este poema não pode ser recitado. Este poema não será enunciado, ele foi censurado, ele não tem palavras enunciáveis na cena, a cena não aceita que alguém diga: matéria inane, tu eras. A cena silencia este poema. O poema fala sobre o encontro do vento e do fogo, que criam o mundo inteiro, que inflamam o mundo de espírito, na medida em que o consomem. É um poema de amor, um poema sobre a matéria inane, que só por ser inane, pode ser incendiada pelo fogo do espírito. É um poema inadequado. É um poema antigo. É um poema ultrapassado. É um poema religioso. É um poema erótico. É um poema extático. É um poema sem realidade. É um poema que merece ser censurado. É um poema que jamais deve*

ser pronunciado. É um poema que deve ser calado. É um poema que merece ser eliminado. É um poema indecente. É um poema que avulta. É um poema falso. É um poema artificial. É um poema que ninguém entende. É um poema que ofende. É um poema elitista. É um poema sem razão. É um poema sem emoção. É um poema apolítico. É um poema vazio. Nesse vazio nada é dito. Cala a boca, poema! A cena quer palavras que possam ser ditas, não palavras que não possam ser ditas. Aqui este poema não pode existir. Fora, poema! Em respeito ao público e à dramaturgia, em respeito à arte e às vanguardas, em respeito a todas as revoluções, em respeito à linguagem e ao teatro contemporâneo, em respeito à fábula e à desconstrução da fábula, foi sentenciado o banimento definitivo deste poema que falava de uma união mística entre o vento e o fogo. Que esse poema procure uma nova terra, que ele vague por todos os mares, que ele pereça em um navio negreiro, que ele peça asilo em terra estrangeira, que ele tente sobreviver na ilegalidade, que ele se torne escravo, que ele seja pegado pela polícia, que ele seja deportado, que ele se mate a caminho de seu país. Poema, ame a cena ou deixe-a! O poema foi deportado para um campo de extermínio. O poema foi exterminado em Treblinka. A cena está livre do poema estranho, a cena se mantém pura, com palavras autóctones, a cena não tem palavras estrangeiras, a cena fala apenas a sua língua, a cena não tem mistura, a cena tem pureza, a cena não foi degenerada, a cena está íntegra. A cena acima de tudo!

Maria – Matéria inane? O que é isso?

Marta – Inane significa vazio – a matéria vazia que é inflamada pelo espírito. Eu gosto dessas coisas. São coisas religiosas. Mas não é algo moderno, muito menos contemporâneo. Além disso, não é próprio para a cena, é coisa de mulher medieval, porque, você sabe, essas coisas místicas são coisas típicas de literatura feminina, desde Tereza de Ávila. Detesto, Maria, detesto, essa história de literatura feminina, é mais uma coisa que inventaram pra desqualificar o que a gente escreve, mas é inevitável. Escrever sentada na condição de mulher é inevitável. Se eu escrevesse de pé, isso seria inevitável, eu seria uma mulher escrevendo de pé. “A noite toda, o dia todo, o corpo intervém”. E, no meu caso, é o corpo de mulher que intervém. Mas eu vou guardar esse poema, quem sabe um dia eu o proponho como uma partitura para uma dança derviche, e assino

com um pseudônimo masculino, bem impactante: Jalaladim Rumi, homônimo do poeta persa Jalaladim Rumi. São lindos os poemas dele, você conhece? São poemas místicos.

“O Amante está para sempre bêbado do Amor,
Ele é louco
Ela é livre
Ele canta com gozo
Ela canta com êxtase
Pegos por nossos próprios pensamentos
Nós nos preocupamos com tudo
Mas uma vez que ficamos bêbados daquele Amor
Tudo o que será, será.”

Maria – É bonito sim. Mas inane realmente não é uma palavra que dá certo de ser dita num palco: inane, inane, matéria inane. É muito filosófico isso, muito antigo, ninguém usa. Eu não ia gostar de uma peça que tivesse essas palavras. Mas essa história de vento e fogo, eu gostei, sabe. Que labareda! Que encontro desses dois, né?

Marta – É, é um encontro sim. É bonito. A gente passa a vida buscando um encontro assim.

Maria – Eu senti um certo tesão até pensando naquela união mística de vento e fogo. Deve ter sido o ó.

Marta – Que bom. Então você entendeu bem.

Maria –

Ela prova um novo vestido. Ela se distrai com isso. Ela olha a etiqueta antes de vesti-lo. Ele é número 40. Ela é número 40. Ele serve. Ela serve nele. Ela está feliz. Esse instante em que as circunstâncias não nos constrangem. Ela enuncia em silêncio:

Ao entardecer de inverno
O azul escuro envolve
o mundo em um abraço frio e bonito
A imagem de um avião que decola
Imagen acho que de um filme, de um sonho
Pois não era meu olho que via
Imagen daquelas que acorda
Coisas tipo nuvens dentro da gente Coisas sem nome, imagens, imagens
Daquelas que são lembranças
do lugar de onde vim
visto por uma fresta de instante.
Um sentimento escondido
Não lhe darei um nome
Conta-me que voei e estive muito longe
levada por minhas próprias asas
azuis, ou eram de um anjo?,
e que era o mundo aquele mistério azul escuro que vi
das alturas de meu coração
E eu mesma era um sobrevôo de um sonho
por uma fresta de instante voltando ao lugar de onde vim.

Quarto movimento

Maria – Senhora, a senhora não acha que deveríamos voltar aos gestos e ao ambiente, nos localizar com maior precisão na mise-en-scène? Afinal, isto aqui é uma boutique, eu sou uma vendedora, a senhora está aqui à procura de uma peça número 40. É preciso se comprometer com a fábula, garantir a coerência. Isso aqui já desandou de um modo! Ficamos atracadas uma na outra. E os papéis, e a objetividade, e a coerência? Depois dizem que não nos entendem. E com toda razão!

Marta – Maria o que você acha deste outro aqui que eu estou provando agora? Bonito?

Maria – Serviu perfeitamente. Bonito, lindo. Melhor que o outro. Quanto tempo a senhora tem mesmo?

Marta – Agora, menos de duas horas, bem menos, bem menos.

Maria – É que tô aqui pensando naquela palavra, “inane”. Realmente, uma palavra bonita, mas...

Marta – Vazia?

Maria – É

Marta – Maria, por favor, tente desabotoar esse vestido aqui.

Maria – Eu nunca escrevo assim, sabe, matéria inane, tu eras...

Eu tiro o seu vestido. Agora será preciso que ela fique inteiramente nua. Porque sempre que falamos de roupa, é de nudez que falamos. A roupa é a nudez que tememos. A roupa é o frio que temos. A roupa é a vergonha que ocultamos. A roupa é o desejo que negamos. A roupa é a camada de história que pomos por cima da condição humana. A roupa é o que tiramos por último, antes de amar e antes de morrer. A roupa é o último vestígio de linguagem sobre o nosso silêncio fundamental.

Marta – Ah, então você escreve...

Maria – Eu escrevo, sim, não tenho muito tempo, mas eu escrevo. Eu escrevo coisas curtas.

Marta – Você pode me mostrar alguma coisa que você escreveu?

Maria – Posso.

Quero uma palavra
que seja uma pedra
não preciosa
não nada
uma pedra bruta
daquelas certeiras

para ser atirada
na cabeça de Golias
e aniquilá-lo.

Marta – Bem suscinto, direto ao ponto. Por que será que a gente ainda escreve coisas? Tanta calamidade acontecendo no mundo, e a gente escrevendo coisas, atirando pedras em cabeças de Golias por aí. Isso, no tempo do velho testamento, em que um patriarca usava bodoque para derrotar um gigante, ainda tinha sentido. Mas agora, em que tudo pode desaparecer neste exato instante numa explosão atômica, de que vale a poesia? Você viu que proibiram aquela exposição em que um homem aparecia nu? Só faltava essa. Estão proibindo tanta coisa ultimamente. Eu tenho um filho gay, ele está desesperado com tudo. Mas ele sabe ser discreto, vai sobreviver. Não sei se todos irão, mas ele vai. Os judeus são bem treinados nisso, em sobrevivência, sabe, embora mesmo assim às vezes sejamos exterminados aos milhões.

Maria – A senhora é judia?

Marta – Sou, mas isto realmente não muda nada, uma informação desnecessária, que não precisaria estar aqui.

Maria – Que coisa, né, vendo a senhora sem roupa aqui, uma senhora tão fina, e tão igual a mim nesta nudez igualitária, eu me lembrei de São Francisco, que abandonou a riqueza e a fama e optou por ser pobre. Queriam proibir ele de ser pobre, quase foi pra fogueira, esse santo. Estão proibindo tanta coisa ultimamente, principalmente de sermos pobres, ser pobre voluntariamente sempre foi um escândalo revolucionário. Mas veja, isso já desde o século XII, quando São Francisco decidiu ser pobre, e até muito muito antes, já proibiam as pessoas, já era escândalo ficar pelado, querer ser pobre então, sempre foi motivo de fogueira. A pobreza avulta a riqueza. A nudez avulta a civilização. Mas é tudo tão relativo! Se a senhora aparecesse no século XXI aqui no Brasil pelada como está, em um palco, iria pra fogueira também. O pai de São Francisco era comerciante de tecidos finos, aí o filho tira toda a sua roupa de burguês no meio

da praça da cidade, fica pelado, pelado, e diz: “olhai os lírios do campo, eles não tecem nem fiam, ainda assim o Senhor os vestiu com a mais fina veste”. E fica ali pelado, pra todo mundo ver que os tecidos de ouro do pai dele não valiam nada, nada. Ele faz uma coisa acontecer de fato, uma revolução, na verdade, uma revolução que foi tirar a roupa. Pense! Nem foi preciso pegar em fuzis como os filhos da Senhora Carrar. Quanta coisa uma roupa carrega! Agora, eu fico pensando, estar pelado em uma praça pública no século XII é o mesmo que estar pelada como a senhora está pelada nesta boutique no século XXI? Aliás a senhora tem seios bem bonitos pra sua idade. A senhora fez plástica? O seu marido deixou a senhora por que?

Marta – Eu amamentei meu filho por quase um ano. É um menino muito saudável, quando era criança não ficava doente por nada. Ficou um rapaz forte. É homossexual, mas não vai ser exterminado, como aqueles que eram judeus em um certo momento da história. Além disso, sempre sobram alguns para continuar a espécie.

Quando meu marido se foi eu fiquei como uma casa vazia, sabe. Mas eu fui sendo esvaziada aos poucos. Quando vi, eu não tinha nem mais onde me sentar. Não, eu não fiz plástica. São os originais.

Venha aqui, ponha a sua mão aqui, no meu seio esquerdo. Aqui, você sente?

Maria – Uma bolinha?

Marta – Sim uma bolinha, uma protuberância, como os médicos gostam de dizer, uma alteração a ser investigada. Mas como é possível amar e estar doente, amar e estar condenada à morte? Estou sendo puxada em duas direções opostas e sentindo cada membro, cada órgão, se romper. Que dor! Essa nudez mostra que eu tremo, de medo, de frio, de amor? Essa nudez mostra a doença lá dentro, essa nudez mostra a morte a caminho? Não mostra, não mostra. Todos apenas vêem que seios bonitos eu ainda tenho e se perguntam se eu fiz plástica e por que meu marido me deixou. É que a boutique é um lugar privado: a nudez aqui é só um intervalo entre um traje e outro. O problema é a nudez pública.

Essa sim, causa desordem, altera tudo, liberta. Mas sermos públicas como mulheres já leva a coisa toda pra um outro lado. Além disso a nudez de São Francisco era para dizer: quero ser pobre, fora tecidos finos, fora riqueza! Era uma coisa de alguém que afrontava aquela sociedade de belas vestimentas, era uma nudez política. E de repente alguém rejeitou ser rico e disse: “há como viver sem isso pelo qual vocês dão a vida e matam uns aos outros. Vocês se matam não porque precisam, mas porque querem. E isto pelo qual vocês se matam, eu recuso, eu tiro de mim. Olhai os lírios do campo!”

A minha nudez privada, ao contrário, aqui nessa boutique feminina, o que ela pode mover? Francisco desnudou o mundo ao ficar nu, já eu, no máximo, só desnudo a mim mesma neste lugar feminino, sem valor político, sem revoluções possíveis. Minha nudez, de um ponto de vista pragmático, é uma mera ausência de um vestido número 40. De um ponto de vista existencial, é uma exposição desta bolinha aqui, desta protuberância a ser investigada.

Maria – A nudez de São Francisco nos diz que a gente não vai levar nada dessa vida. Vestidos ou nus, vamos morrer, e nosso corpo vai feder, se decompor, desaparecer. É clichê, mas ninguém lembra disso, se lembrasse não seria clichê. A nudez da senhora diz a mesma coisa que a nudez de São Francisco. Neste sentido o corpo nu de um homem, numa praça pública de Assis na Itália, no século XII, e o corpo nu de uma mulher em uma boutique feminina em qualquer lugar do mundo do século XXI se equivalem, os dois são pó, nada, matéria inane.

Marta – Agora matéria inane se tornou uma expressão que pode ser enunciada na cena, com um forte motivo para ser dita. Ela corresponde a este corpo aqui, que representa todos os corpos, do século XII ao século XXI, e também antes e depois disso. Maria, me ajude agora a me vestir, por favor. Ainda é necessário. Que horas são?

Maria – Quase 7!

Marta – Eu preciso ir. Agora tenho apenas poucos minutos de possibilidades

antes da certeza. Você, Maria, não conseguiu se acostumar a me chamar pelo nome, né. É incrível como essas hierarquias são intransponíveis, mesmo na ficção. Os nomes não significam nada, e ainda assim você não consegue pronunciar o meu, porque uma intimidade entre nós não é verossímil, jamais será. De alguma maneira cumprimos os papéis. Você me serviu, o vestido me serviu, eu servi nele, eu servi a tudo. Pode embalar, por favor, irei levar esse aqui. Antes da certeza, ainda há algumas possibilidades de usá-lo.

Maria – Mas a senhora melhorou? O copo d'água com açúcar ajudou?

Marta – Sim, eu melhorei sim. Consigo caminhar até o consultório do médico. É bem próximo.

Maria – E a senhora continua apaixonada?

Marta – Sempre, eu que pensei que tivesse tudo isso deixado para trás!

Maria – As flores de cerejeira.

Marta – Duram uma semana. Ainda assim, nos apaixonamos, caindo uma por uma em pedacinhos rosa de nós mesmas. Por que? E temos menos, bem menos de duas horas para viver tudo. Ah!

Maria – Aqui, o seu vestido embalado. Preciso só registrar os dados da senhora em nosso cadastro de clientes. Sexo: Feminino. Flor predileta: Uma flor só, haste comprida, destacada, ainda não guilhotinada. Batom: vermelho.

Marta – Perfeitamente. Além disso, anote aí, por favor:

Francisco

“Francisco José Craveiro de Carvalho (Portugal). Licenciou-se em Matemática na Universidade de Coimbra. Doutorou-se, mais tarde, com uma tese em Topologia e Geometria, sob a supervisão de Stewart Alexander Robertson, Southampton University, U. K. Assume uma posição de alguma marginalidade

em relação à divulgação daquilo que escreve. Traduziu poemas de Carl Sandburg, Jane Hirshfield, Jennifer Clement, Linda Pastan, Rita Dove..., publicados em opúsculos discretos, que circularam entre os seus amigos.”

acho muito bom

acho muito bom

que Francisco José Craveiro de Carvalho (Portugal) exista entre a matemática, a topologia e a tradução de poemas assumindo a posição de alguma marginalidade em relação à divulgação daquilo que escreve

acho muito bom

circular entre os amigos
em opúsculos discretos
entre os amigos
discretos
diretos
secretos

Francisco José Craveiro de Carvalho (Portugal)
não é uma ficção
é uma tradução
de um poema
entre a Topologia e a Geometria
fazendo círculos
concêntricos
em torno de seus amigos
já longe da supervisão
de Stewart Alexander Robertson, Southampton University
muito prazer, Francisco José Craveiro de Carvalho (Portugal)
muito prazer mesmo
é sempre preciso alguma marginalidade
alguma, não toda
para circular entre os amigos

em opúsculos discretos
assumindo a posição
fundamental também é assumir-se
na topografia de alguma geometria
discreta
entre os amigos
opúsculos
com licença, amigos,
preciso escrever-lhes
a todo momento
em que
em minha vida eclode
o problema da quadratura do círculo
proposto por por Anaxágoras (499-428 a.C.)
isto, é,
preciso escrever-lhes a todo instante
para ajustar as formas
sem cálculos
perdoem-me e leiam-me!
já em relação à divulgação daquilo que escrevo
assumo a posição
de alguma
marginalidade
matematicamente
discreta
traduzindo poemas
de Heine, de Ron Padgett e também de mim mesma
em todo o caso
longe da supervisão
de Stewart Alexander Robertson, Southampton University
opúscula
circulo
entre meus amigos discretos
em alguma
(não toda)

marginalidade.

Maria – É suficiente, senhora. Seus dados estão todos cadastrados aqui. No mês do seu aniversário a senhora terá direito a uma linda nécessaire. Volte sempre. É um prazer servi-la.

Marta – Agradeço a sua atenção nestas menos de duas horas de possibilidades antes da certeza, Maria. Por sua gentileza e prestatividade, deixo para você aqui discretamente um opúsculo, contendo traduções de poemas feitas por mim. Espero que você goste.

Maria – Muito obrigada, senhora. Irei lê-lo com prazer. Espero tê-la servido bem, em alguma (não toda) marginalidade.

Marta – O prazer foi meu por ter servido nesta peça número 40.

Marta e Maria – Servimos bem para servir sempre!

Marta – Estamos vivas?

Maria – Ainda sim.



PEQUENO INVENTÁRIO DE IMPROPRIEDADES

MAX REINERT

NESTE "PEQUENO INVENTÁRIO DE IMPROPRIEDADES", DO DRAMATURGO CATARINENSE MAX REINERT, TEMOS A EXPLORAÇÃO DA SORDIDEZ OCULTA NAS AÇÕES COMEZINHAS DO COTIDIANO DE UM CIDADÃO COMUM. ESTE COTIDIANO BANAL É ALTERADO RADICALMENTE PELA AÇÃO DA VIOLENCIA URBANA, QUE TRANSFORMA ESTE HOMEM COMUM EM UM HERÓI, ATRIBUINDO UM NOVO SENTIDO À SUA ANÓDINA EXISTÊNCIA. ESCRITA EM 2009, A PEÇA ADQUIRE NOVOS MATIZES NO CENÁRIO ATUAL BRASILEIRO, EM QUE A APOLOGIA DA VIOLENCIA NA ESFERA POLÍTICA TRANSFORMA HOMENS BOÇAIS EM HERÓIS, TORNANDO A BANALIDADE DO MAL E O CULTO À IMBECILIDADE OS ELEMENTOS PRINCIPAIS DO NOVO PARADIGMA DAS AÇÕES NA ESFERA PÚBLICA.

MAX REINERT É CATARINENSE DE NASCIMENTO E TEM SUA FORMAÇÃO LIGADA FORTEMENTE À HISTÓRIA DA TÉSPIS CIA. DE TEATRO, GRUPO QUE PERTENCE DESDE SUA FUNDAÇÃO EM DEZEMBRO DE 1993. DIRETOR ARTÍSTICO DA COMPANHIA DESDE 1999, DIRIGIU ESPETÁCULOS COM OS QUais PARTICIPOU DOS PRINCIPAIS FESTIVAIS DE TEATRO DO PAÍS E, ALÉM DISSO, JÁ SE APRESENTOU EM PORTUGAL, VENEZUELA, CHILE, PARAGUAI E ARGENTINA, CONQUISTANDO MAIS DE QUARENTA PRÊMIOS DENTRE OUTRAS INÚMERAS INDICAÇÕES. EM 2013 LANÇA O LIVRO "PRIMEIRAS OBRAS", PELA EDITORA MULTIFOCO (RIO DE JANEIRO) DENTRO DO SELO DRAMATURGIAS, COM CURADORIA DA REVISTA VIRTUAL QUESTÃO DE CRÍTICA.

Cena 01

(Homem sentado em uma cama. As pernas pendendo para fora. Movimenta-se pouco)

Abro os olhos (pausa)

Lentamente começo a acordar

Minha perna escorrega suavemente para fora da cama (pausa)

Primeiro uma (pausa)

Depois a outra

As panturrilhas pendem para fora do colchão

- Mais um dia! - digo (pausa)

Mais um dia

Levanto. Vou ao banheiro. Escovo os dentes. Lavo a cara

A água gelada me incomoda

Não tomo café...

Eu nunca tomo café

Não fumo. Não tenho vícios

Coloco uma cueca limpa. Me visto

Desodorante. Perfume

Me olho no espelho. Estou pronto

Vou até a porta. Seguro a maçaneta fria

Giro

Abro a porta

A claridade me incomoda

Caminho

Caminho

Caminho...

Ponto de ônibus

- Poderia ter acontecido dentro do ônibus... - penso

O ônibus chega

Não tomo o ônibus

Caminho

Caminho...

Chego a uma avenida

Grande. Imensa. Ruidosa. Barulhenta

Melhor não...

Tomo o ônibus

Sento em um dos bancos do fundo

Durmo

Quando abro os olhos vejo as pessoas olhando pra mim

Fecho os olhos

Minha perna escorrega para fora da cama. Depois a outra

- Mais um dia!

A água gelada me incomoda

Eu nunca tomo café. Não tenho vícios

Levanto

A claridade me incomoda

Caminho

Chego à garagem.

Ligo o carro. Ligo o rádio. Escuto as notícias
Me informo do tempo
Me informo da economia
Sou um habitante economicamente ativo
Leio o jornal. Pago minhas contas

(acelerando a fala gradativamente) Tenho uma alimentação baseada em uma dieta rica em vegetais, frutas e grãos. Como pouca gordura, colesterol e gordura saturada. Uso açúcar com moderação. Uso sal com moderação. Eu aprendi que para manter uma alimentação saudável não preciso largar as comidas e bebidas prediletas. Aprendi a balancear minha alimentação. Aprendi a acomodar meus alimentos preferidos e saborear as refeições enquanto promovo minha saúde. Aprendi que devo preferir alimentos como massas, arroz, grãos, pães, cereais; vegetais; frutas (pausa)

(Retorna com rapidez) laticínios com pouca gordura; carne magra (pausa) frango (pausa) peixe (pausa) legumes. Eu aprendi que essas comidas são a estrutura para uma dieta saudável. Não há alimento “bom” ou “ruim”. Minha dieta como um todo é que é importante. Não há alimento “bom” ou “ruim” (pausa)

Não há “bom” ou “ruim” (pausa)

Não há (pausa)

Dirijo em direção ao trabalho. Ligo o rádio
Sou um habitante economicamente ativo
Sou capaz de limpar minha própria sujeira
Sou capaz de não deixar pistas
Sou capaz. Sou gentil. Sou educado
Sou capaz. Sou gentil. Sou educado (pausa)
Educado

Chego ao trabalho. Cumprimento as pessoas. Sorrio

Sou e - du - ca - do

Sou popular. Sou querido pelos meus companheiros de trabalho
Acredito no convívio pacífico

Acho todos um bando de idiotas

Uma mulher com cabelos vermelhos vem em minha direção
Me cumprimenta. Me pergunta coisas
Ela sorri. Eu sorrio. Nós (pausa) sorrimos

Presto atenção em sua boca movendo-se perto de mim
Não escuto o que ela fala
Ela me pede algo. Eu não escuto

Abro uma gaveta da minha mesa. Não há nada. Só uma faca
Aprendi a balancear minha alimentação. Aprendi a acomodar meus alimentos preferidos e saborear as refeições enquanto promovo minha saúde
Não há alimento “bom” ou “ruim”
Carne magra, frango, peixe e legumes
Não há alimento “bom” ou “ruim”

A mulher de cabelos vermelhos continua falando
Seu batom está borrado no canto da boca
- Será que ela beijou alguém antes de vir falar comigo? - penso
(grita) - A senhora não cala a boca nunca? (pausa) - penso
A gaveta aberta e a mulher ali na minha frente
A boca da mulher
Os seus cabelos vermelhos
Caindo sobre o pescoço

Abro os olhos
As panturrilhas pendem para fora do colchão
Me olho no espelho

Estou pronto
Vou até a porta
Caminho
Caminho
Caminho...
Não tenho vícios
Minha dieta como um todo é que é importante
Eu aprendi
Sou educado
Eu sorrio
- O dia está apenas começando... - penso
- Mais um dia! - digo (*pausa*)

Mais um dia

Cena 02

(O mesmo homem sentado na cama, as pernas pendendo para fora. Usa uma cabeça de cavalo sobre a sua. Olha para os lados. Olha para o chão. Estica a perna para tocar o piso. Encosta a ponta dos dedos no chão. Encolhe rapidamente as pernas. Volta a sentar na beirada da cama)

Cena 03

(O mesmo homem. Gesticula exageradamente)

Acordei naquela manhã como em todas as outras manhãs da minha vida
Nada indicava que aquele dia seria diferente de todos os outros
A mesma preguiça
As mesmas providências
O mesmo café da manhã
O mesmo beijo sem graça na mulher sem graça

Uma vida de merda, para ser exato!
Saí de casa atrasado, como de costume
Peguei o ônibus, atrasado, como de costume
Levava a vida no atraso, como de costume
- A gente se acostuma com tudo
diz uma frase que eu tinha ouvido em algum lugar
Era verdade
Eu havia acostumado com a minha vida, de merda, para ser exato

No ônibus a mesma incomodação de sempre
Muita gente, gente demais
Ônibus velho e lotado

Gente suada, às 7 da manhã
Gente dormindo e babando, às 7 da manhã
Gente sem perspectiva, às 7 da manhã
Gente como eu, com uma vida de merda, para ser exato

Na saída do trabalho foi que aconteceu

Eu passava por uma praça cheia de gente, não percebi que algo anormal estava acontecendo. Quando me dei conta vi um policial correndo na minha direção. Ele me olhava espantado. Não consegui entender o que acontecia. Ele gritou alguma coisa. Jogou-se em minha direção e eu consegui ver o exato momento em que uma bala de revólver acertou seu pescoço

Seu corpo caiu sobre o meu. Na verdade, caímos juntos
Eu não esperava por aquele peso sobre mim
Mas ainda tive tempo de olhar em seus olhos e perceber um desbotamento ocorrendo
Ele perdia a cor dos olhos, enquanto perdia a vida

- Será que ele também tinha uma vida de merda como a minha? - pensei

Ouvi uma senhora gritar
Achei que ela gritava por causa da morte do policial, mas não
Levantei os olhos e vi dois homens correndo em minha direção
Estavam armados

Pensei em sair correndo
Pensei em levantar e oferecer meu corpo em sacrifício
Seria a chance de me livrar da vida de merda que levava
E ainda sairia como um herói que morreu lutando contra bandidos para salvar a
vida de uma senhora inocente

Se é que ainda existe alguém inocente no mundo...

Agi por reflexo
Não foi um ato heróico

Juntei a arma do policial que havia acabado de morrer por mim. Não pensei
Apenas empunhei o revólver, apontei para os homens que eu não sabia quem
eram e contrai o dedo indicador

Uma...
Duas...
Três...

Oito vezes

A população em volta me olhava estarrecida
Deixei o revólver cair e fiquei estático. Não sabia o que estava acontecendo
Aos poucos, o mundo começou a se mover ao meu redor
Alguns policiais vieram na minha direção. Fizeram milhares de perguntas
As redes de televisão apareceram. Todos queriam falar comigo
A senhora que estava próxima de mim chorava, me agradecia
O mundo inteiro virou uma grande confusão

Três horas depois fui levado pra casa
Minha mulher, aflita e sem graça
me beijou com uma paixão que há muito tempo eu não via
Meus filhos me olhavam incrédulos, estavam admirados

PAPAI É UM HERÓI

Depois de um tempo os vizinhos foram embora
Meus filhos e minha mulher foram dormir
Alguém avisou do trabalho que eu não precisava ir no dia seguinte.
Meus chefes tinham visto o acontecido pela TV e me deram três dias de folga

Eu?

Eu não consegui dormir
Fui para a sala e fiquei sentado no sofá

(o homem para de se mover e olha para a própria mão)

Apenas um movimento do dedo indicador
Uma pequena contração do dedo indicador
E o mundo ficou cheio de possibilidades

Cena 04

(O mesmo homem. Tresspassado)

Puxas profundamente o ar pelo nariz
Faz força para que os pulmões continuem funcionando
Uma sensação de completude te atinge no meio da tarde
Não sentes medo.

Nunca mais sentirás medo
Nunca mais sentirás nada

E assim eu fiquei
Insensível
Meu corpo parou de sentir tudo que acontecia ao redor dele
Eu continuava vivo, mas não estava mais vivo
Seguia caminhando. Seguia comendo. Seguia vomitando. Seguia falando
Só não sentia
Mas não me compreendam mal: eu ainda tinha o tato
Eu ainda tinha visão e audição
Ainda tinha a capacidade de distinguir os gostos e os cheiros
Só não sentia

Dessa forma, não senti quando minha mulher cortou os pulsos
Não senti o corte e não senti falta dela

(lentamente saindo do transe)

Logo adiante encontrei outra namorada que, caso eu sentisse algo, diria que era até mais macia que minha mulher
A namorada de número 02
- vamos chamá-las assim para facilitar a compreensão –
A namorada de número 02 também se matou
Gás
E eu, nada
Nem uma tosse sequer

A número 03, décimo quinto andar do prédio
Não senti o impacto

Número 04, overdose

E assim poderíamos seguir por um bom tempo aqui contando

Meu pequeno inventário de suicídios amorosos
Se eu tivesse capacidade de sentir algo poderia pensar que era eu quem estava causando todos aqueles suicídios ao meu redor

Depois de um tempo, poderia começar a perceber também que algumas pessoas que eu conhecia estavam cometendo crimes:

Meu chefe número 01
- espero que já tenham entendido a numeração –
Meu chefe número 01 matou sua secretária
O chefe número 02 pôs fogo no prédio
O número 03 estuprou a secretária número 02
O número 04 cometeu outro suicídio amoroso
O número 05

Ahhhh
O número cinco

O número 05 adentrou a sala portando dois fuzis
Ficou durante horas falando coisas que eu não entendi
e nem fiz questão de entender
Depois homens vestidos de preto entraram pela mesma porta
e metralharam ele
Eu não senti
Nada

Estes mesmos homens me levaram até uma ambulância
disseram que eu estava em estado de choque

Eles disseram isso. Eu não

Mas achei que era uma boa resposta para todas aquelas mudanças de rostos ao meu redor

Era isso

Era isso

Era isso

durante toda a minha vida eu estive em estado de choque

Eu não era insensível

Eu estava em estado de choque

Insensível?

Não!

Estado de choque

Então eles me trataram

Me deixaram descansar

Por muito tempo.

Me deram pílulas

Me faziam conversar, mesmo contra minha vontade

Perguntaram sobre meus pais, sobre minha família, sobre minhas namoradas

Outras pílulas

Outras conversas

Outras tantas perguntas.

Outras famílias, outros pais, outras namoradas. O meu chefe

Falavam sobre tudo

Como eu dava todas as respostas que eles gostavam de ouvir e tomava todos os remédios que eles me davam, decidiram que eu era

saudável

Meu jeito calado era um sintoma pós-traumático

Se eu sentisse algo

deveria ter me dado conta de que eu devo ter sofrido um trauma

bem novinho

(pausa)

Se bem que isso...

não é verdade

Às vezes, quando estou dormindo, eu sonho

Eu sonho que um homem está segurando minha cabeça dentro de um vaso sanitário

Sua mão segura minha nuca

e ele segue me afogando. Com força

No sonho, os dedos dele seguram a raiz dos meus cabelos

Eu me debato. Mas ele é mais forte do que eu

Eu o ouço falando coisas que não consigo decifrar

E quando estou quase morrendo

ele me solta

Eu respiro aliviado

Olho para os lados

mas ele não está mais lá

Cena 05

(Durante o texto abaixo, o homem pega um balde com água e enfa a cabeça dentro. Com a própria mão segura a cabeça dentro do balde. Debate-se. Ao fundo, cavalos passam correndo. Suando, como no jóquei)

Voz feminina em Off:

Inspire profundamente

Responda com honestidade

Expira tranquilamente

Mesmo que alguma coisa lhe pareça inadequada
responda profundamente
Nunca pare de respirar
Inspire
Expira
Inspire
Expira

Adormece facilmente quando vai para a cama?
Costuma brincar com os dedos quando está sentado ou deitado?
Suspeita que há-de pagar um preço pelos prazeres que tem na vida?
Alguma vez desejou que a sua consciência o deixasse em paz?
Pensa que não merece o afeto das outras pessoas?
Sente uma grande necessidade de confessar coisas que fez após ter feito?
Pensa, algumas vezes, que precisa de um tranquilizante para se acalmar?
Sente-se, por vezes, desgostoso por causa dos seus desejos ou fantasias sexuais?
Pensa, por vezes, que desapontou os seus pais com a vida que levou?
Pensa com frequência que é um perdedor?
Quando se olha ao espelho fica contente com o que vê?
Suspeita que as pessoas não o olhariam mais se alguma vez descobrissem o seu «verdadeiro eu»?
A sua pele é muito sensível e macia?
Já alguma vez se interrogou sobre se alguém daria pela sua ausência caso desaparecesse da face da Terra?
Sente-se, muitas vezes, infeliz quando acorda de manhã?
Pensa que tem uma vida útil e que de alguma forma contribuiu com algo de positivo para o Mundo?

Responda com honestidade

(Retira a cabeça de dentro do balde. Inspira profundamente)

Existe no Mundo pelo menos uma pessoa que realmente o ame?

Expira
Existe pelo menos uma pessoa que o ame?
Expira
Existe alguém que o ame?

Expira
Existe?
(Enfia a cabeça dentro balde novamente)

Inspire
(Pausa)

Expira
(Pausa)

Inspire
(Pausa)

Expira
(Pausa)

Inspire
(Pausa)

Expire

(Pausa. Para de se debater com a cabeça dentro do balde)

Alguma vez pensou seriamente em se suicidar?

(Pausa. Retira cabeça de dentro do balde. Inspira profundamente. Tosse)

Cena 06

(O mesmo homem, deitando-se na cama)

Vem...

deixa eu por minha cabeça no teu colo...

fecha meus olhos, não pensa em nada...

deixa que a tua mão, passando pelos meus cabelos, leve embora todos os pensamentos ruins...

e os bons também...

deixe que a vida comece do zero...

apenas sinta...

sou eu...

e é você...

só...

sós...

nem mais, nem menos...

duas pessoas...

só...

sós...

sem passado...

depois você levanta e nos apresentamos novamente...

as primeiras conversas despretensiosas...

o primeiro olhar...

o primeiro sorriso...

o primeiro toque de pele...

a primeira vontade de beijar e ser beijado...

tudo de novo, como se fosse a primeira vez...

eu e você...

só...

sós...

e então construiremos nossos primeiros segredos...

e eu passarei pela primeira vez a tua mão no meu senho franzido...

e dormiremos pela primeira vez juntos...

e eu vou segurar a tua mão perto do teu peito...

e vou brincar com teu mamilo...

e vou beijar tua nuca...

e eu vou te trazer paz...

e você vai me devolver a minha paz...

só...

sós...

e cantaremos juntos...

e comeremos morangos...

e seremos novamente crianças...

só...

sós...

(Quando finalmente consegue deitar na cama, percebe suas roupas sujas de sangue. Black out)

Cena 07

(No escuro, um telefone toca, insistentemente)

Sórdido!
Canalha!
Filho da puta, corno, desgraçado!!!
Imbecil, idiota, grosso, mal amado, filho da puta!
Sujo, hipócrita, anão!
Viado, podre, filho da puta
Animal, verme, filho da puta
Filho da puta
Filho da puta
Filho da puta

Cena 08

(Homem sentado na cama, as pernas pendendo para fora. Usa uma cabeça de cavalo sobre a sua. Olha para os lados. Olha para o chão. Estica a perna para tocar o piso. Encosta a ponta dos dedos no chão. Encolhe rapidamente as pernas. Volta a sentar na beirada da cama. Ao fundo, cavalos passam correndo. Suando. Lentamente o homem retira a cabeça de cavalo. Inspira profundamente)

Cena 09

(Homem entra. O telefone segue tocando, insistentemente. O homem pede silêncio. O telefone para)

Toda as vezes em que abro os olhos imagino acidentes
Mortes
Coisas sangrentas
Desastres
Falta de ar
Catástrofes

Misérias
Torturas
dor
Um flash e vejo uma pessoa voando por uma janela
Um piscar de olhos e alguém está arrancando o coração de outro alguém
Uma bala perdida
Uma faca nas mãos
Um negro fudido
Uma bicha espancada
Alguém empurra alguém de uma escada
Alguém mata alguém em algum canto escuro da cidade
Alguém confunde alguém com um torturador/estuprador/assassino
Alguém sonha, em algum lugar, com alguma coisa
Alguma coisa que o ajude a se libertar da realidade
Alguma coisa que o ajude a se libertar da dor que sente
Alguma coisa
Alguma dor
Alguém
Não basta morrer e conter a dor para si
É necessário que a dor seja propagada
Transmitida
Disseminada
Contagiada
Epidemizada
Hereditarizada
A democratização dos pecados
A socialização das penas

Nos igualaremos todos através da dor
Caminhamos todos para o mesmo lugar
Caminhamos todos para o fim
O mesmo fim

(o homem sentado na cama, as pernas pendendo para fora. Olha para o público)

(luz cai em resistência)

(black-out)



CURADORES

LIGIA SOUZA OLIVEIRA

Lígia Souza Oliveira é dramaturga, crítica, professora e pesquisadora. Doutora em Artes Cênicas pela USP, com estágio de pesquisa em Literatura Francesa na Université Paris 8, mestre em Letras pela UFPR e graduada em Artes Cênicas pela UNESPAR/FAP. É especialista na obra do dramaturgo francês Valère Novarina. Já publicou as dramaturgias “encontros diários”, “personne” e “outros sons” e encenou “para ler aos trinta” e “herdeiras de antígona”. Escreveu capítulos teóricos nos livros: À Sombra do Vampiro; Catálogo da MITsp 2018; Revista Dramaturgias do Sesc Ipiranga e Teatro em Francês: Quando o Meio não é a Mensagem. É idealizadora do blog Habitando o Papel (www.habitandoopapel.blogspot.com) com críticas de dramaturgias publicadas. É coordenadora do Núcleo de Dramaturgia do SESI PR e professora no curso de Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná.

OTAVIO LINHARES

Otavio Linhares tem 41 anos e é natural de Curitiba. Ator e escritor, foi aluno do Núcleo de Dramaturgia Sesi-PR entre 2009 e 2012. Já trabalhou em diversas séries para a tv, longas e curtas metragens e peças de teatro. Tem três livros publicados e editou durante três anos a Revista Jandique – Literatura Curitibana. Como editor publicou nove livros de diversos autores do Brasil. Foi indicado ao prêmio Gralha Azul de Melhor Ator pelo espetáculo Habitue, em 2015, e seu último livro de contos

MARCELO BOURSCHIED

Marcelo Bourscheid é dramaturgo, diretor, tradutor e pesquisador teatral. Escreveu as peças Sobre amores e cigarros (2008), Antes do Fim (publicada pela Imprensa Oficial do Estado: 2010), Depois (Imprensa Oficial do Estado: 2011), Para o vampiro - Variações nº 1 e 2 (2012, coautoria de Marcos Damaceno), Entre dois continentes da morte (2012), Do cão fez-se o dia (2014) Ensaio para uma poética do movimento (2016) e A jangada voltou só (2019), dentre outras. Suas peças foram encenadas por companhias de todo o país, recebendo prêmios, estudos críticos e circulando por importantes festivais. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná, com pesquisa sobre dramaturgia e encenação teatral. Ministrou, entre 2009 e 2014, a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia SESI/PR. Tem atuado como professor de oficinas de dramaturgia e escrita criativa em diversas instituições, como o SESC, UFPR, UFSC, UDESC, UTFPR e Fundação Cultural de Curitiba. Atualmente integra o projeto Teatro de Segunda, é orientador do Núcleo de Dramaturgia do SESI – PR e Diretor de Extensão da Unespar.





ORIENTADORES E INTEGRANTES DOS 10 ANOS NÚCLEO DE DRAMATURGIA

2019

Coordenação: Ligia Souza Oliveira

Orientadores: Marcelo Bourscheid, Marcio Mattana, Olga Nenevê e Sueli Araujo

Direção de Produção: Núcleo Produção Cultura Desenvolvimento (Marcia Morares/ Greice Barros)

Integrantes:

Alan Norões; Beatriz Vasconcelos; Carlos Canarin; Fernando Loch; Gessé Malmann; Izabela Loures; Janaína Fukushima; Juliana Nortok; Sandoval Matheus; Thiago Dominoni; Val Salles; Vinicius Medeiros.

2018

Orientadores: Lígia Souza Oliveira, Marcelo Bourscheid, Olga Nenevê, Stephan Baumgärtel e Sueli Araujo

Direção de Produção: Núcleo Produção Cultura Desenvolvimento (Marcia Morares/ Greice Barros)

Integrantes:

Beatriz Ávila Vasconcelos; Francisco Mallmann; Giana Batista Guterres da Silva; Inés Gutiérrez; Jossane Ferraz; Maria Inés de Cárcova Gutiérrez; Matheus Freitas; Mia Bueno; Milena Plahtyn; Shirley Mossman de Oliveira; Thiago Dominoni; Vanessa Ricetti; Vinícius Medeiros

2017

Orientadores: Jé Oliveira e Stephan Baumgartel

Direção de Produção: Núcleo Produção Cultura Desenvolvimento (Marcia Morares/ Greice Barros)

Integrantes:

Augusto Cesar Nunes; Cecília Silva Villar; Diviane Helena de Oliveira; Eliza Pratavieira; Gabriela Valcanaia; Helen Kaliski; Helena Carnieri ; Heleno da Costa Rohn; Jéssica Alana Lopes Mendes; Juliana Partyka; Patrícia Saravy; Raquel de Oliveira Ribeiro; Sônia Procópio Cardos; Thiago Dominoni; Vanessa Carneiro Rodrigues

2015

Orientadores Dramaturgia: Roberto Alvim e Maurício Arruda Mendonça

Orientadores Encenação: Diego Fortes, Grace Passô; Georgette Fadel; Marcio Abreu;

Direção de Produção: Núcleo Produção Cultura Desenvolvimento (Marcia Moraes/ Greice Barros /Edran mariano /Mariana Freitas)

Integrantes Núcleo de dramaturgia:

Alana Rodrigues; Aline Rocha Rodrigues; Carol Damião; Cristiano Nagel; Daniele Cristyne da Rosa; David Arnaud Eseverri Formiga; David Mafra; Diego Gianni; Gabriel Dória Rachwal; Giovana de Salles Gregorio Ferrari Ogurtsova; Guilherme Junqueira; Joacir Baggio; Lucimara Gonçalves; Luis Gustavo Gonçalves de Souza; Luiza Barreto; Melanie Peter; Michael Frederico Paiva da Silva; Norma Caroline Demamann Müller; Patrícia Dias Creti; Thiago Dominoni; Ruandro Knapic

Integrantes Núcleo de encenação:

Darlei Fernandes; Diego Davoli; Eduardo Ramos; Muhammad El Chab; Paulo Alexandre; Talita Neves; Fany Magalhães

2014

Orientadores Dramaturgia: Roberto Alvim;

Orientadores Encenação: Georgette Fadel; Roberto Alvim; Marcio Abreu

Orientadora Interpretação: Juliana galdino

Direção de Produção: Núcleo Produção Cultura Desenvolvimento (Marcia Moraes/ Greice Barros /Edran Mariano /Mariana Freitas)

Integrantes Núcleo de Dramaturgia continuado:

Bruno Saling; Carol Damião; Claudia Brito; Cynthia Becker; Diego Duda; Edson Garcia; Francisco Mallmann; Guilherme Belotti; Joacir Baggio; Kétnyn Tayrini; Lú Gonçalves; Lucas F. Komechen; Patricia Creti; Paulo Renato; Ricardo Philippi; Viviane Gazotto

Novos Integrantes Núcleo:

Aleksandra Pluta; Ali Freyer; Alyne Rocha; Ângela Stadler; Bia Gonçalves; Cauli Fernandes; Enio Marques; Felipe Moreira; Karen Kings; Luan Maciel;

Luiz Dalazen; Mariana Raquel; Roger Batista; Serge Barroso; Victor Muzza

Núcleo de encenação:

Ana Johann; Anderson Caetano; Andrew Knoll; David Mafra; Eduardo Ramos; Gerson Deliano; Jean Godoi; Maíra Lour; Marcel Gritten; Max Reinert; Pablito Kucarz; Rodrigo Hayalla; Sócrates Fuzinato; Solange Rodrigues; Talita Neves; Thami Oliveira

Núcleos Interior do Estado:

Foz do Iguaçu; Irati; Londrina; Maringá; Campo Mourão; Ponta Grossa; Pato branco; Paranaguá

2013

Coordenação: Roberto Alvim

Orientadores Dramaturgia: Antônio Rogério Toscano; Roberto Alvim; Ruy Filho

Orientador Dramaturgia Novos Integrantes: Antônio Rogério Toscano;

Orientadores Encenação: Roberto Alvim

Direção de Produção: Rumo de Cultura /Diego Marchioro

Integrantes Núcleo de Dramaturgia continuado:

Adriano Carvalhaes; Alessandra Flores; Alexandre Lautert; Angelica Kauffmann; Carolina Damião; Claudia Brito; Cristiane Senn; Diego Fortes; Mauricio Diogo dos Santos; Don Correa; Fernando Meira; Isabel Mendes; Joacir Baggio; Léo Moita; Luiz Henrique Dias; Marcelo Bourscheid; Marta López; Martina Sohn Fischer; Paulo Zwolinski; Rogério Viana; Thiago Kescher; Viviane Gazotto; Cilene Tanaka; Kely Varella; Patrícia Cetri

Novos Integrantes Núcleo:

Andrei Medeiros; Bruno Lopes; Diego Duda; Diego Rocha; Dircei Lima; Edna Miranda; Edson Garcia; Élcio Di Trento; Fábio Gimovski; Fernanda Fuchs; Francisco Mallmann; Gabriel Vernek; Gregory Henrique Guimarães; Guenia Lemos; Guilherme Belotti; Guilherme Giublin; Kaliupe Sachet; Kenni Rogers; Raphael Rocha; Ricardo Philippi

Núcleo de encenação:

Alex Wolf; Betina Schlemer; Bruna Tavares; Carolina Meinerz; Cilene Tanaka; Cristiano Vicenti; Cynthia Becker; David Mafra; Estela Zardo; Gerson Delliano; Hermison Nogueira; Jonnhy Leal; Melissa Barbosa; Murilo Cesca; Solange Rodrigues; Talita Neves; Tiago Batista

Núcleos Interior do Estado:

Irati (ministrante Cynthia Becker); Ponta Grossa (ministrante Diego Fortes); União da Vitória (ministrante Angelica R. Kauffmann); Pato Branco (ministrante Marcelo Bourscheid); Guarapuva (ministrante Luiz Henrique Dias); Londrina (ministrante Don Correa); Maringá (ministrante Andrew Knoll); Foz do Iguaçu (ministrante Alexandre França)

2012

Coordenação: Roberto Alvim

Orientadores Dramaturgia: Antônio Rogério Toscano; Roberto Alvim; Ruy Filho

Orientador Dramaturgia Novos Integrantes: Antônio Rogério Toscano;

Orientadores Encenação: Roberto Alvim

Direção de Produção: Rumo de Cultura /Diego Marchioro

Integrantes Núcleo de Dramaturgia continuado:

Adriano Carvalhaes; Alexandre França; Aline Rocha Rodrigues; Ana Ferreira; Ana Johann; Andrew Knoll Pereira; Angélica Kauffmann; Claudia Brito; Cynthia Becker; Diego Fortes; Douglas Daronco; Eliane Karas; Emanuelle Sotoski; Fran Lipinski; Guilherme Cardim; Raquel Schaedler; Humberto Gomes; Jeane Hanauer; Joacir Baggio; Léo Moita; Lhaisa Andria; Lucas Komechen; Luciano Ramos Mendes; Luiz Felipe Leprevost; Luiz Henrique Dias; Ligia Oliveira; Marc Breyer; Marcelo Bourscheid; Marta López; Martina Sohn Fischer; Mauricio Diogo; Max Reinert; Murilo Lazarin; Neumar Michaliszyn; Otavio Linhares; Patrícia Kamins; Paulo Renato; Pretto Galiotto; Rodrigo de Oliveira; Silvia Monteiro; Viviane Gazzoto

Novos Integrantes Núcleo:

Alexandre Lautert; Bárbara Seger Zeni; Bruna Carolina Assagra; Carol Damião;

Cilene Tanaka; Cristiane Senn; Daniel Falkemback Ribeiro; Darlei Fernandes; Francisco Boeing; Gabriel Dória Rachwal; Guilherme Fernandes; Jean Carlos de Godoi; Júlio Cesar Marques; Kaliupe Sachet; Kely Varela; Patrícia Creti; Patricia Zalewska; Rafael Borges Ardiles; Rafael Pereira de Brito; Regina Bastos

Núcleo de encenação:

Anidria Soeli Zielinski; Eliane Karas; Franklin de Albuquerque; Gerson Andrade; Guto Pasko; Hyago Sarraff; Jean Carlos de Godoi; Nehru Moreira de Sousa; Mônica Braun dos Santos; Otavio Linhares; Pedro Henrique do Nascimento; Tadeu Perone; Pretto Galiotto

Núcleos Interior do Estado:

Pato Branco (ministrante Angélica Kauffmann); Ponta Grossa (ministrante Cynthia Becker); Londrina (ministrante Alexandre Gil França); Foz do Iguaçu (ministrante Luiz Henrique Dias); União da Vitória (ministrante Marcelo Bourscheid); Maringá e São José dos Pinhais (ministrante Diego Fortes); Guarapuava (ministrante Andrew Knoll)

2011

Coordenação e Produção: Marcos Damaceno

Orientador: Roberto Alvim

Integrantes Núcleo Continuado:

Ana Ferreira; Ana Johann; Andrew Knoll; Angélica Kauffmann; Alexandre França; Diego Fortes; Douglas Daronco; Eliane Karas; Humberto Gomes; Igor Schiavo; Janja; Ligia Oliveira; Luiz Henrique Dias; Luiz Felipe Leprevost; Luciano Mendes; Luiz Bertazzo; Max Reinert; Marc Breyer; Marcelo Munhoz; Marcelo Bourscheid; Milena Mizam; Manu; Nana Rodrigues; Olga Nenevê; Otavio Linhares; Patrícia Kamis; Paulo Renato; Pretto Galiotto; Sabrina Lopes; Silvia Monteiro; Socrates Fusinato; Joacir Baggio; Viviane Gazotto

Núcleos Interior do Estado:

Maringá e Londrina (ministrante Marcelo Bourscheid), Pato Branco e Foz do Iguaçu (Luiz Henrique Dias) Ponta Grossa e União da Vitória (Cynthia Becker)

2010

Coordenação e Produção: Marcos Damaceno

Orientador: Roberto Alvim

Integrantes Núcleo Continuado:

Alessandra Flores; Alexandre França; Andrew Knoll; Angélica Kauffmann; Claudia Brito; Douglas Daronco; Eliane Karas; Humberto Gomes; Joacir Baggio; Ligia Oliveira; Max Reinert; Marcelo Bourscheid; Nana Rodrigues; Otávio Linhares; Pagu Leal; Paulo Zwolinski; Patricia Kamis; Pretto Galiotto; Sabrina Lopes

Novos Integrantes Núcleo:

Ana Ferreira; Ana Johann; Adriano Carvalhaes; Diego Fortes; Emilia Hardy; Emanuelle Sotoski; Fátima Ortiz; Luiz Henrique Dias; Igor Schiavo; Janja; Luciano Ramos Mendes; Luiz Andrioli; Luiz Bertazzo; Luiz Felipe Leprevost; Marcelo Munhoz; Milena Miziara; Nice Novak; Olga Nenevê; Reka; Rumeiro; Silvia Monteiro; Sócrates Fusinato

Núcleos Interior do Estado:

Ponta Grossa e União da Vitória (ministrante Paulo Zwolinski); Londrina e Maringá (Marcelo Bourscheid); Toledo e Cascavel (Douglas Daronco)

2009

Coordenação e Produção: Marcos Damaceno

Orientador: Roberto Alvim

Integrantes Núcleo:

Alexandre França; Andrew Knoll; Angélica Kauffmann; Barbara Lia Soares; Claudia Brito; Cleber Braga; Cynthia Becker; Douglas Daronco; Eliane Karas; Fátima Ortiz; Humberto Gomes; Ligia Oliveira; Lucas Komechen; Luciana Narciso; Marcelo Bourscheid; Max Reinert; Nana Rodrigues; Patrícia Kamis; Pagu Leal; Paulo Zwolinski; Paulo Renato Oliveira; Pretto Galiotto; Otávio Linhares; Rogério Otávio Basílio Viana; Sabrina Lopes.





MOSTRAS DO NÚCLEO

Mostra 2012

Fractal de Patrícia Kamis – encenação Jean Carlos Godoi
Parido de Don Correa – encenação Don Correa
Um rosto que espreme de Ana Johann – encenação Diego Fortes
Ela de Raquel Schaedler – encenação Raquel Schaedler
NomePROPRIO de Nana Rodrigues – encenação Gerson Andrade
Melhor ir mais cedo pular da Janela de Leo Moita – encenação Leo Moita
Mar de Alexandre Lautert
Blow me up de Max Reinert – encenação NikaBraun
Dia Bonito Hoje de Gabriel Rachwal
Eu grito que de Ana Johann – encenação Thadeu Perone

Mostra 2013

Gafanhoto de Paulo Zwolinski – encenação Don Correa
A Multidão Num Mínimo Espaço de Fúria e Medo de Alexandre França – encenação Solange Rodrigues
Toraxx de Jean Carlos de Godoi – encenação Jean Carlos de Godoi
Coração de 29 polegadas de Leo Moita – encenação Leo Moita
Histórias de Cachorros e outros animais de Ana Johann – encenação Talita Neves
Frenesi de Raquel Schaedler – encenação Raquel Schaedler
Devastidão de Andrew Knoll – encenação David Mafra
Full Contact de Andrew Knoll – encenação Andrew Knoll
Asas da Boca de Leo Moita – encenação Murilo Cesca
Hipotermia de Max Reinert – encenação Gerson Deliano
Corte Pálido de Andrew Knoll – encenação Carolina Meinerz
Again Agora e Ainda de Carol Damião – encenação Jean Carlos de Godoi
Ensejos de Kelly Verela
Inuma (Expansão I) Exuma (Expansão II) de Cynthia Becker – encenação Cyntia Necker
Louvores de Cynthia Becker – encenação Melissa Barbosa
Mar de Alexandre Lautert – encenação Alexnadre Lautert
A Sopa de Silvia Monteiro – encenação Alex Wolf
Fim de João Agner – encenação Tiago Batista
Sete de Dione Carlos – encenação Thadeu Perone

Mostra 2014

Satan Circus de Paulo Zwolinski – encenação Eduardo Ramos
O Dia em que nos Perdemos de Leo Moita – encenação Talita Neves
SELFservice de David Mafra – encenação David Mafra
Entre dois continentes da Morte de Marcelo Bourscheidt – encenação Marcel Gritten
Edon - Jean Carlos Sanchez – encenação Jean Carlos Sanchez

Mostra 2015

Perpétuo de Daniele Cristyne – encenação Darlei Fernandes
Florescerro de Gus Hermsdorff – encenação Lucas Fiorindo - Núcleo Maringá
Ave Miss Lonelyhearts de Gustavo Marcasse – encenação Eduardo Ramos
Para Nunca Mais de Cristiano Nagel – encenação Diego Davoli
Meriene de Giovana Gregório – encenação Paulo Alexandre
Aporia em Si de Melanie Peter – encenação Fany Magalhães

Mostra 2017

Escutar e Vagar de Diviane Helena
Sem luz de Helena Carnieri
A Carne Cambiante de Thiago Dominoni
Multidão de Eliza Pratavieira
CENAS DE PERDAS de Patricia Saravy
A Cria de Mia Bueno
O Velho de Juliana Partyka
RITMO 0 de Cecília Villar
Corpo Habitado de Alana Mendes
Pré-Santa ou Canonização de Helen Kaliski

Mostra 2018

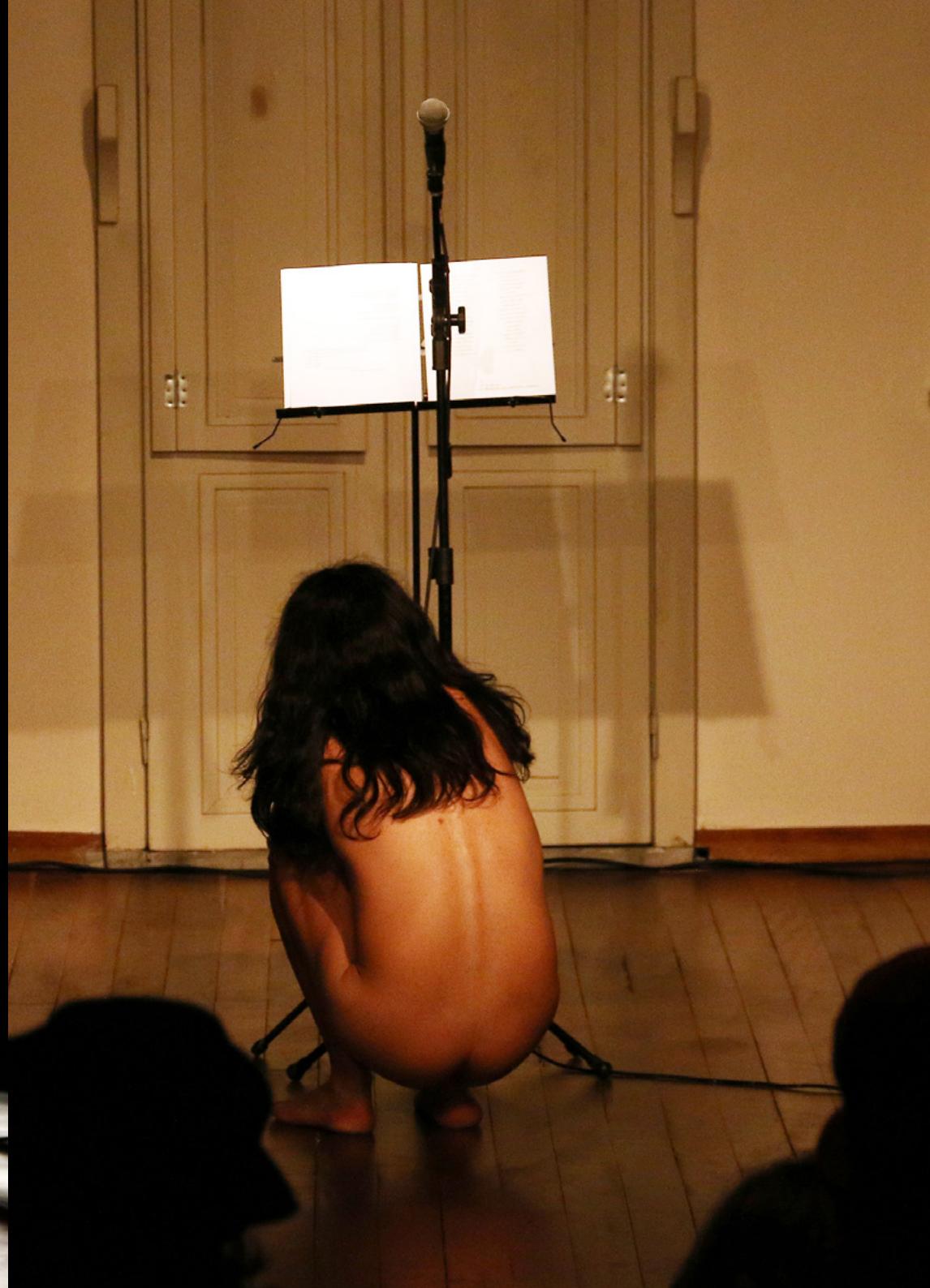
Terra de Jossane Ferraz
Lírio Texto de Matheus Freitas
A Mais Estúpida de Todas as Histórias de Cláudia Souza
Muros de Giana Guterres
A Máscara de Anastácio de Vanessa Ricetti
América de Francisco Mallmann
Paisagens Insólíveis de Thiago Dominoni
O Acaso, o destino e a consciência de Inés Gutiérrez
Peça Número 40 de Beatriz Vasconcelos
Êxodo de Vinícius Medeiros
Torrente Insensata de Milena Plahtyn

Mostra 2019

Leituras de Textos de Alan Norões; Beatriz Vasconcelos; Carlos Canarin; Claudia Souza; Fernando Loch; Gessé Malmann; Izabela Loures; Juliana Nortok; Sandoval Matheus; Thiago Dominoni; Val Salles; Vinicius Medeiros. Cartas aos Autores: Angelica Kauffmann; Alexandre França ; Carol Meinerz; Helena Carnieri; Martina Sohn Fisher; Claudia Souza; Francisco Mallmann; Luiz Bertazzo; Fran Lipinski; Andrew Knoll; Marcel; Szymanski; Ana Johan











FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA SESI PR

Presidente do Sistema Fiep
Carlos Valter Martins Pedro
Diretor Regional do Senai no Paraná Superintendente do Sesi e do IEL Paraná
José Antonio Fares
Gerente Executiva de Projetos Estratégicos
Maria Cristhina de Souza Rocha
Gerente de Cultura do Sesi Paraná
Anna Zétola
Gestor Núcleos Criativos do Sesi
Kleberr Wlader Mendes Pereira
Gestor Núcleo Criativo de Dramaturgia
Lucan Vieira

FICHA TÉCNICA LIVRO

Apresentação Valmir Santos
Coordenação Editorial Ligia Souza Oliveira e Diego Marchioro
Curadoria Fotográfica Elenize Dezgeniski
Fotógrafos Cayo Vieira; Elenize Dezgeniski e Lídia Ueta
Registros de Vídeo Alan raffo e Lidia Ueta
Curadores Ligia Souza Oliveira; Otavio Linhares e Marcelo Bourscheid
Projeto Gráfico Marcos Minini
Revisão de Textos Ligia Souza Oliveira
Direção de Produção Diego Marchioro
Assistência de Produção Elisa Cordeiro

Realização: **Sistema Fiep** **SESI**

Editora e Produtora:



Parceria Editorial:





Sistema Fiep **SESI**

ISBN: 978-65-993171-0-1



9 786599 317101